



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**JÉSSIKA DE SOUSA FERREIRA**

**DO TERRITÓRIO AO LUGAR: VENEZUELANOS EM MANAUS E A  
CONSTRUÇÃO TOPOFÍLICA COM O LUGAR**

**MANAUS**

**2022**

**JÉSSIKA DE SOUSA FERREIRA**

**DO TERRITÓRIO AO LUGAR: VENEZUELANOS EM MANAUS E A  
CONSTRUÇÃO TOPOFÍLICA COM O LUGAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em geografia/PPGEOG da universidade Federal do Amazonas/UFAM, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Território, Espaço e Cultura na Amazônia.

**Orientadora: Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira**

**MANAUS**

**2022**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F383t Ferreira, Jéssika de Souza  
Do território ao lugar : venezuelanos em Manaus e a construção  
topofílica com o lugar / Jéssika de Souza Ferreira . 2022  
109 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Amélia Regina Batista Nogueira  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Percepção. 2. Representação. 3. Imigração. 4. Identidade. 5.  
Lugar. I. Nogueira, Amélia Regina Batista. II. Universidade Federal  
do Amazonas III. Título

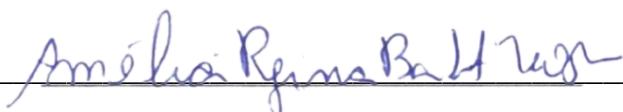
JÉSSIKA DE SOUSA FERREIRA

DO TERRITÓRIO AO LUGAR: VENEZUELANOS EM MANAUS E A CONSTRUÇÃO  
TOPOFÍLICA COM O LUGAR

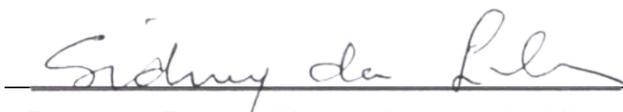
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em: 30/06/2022

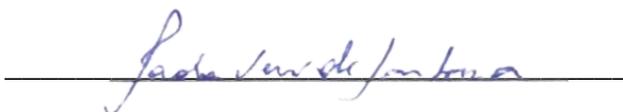
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira  
Universidade Federal do Amazonas  
Orientadora



Prof. (a). Dr. (a). Sidney Antonio da Silva  
Membro Externo



Prof. (a). Dr. (a). Paola Verri de Santana  
Membro do PPGEOG – UFAM  
Universidade Federal do Amazonas

*À igreja, IASD Liberdade, cujas obras me  
encaminharam a estudar a temática em pauta,  
À minha mãe Vilma (in memoriam) uma grande  
incentivadora, que me ensinou o altruísmo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Vilma (in memoriam) e Júdice, por me apoiarem tanto emocionalmente quanto na provisão de recursos para investir em meus estudos;

Às amigas Julimar, Denise e Tarciana, Francielen e tia Ângela que deram apoio motivacional e orações;

Aos familiares e amigos que fiz ao longo do mestrado, que torceram para meu sucesso nessa trajetória;

Aos imigrantes que colaboraram com a Pesquisa, sempre tão solícitos a contribuir para elaboração deste trabalho;

À Universidade Federal do Amazonas e ao PPGEIO pela oportunidade de obter o título de mestre e, principalmente, por proporcionarem uma formação de excelência aos discentes;

À SEDUC pelo convênio firmado junto à UFAM, que nos possibilitou realizar esta pesquisa;

A Prof.<sup>a</sup> Dr. Ivani Ferreira de Faria, minha primeira orientadora, por me acompanhar nas disciplinas e estágio;

Aos professores do Curso, à Banca Examinadora, e em especial a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Amélia Regina Batista Nogueira, por apresentar a geografia contida nas experiências das pessoas com os lugares e a riqueza da abordagem cultural, o que possibilitou a realização deste trabalho;

E, especialmente, a DEUS.

## RESUMO

Nas últimas décadas tem aumentado o número de pessoas que se acham fora de seu país de origem, isto se deve a vários motivos. É possível acompanhar a cada dia nos noticiários a situação em que vivem os refugiados e migrantes. Conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU) são mais de 25,4 milhões de pessoas em todo o mundo, uma realidade que preocupa os Estados nacionais. A Venezuela é um dos países de onde centenas de pessoas tem migrado em direção ao Brasil. Os refugiados e migrantes buscam obter o apoio e acolhimento no país ao qual se destinam. Diante do exposto, decidimos verificar os trajetos dos migrantes, como estes se apropriaram e compartilharam experiências e a partir delas (re)construíram os lugares destacando suas especificidades. O objetivo deste trabalho foi compreender como os imigrantes venezuelanos se inserem na cidade de Manaus no sentido topofílico na intenção de uma construção de uma identidade neste lugar. Todavia, para não nos limitarmos a percepção e inserção do imigrante, consideramos também a percepção daqueles que já habitavam o lugar, a fim de entender como o outro os veem. O trabalho foi uma oportunidade de verificar quais políticas públicas o estado tem desenvolvido no sentido de inserção dos venezuelanos na cidade de Manaus.

**Palavras-chave:** Percepção. Representação. Imigração. Identidade. Lugar.

## RESUMEM

En las últimas décadas se ha incrementado el número de personas que se encuentran fuera de su país de origen, esto se debe a varias razones. Es posible seguir la situación en la que viven refugiados y migrantes todos los días en las noticias. Según datos de la Organización de las Naciones Unidas (ONU), en el mundo hay más de 25,4 millones de personas, una realidad que preocupa a los Estados nacionales. Venezuela es uno de los países desde donde cientos de personas han migrado hacia Brasil. Los refugiados y migrantes buscan apoyo y acogida en el país al que están destinados. En vista de lo anterior, decidimos verificar los caminos de los migrantes, cómo se apropiaron y compartieron experiencias ya partir de ellas (re)construyeron los lugares, destacando sus especificidades. El objetivo de este trabajo fue comprender cómo los inmigrantes venezolanos se insertan en la ciudad de Manaus en el sentido topófilo para construir una identidad en este lugar. Sin embargo, para no limitarnos a la percepción e inserción del inmigrante, consideramos también la percepción de quienes ya habitaron el lugar, para comprender cómo los ve el otro. El trabajo fue una oportunidad para verificar qué políticas públicas ha desarrollado el estado para la inserción de los venezolanos en la ciudad de Manaus.

**Palabras clave:** Percepción. Representación. Inmigración. Identidad. Lugar.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização de entrevistas com imigrantes.....	18
Figura 2: Trajeto do Migrante venezuelano 01 .....	51
Figura 3: Trajeto do Migrante venezuelano 02 .....	53
Figura 4: Trajeto do Migrante venezuelano 03 .....	55
Figura 5: Trajeto do Migrante venezuelano 04 .....	58
Figura 6: Ocupação na rodoviária pela etnia Warao .....	68
Figura 7: Barracas outlaser como abrigos para os migrantes venezuelanos .....	68
Figura 8: Rua Quintino Bocaiúva.....	85
Figura 9: Sede da Hermanitos .....	86
Figura 10: Praça dos venezuelanos .....	88
Figura 11: Praça do Conjunto Nova República .....	88
Figura 12: Rua Pedro Botelho .....	90
Figura 13: Prédio moradia dos venezuelanos .....	90
Figura 14: Rua Joaquim Nabuco no período da noite .....	91
Figura 15: CARE .....	91
Figura 16: Mapa de localização dos moradores entrevistados .....	92

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Trajeto dos Imigrantes venezuelanos que participaram da pesquisa.....49

## **LISTA DE SIGLAS**

ONU – Organização das Nações Unidas

SEJUSC – Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

SEMAC – Secretaria Municipal de Coordenação e Administração nos Bairros

OIM – Organização Internacional para as Migrações

UNFPA – Fundo de População das Nações Unidas

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PTRIG – Posto de Interiorização e Triagem

DPE – Defensoria Pública do Estado

DNV – Declaração de Nascido Vivo

SEDUC-AM – Secretaria do Estado de Educação e Desporto do Amazonas

SEMED – Secretaria Municipal de Educação de Manaus

CARE – Centro de Apoio e Referência a Refugiados e Migrantes

SISCONARE – Sistema do Comitê Nacional para os Refugiados

CAPS – Centros de Atenção Psicossocial

CETAM – Centro de Educação Tecnológico do Amazonas

SEMAC – Secretaria Municipal de Coordenação e Administração nos Bairros

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. MIGRAÇÃO E IDENTIDADE: O LUGAR E SEU (RE) SIGNIFICADO.....	23
1.1. A Geografia humanista-cultural.....	23
1.1.1. Estudo das Representações.....	24
1.1.2. A Fenomenologia na Geografia: outros caminhos.....	28
1.2. Migração: um desterritorializar-se para encontrar o lugar.....	32
1.2.1. Reconstruindo identidades no/com o lugar.....	33
1.3. Imigrante: o sujeito em circulação a procura de um lugar.....	37
1.3.1. Lugar: o desejo de permanecer.....	42
2. IMIGRAÇÃO E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA – OS MAPAS MENTAIS E AS HISTÓRIAS.....	47
2.1. Migração venezuelana em Manaus.....	59
2.2. Manaus sob a perspectiva dos migrantes venezuelanos.....	74
3. PERCEPÇÃO DA CIDADE E PELA CIDADE: A CHEGADA “DOS VENEZUELANOS”.....	83
3.1. Paisagens dos venezuelanos em Manaus e estratégias de inserção.....	83
3.2. A percepção dos habitantes de Manaus sobre a inserção dos migrantes venezuelanos.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas tem aumentado o número de pessoas que se acham fora de seu país de origem, isto se deve a vários motivos. É possível acompanhar a cada dia nos noticiários a situação em que vivem os refugiados e migrantes. Conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU) são mais de 25,4 milhões de pessoas em todo o mundo, uma realidade que preocupa os Estados nacionais. A Venezuela é um dos países de onde centenas de pessoas têm migrado em direção ao Brasil. Os refugiados e migrantes buscam obter o apoio e acolhimento no país ao qual se destinam. Estão dispostos a enfrentar quaisquer que sejam os desafios em seus trajetos.

A cidade de Manaus é um dos destinos procurados por imigrantes venezuelanos. Alguns deles não realizaram seu percurso diretamente para a cidade, e a despeito de estabelecerem uma relação com o lugar de vivência, não quer dizer que ali permanecerão. A crescente presença de imigrantes venezuelanos nas ruas da cidade instituiu ações de integração social por parte de organizações públicas e privadas. A Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania (SEJUSC) em conjunto com outros órgãos tem conduzido os migrantes a abrigos, dando acesso à documentação regular para que se insiram no mercado de trabalho, agilizando sua permanência na cidade. No entanto, a quantidade de recursos não foi suficiente para atender a demanda do fluxo migratório, o que resultou na alteração do formato do Projeto Acolhida.

Inicialmente grande parte dos imigrantes se instalaram em acampamentos improvisados nos arredores da rodoviária em Manaus. Muitos apresentam-se como refugiados, em situação de perseguição política ou crise humanitária, entram no Brasil a partir da fronteira entre Venezuela e o estado de Roraima e daquela região migram para outros estados vizinhos. Seus trajetos migratórios são repletos de experiências e de vivências que os adquirem nos diversos lugares. São lembranças agradáveis ou não, do lugar que deixaram e por onde percorreram, todas memórias surgem de relações estabelecidas entre o sujeito e o lugar.

Migrar significa uma oportunidade de reconstruir a vida em outro lugar de uma forma mais digna. Por outro lado, também é afastar-se fisicamente dos lugares de afeto, dos amigos, da família e língua, que formam a identidade. É deixar para trás uma vida que se construiu e não ter a certeza de um retorno. Inserir-se num território

desconhecido o que demandará a percepção e a construção de uma identidade territorial com o novo lugar, um desafio para o migrante. Tais observações direcionam a uma reflexão sobre o mundo vivido do ser e o entendimento do sentido dos fenômenos.

Estudar a relação dos homens com o espaço e ambiente considerando seus valores crenças, símbolos e atitudes e como os (re)constróem em lugares distantes de seu lugar de origem é uma forma de entender a situação dos migrantes e respeitar sua cultura e sua motivação, bem como também ajudá-lo a inserir-se na cultura de outros lugares. Sendo assim, propusemos nesta pesquisa fazer uma reflexão sobre os deslocamentos de imigrantes venezuelanos em direção a Manaus sob a ótica da Geografia Humanista –Cultural e pensar sobre as políticas públicas mais inclusivas para o migrante.

A chegada dos venezuelanos a cidade de Manaus, levantou alguns questionamentos que serviram de motivação para esta pesquisa, a problemática se direcionou em duas discussões. A primeira buscou compreender como tem ocorrido a inserção dos imigrantes venezuelanos na cidade de Manaus, e como esses sujeitos vêm construindo uma relação topofílica com o lugar? No segundo momento, buscamos compreender como os moradores da cidade percebem a presença desse migrante e como estes, por sua vez, sentem essa percepção?

Esta pesquisa foi uma oportunidade de verificar os trajetos dos migrantes, como estes se apropriaram e compartilharam experiências e a partir delas (re)construíram os lugares destacando suas especificidades. O objetivo deste trabalho foi compreender como os imigrantes venezuelanos se inserem na cidade de Manaus no sentido topofílico na intenção de uma construção de uma identidade neste lugar. Todavia, para não nos limitarmos à percepção e inserção do imigrante, também consideramos a percepção daqueles que já habitavam o lugar, a fim de entender como o outro os vê.

Para atingir o objetivo principal da pesquisa determinamos mais cinco objetivos específicos: descrever as narrativas das experiências vividas pelo migrante venezuelano de sua saída do lugar de origem até Manaus; representar os lugares vivenciados pelos imigrantes venezuelanos através dos seus mapas mentais construídos ao longo da viagem de seu lugar à cidade de Manaus; entender como os migrantes venezuelanos percebem e são percebidos pelos habitantes da cidade de

Manaus; descrever quais as estratégias de inserção na cidade que os imigrantes venezuelanos têm no sentido de uma construção topofílica; verificar quais políticas públicas o estado tem desenvolvido no sentido de inserção dos venezuelanos na cidade de Manaus.

A eliminação de barreiras legais que até então restringiam a liberdade dos imigrantes no Estatuto do Estrangeiro, desburocratiza a entrada destes no Brasil. Fundamentada na doutrina ultranacionalista de segurança nacional a lei representava um entrave para a consolidação de relações migratórias rígidas e para a direção de uma política pública migratória inclusiva. A nova Lei de Migração em sintonia com os tratados de direitos humanos visa o propósito do desenvolvimento humano, social e dos migrantes (KENICKE E LORENZETTO, 2017).

Do contato direto com migrantes em uma visita a um dos abrigos para venezuelanos na cidade de Manaus (AM) no ano de 2018, ouvimos relatos sobre as dificuldades enfrentadas no caminho percorrido desde a saída de seu país até a chegada ao Brasil. Ouviu-se ainda que muitos em seus trajetos se submetem a longas caminhadas exaustivas, enfrentando situações de preconceito racial, xenofobia, aporofobia logo ao adentrar as cidades brasileiras.

Esses tipos de hostilidade são comuns em outros casos de migração ao redor do mundo. Em seu livro *Aporofobia, el rechazo al pobre* (a aversão ao pobre), Adela Cortina faz um estudo sobre a situação dos refugiados na Espanha e conclui que a xenofobia ou racismo formas de aversão ao imigrante ou refugiado, acontecem não por sua condição de estrangeiros, e sim porque são pobres. Por esse motivo, Cortina cria esse termo para nomear este tipo de hostilidade usando o prefixo grego áporo, designado as pessoas, e o sufixo fobia que quer dizer medo (FRIERA, 2018).

A partir das considerações citadas e dos relatos investigamos se esse fenômeno ocorre na cidade de Manaus. Buscamos compreender como os habitantes da cidade reagem à chegada do migrante se existem situações de hostilidade, desconfiança ou rejeição. A chegada dos imigrantes e refugiados pode ser um período marcado por manifestações negativas da sociedade local, por temerem que os imigrantes com poucos recursos econômicos causem desordens econômicas em seu país.

Existem casos em que as manifestações negativas são encorajadas por governantes que tendem a disseminar ideias anti-imigração. Como no caso do ex-presidente dos Estados Unidos – Donald Trump, que defendia a polêmica construção de um muro impenetrável na fronteira do México para impedir a entrada de migrantes latino-americanos em seu país. Em seu entender o muro impediria a imigração ilegal e o narcotráfico, sua fala agressiva e generalizante acusa os mexicanos de serem um problema que precisa ser tratado como questão de segurança nacional (CHECK, 2019).

Diante disso, vimos nessa pesquisa uma oportunidade para verificar como essas políticas ultranacionalistas têm refletido no acolhimento dos migrantes venezuelanos que chegam a Manaus. Como temos observado, a hostilidade torna a inserção do migrante mais burocrática em alguns países além de dificultar a construção de laços com o novo lugar. Verificar a percepção dos habitantes do lugar sobre o migrante nos ajuda a compreender o posicionamento dessas pessoas, também permitiu abrir um diálogo com a sociedade sobre a crise migratória e quais políticas públicas estão sendo feitas para minimizar o sofrimento dos migrantes.

A Organização das Nações Unidas (ONU) tem destinado muitos recursos aos governos e instituições particulares para projetos de acolhimento dos migrantes. Na cidade de Manaus as instituições públicas e privadas não conseguem atender a todas as necessidades dos migrantes. Sendo assim, o estudo foi também uma oportunidade para saber se existe o envolvimento da esfera municipal nesta operação, se as políticas públicas desenvolvidas são soluções permanentes ou temporárias e o que está se efetivando no momento. Entender as estratégias de inserção dos migrantes venezuelanos na cidade no sentido de uma reterritorialização, pode ajudar a desenvolver políticas mais inclusivas e menos discriminatórias.

A abordagem utilizada foi a Geografia humanista-cultural por trabalhar a partir de uma abordagem compreensiva, relacionar-se com o historicismo, trabalhar temas como contatos e mudanças culturais, migrações e outros relacionados à ação humana, a valorização da cultura fez parte do seu processo de renovação, e nesse processo teve influência da filosofia, fenomenologia e do materialismo cultural (CORRÊA e ROSENDAHL, 2010). Essa nova geografia evidencia o papel do espaço na vida dos homens, o espaço percebido, modelado, dominado e sonhado.

Nesse sentido, os procedimentos metodológicos levaram em conta o tipo de pesquisa qualitativa na perspectiva fenomenológica, que consiste na busca pela interpretação e compreensão dos fenômenos. O método qualitativo compreende e interpreta as experiências dos indivíduos no contexto em que foram vividas, tratando de valores, emoções, subjetividades e comportamentos (GOLDENBERG, 2004). Como todo estudo humanista requer a aplicação do método de investigação, as metodologias que foram utilizadas são as que evidenciam os sujeitos e traduzem suas percepções.

Iniciamos a pesquisa fazendo uma revisão bibliográfica, na qual discutimos os conceitos que serão utilizados. A pesquisa foi encaminhada tomando como referência orientações metodológicas como trabalho de campo com observação direta, que tem como propósito a aproximação entre nós (pesquisadores) e os sujeitos entrevistados, os venezuelanos e os habitantes da cidade de Manaus. Realizamos entrevistas estruturadas ou semiestruturadas com base no gênero história oral de vida, pois narra o conjunto de experiências de vida de uma pessoa. Nela o sujeito é livre para dissertar sobre sua experiência pessoal, podendo contá-la conforme sua vontade e condições (MEIHY, 2002).

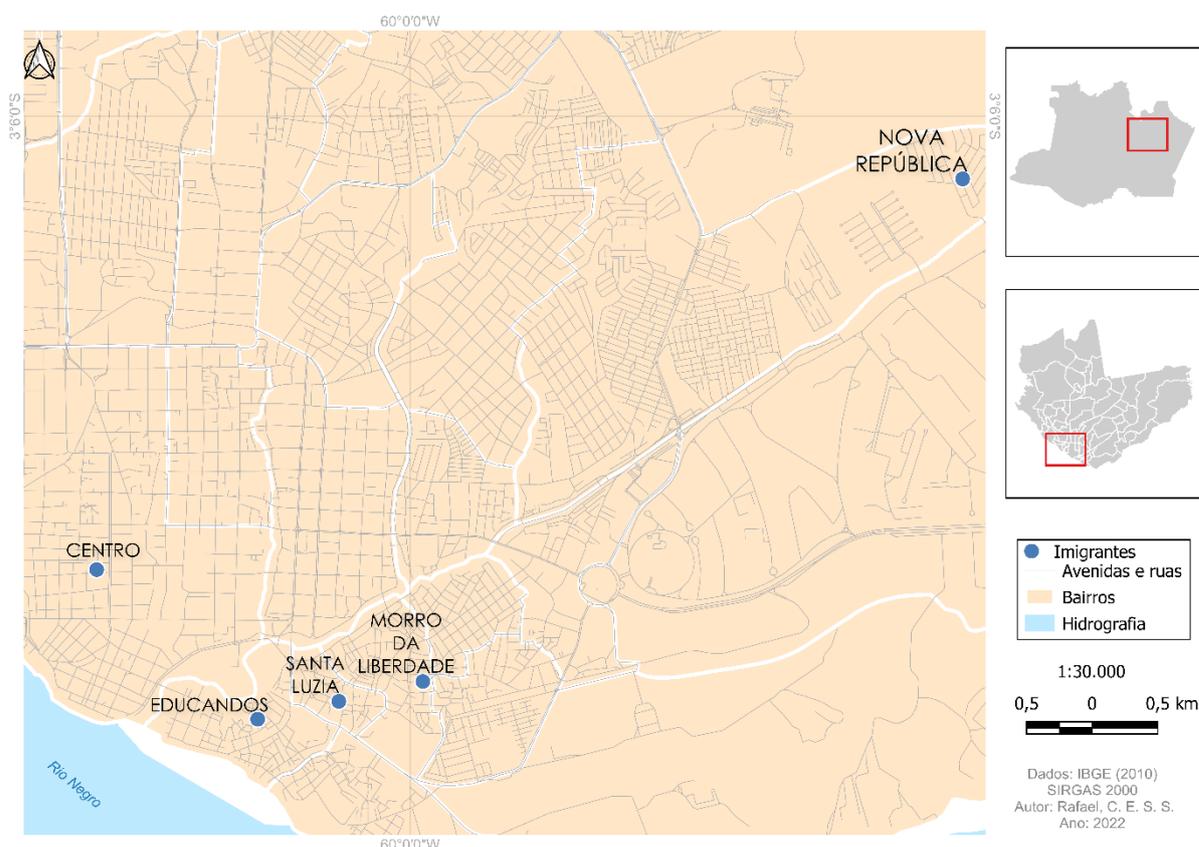
O objetivo das entrevistas com os venezuelanos não é fazer um estudo aprofundado de suas culturas, mas descrever sua vivência, dos lugares, do comportamento, da circulação na cidade, a fim de compreender como se inserem na cidade de Manaus e como se (re)significam. Os relatos de experiências e suas narrativas de viagem podem conter diversas descrições dos lugares e fatos que mudaram sua história, portanto propomos um desafio aos imigrantes, a elaboração de mapas mentais com base nessas descrições. Disponibilizamos os materiais, lápis ou caneta, papel ofício A4, lápis para colorir para a confecção dos mapas que ocorrerá no ato das entrevistas.

Como critérios de inclusão dos venezuelanos a serem entrevistados, a princípio definimos que seriam no máximo 10 entrevistados dentre homens e mulheres maiores de 18 anos, inseridos no mercado de trabalho formal ou informal. Nossa proposta era de que as 5 primeiras famílias seriam contatadas nos abrigos ou por meio de contatos pessoais com venezuelanos e a partir destas buscaríamos as demais famílias que seriam indicadas pelos primeiros entrevistados.

O propósito de deixar os imigrantes indicarem os próximos entrevistados era descobrir se existe uma rede de contatos entre eles, e se a partir dessa rede eles mantinham uma identidade. No entanto, não foi possível efetivar a pesquisa com este número de entrevistados, devido ao distanciamento físico adotado na pandemia de Covid-19. Sendo assim optamos por entrevistar apenas 5 migrantes venezuelanos.

O primeiro contato com o MIGRANTE 01 foi através da igreja Adventista do Sétimo Dia, do bairro Morro da Liberdade. O IMIGRANTE 04 na igreja Adventista do Sétimo Dia, do bairro do Educandos. Eles começaram a frequentar a igreja nos períodos de flexibilização da quarentena. As igrejas promovem ações sociais que auxiliam os migrantes e estes passam a fazer parte da congregação. O IMIGRANTE 02 foi apresentado por uma religiosa da igreja Assembleia de Deus no bairro Santa Luzia. O MIGRANTE 05, morador do bairro Centro, foi indicado pelo MIGRANTE 04 e o MIGRANTE 03, morador do bairro Nova República, foi indicado por um conhecido da autora da pesquisa (Figura 01).

Figura 1: Mapa de localização de entrevistas com imigrantes



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: RAFAEL, C. E. S. S. (2022).

Os imigrantes contribuíram para a criação do acervo fotográfico de paisagens que mais representam sua presença na cidade, a fim de fortalecer a ideia de como estão percebendo a cidade. Outro direcionamento da pesquisa foi quanto aos moradores da cidade de Manaus, como estes percebem a chegada do imigrante e o insere no contexto territorial da cidade. A primeira característica destacada no imigrante é o idioma. O espanhol passou a ser comumente ouvido nas ruas, de modo que a maioria dos moradores de Manaus classifica os imigrantes falantes de espanhol como venezuelanos, embora existam outras nacionalidades falantes do espanhol na cidade. As entrevistas com os moradores de Manaus que estão percebendo a chegada dos venezuelanos possibilitaram identificar outras formas de percepção.

Quanto aos critérios de inclusão dos moradores da cidade de Manaus, definimos 5 entrevistados entre homens e mulheres maiores de 18 anos, que atendiam os seguintes critérios: moradores de bairros com presença de venezuelanos; ou moram próximos de abrigos ou pontos da cidade com fluxo de venezuelanos; passam por pontos da cidade com presença de migrantes; frequentam residências, comércios e salões com presença venezuelana. Algumas entrevistas foram realizadas antes do período da pandemia de covid-19, outras foram realizadas no período de relaxamento da quarentena. Solicitamos também que os habitantes da cidade fotografassem ou descrevessem uma paisagem que representa a presença venezuelana na cidade.

Para as entrevistas escolhemos o procedimento metodológico pautado na história oral porque permite gravarmos as narrativas pessoais, usando aparelhos eletrônicos. Segundo Meihy (2002), nessa metodologia a coleta de dados se divide em três fases: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. Na pré-entrevista ocorre o primeiro encontro entre entrevistador e entrevistado, nela acontecem as apresentações de ambos, define-se quem conduzirá as gravações, no caso, o entrevistador. Se explicará o objetivo do trabalho, será solicitada a autorização para gravar, transcrever e publicar os depoimentos, definir-se o local, a data e o tempo da gravação (sempre com flexibilidade e seguindo a dinâmica das narrativas).

Este procedimento foi efetivado nos dois grupos, os imigrantes venezuelanos e os moradores da cidade de Manaus, de modo que ficaram à vontade para falar e foram respeitadas as limitações impostas pelos entrevistados. Nas entrevistas das gravações relembramos o tema do projeto e o papel do colaborador (entrevistado). As

perguntas foram amplas e colocadas em grandes blocos, de maneira que indicassem os grandes acontecimentos, esses blocos divididos em três ou quatro partes, no máximo cinco, o entrevistador fala pouco para estimular o entrevistado, mas sem o confrontar (MEIHY, 2002).

No caso dos venezuelanos, a entrevista foi semi-estruturada em três blocos, partindo de três pontos importantes: 1) A decisão de sair; 2) A chegada no Brasil; 3) A chegada em Manaus. Em relação aos moradores da cidade, as entrevistas foram estruturadas em 4 blocos de perguntas, tais como: 1) Você percebe a presença venezuelana em sua cidade? 2) Conhece algum venezuelano? 3) Se sente confortável com a presença deles? 4) Que lugares da cidade vem em sua mente quando pensa nos venezuelanos? Optamos por deixá-los falarem livremente, interrompendo apenas quando houvesse necessidade de esclarecer algo que o entrevistador não tivesse compreendido.

Os colaboradores da pesquisa aceitaram participar de forma espontânea, estavam dispostos a relatar suas histórias. Um dos migrantes venezuelanos, o IMIGRANTE 01, foi um colaborador direto da pesquisa, nos ajudou a traduzir para o português as demais narrativas dos outros imigrantes entrevistados gravadas em espanhol. Ele falava o português visto que sua narrativa foi toda gravada e transcrita em português. Sua colaboração foi muito importante, porque o idioma espanhol apresenta uma alta velocidade de fala, que dificulta o processo de transcrição de áudio para texto das narrativas, principalmente para quem não tem o domínio deste idioma.

O segundo momento do trabalho foi a pós-entrevista que começa com a etapa da transcrição. Conforme Meihy (2002) nela a história gravada (estágio oral) passa para o código escrito, sendo feita por quem dirige o projeto. Faz-se a conferência do material gravado com o texto, demonstra-se o texto escrito (resultante das gravações) para o entrevistado e verifica-se os erros de datas, imprecisões de nomes citados e equívocos de digitação, pede-se a autorização para o uso das informações, e sempre que possível, se publica os resultados, não se deve esquecer que os primeiros a terem acesso a esses resultados serão o grupo ou pessoa que gerou a entrevista.

Feita a transcrição em seguida veio a textualização, fase em que o material recolhido pela entrevista se transforma em texto comum, nela se eliminam as perguntas, os erros gramaticais, os sons e ruídos e conserta-se as palavras sem valor semântico. MEIHY (2002) a denomina de transcrição que é o resultado das etapas

anteriores, ou melhor, o texto recriado em sua totalidade. Nele existe a interferência do autor e o texto será reelaborado diversas vezes, sempre seguindo o que foi combinado com o colaborador, que validou o texto no momento da conferência.

Segundo Meihy (2002) no momento da passagem da fala para a escrita pode ocorrer diferenças, nesta ocasião o mais importante é preservar o sentido do texto, e não as palavras em si. Para alcançar esse propósito deverão ser feitas intervenções e desvios apropriados que determinarão se a transcrição tem validade ou não. A conferência do texto pelo colaborador sempre é fundamental para garantir a validade dele, pois disso depende a comprovação da qualidade final do texto.

O processo de interpretação foi um recurso utilizado nessa fase, pois este método favorece a compreensão do comportamento social e identitário, e requer uma proximidade entre o pesquisador e o sujeito. Conforme Gomes (1996) o objetivo principal da hermenêutica (arte de interpretar) não é criar leis generalizantes, mas traduzir e transmitir um sentido que existe a priori, compreendendo os fatos em sua totalidade, a interpretação se associa à subjetividade da geografia humanista-cultural.

É importante destacar as organizações que contribuíram fornecendo informações importantes para a pesquisa, tais como: a Cáritas Arquidiocesana de Manaus, organização da sociedade civil de cunho católico, que apoia o projeto de interiorização voluntária de venezuelanos. O projeto é anual e atua desde 2010 em conjunto com a Pastoral dos Migrantes auxiliando os haitianos que chegaram à cidade de Manaus, em 2018 estenderam a ajuda aos venezuelanos. Em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), seu objetivo é acolher e promover a integração dos solicitantes de refúgio e refugiados na sociedade local, além de auxiliar na promoção de seus direitos e deveres, mediante o apoio para a regularização da sua documentação.

A ACNUR em parceria com a Operação Acolhida da SEJUSC, estão atuando no sentido de organizar a acolhida dos migrantes venezuelanos na cidade de Manaus. O alvo deixou de ser o abrigo, e no lugar foram construídos albergues com maleiro para os migrantes passarem a noite e ter um lugar onde deixar seus pertences enquanto buscam emprego durante o dia. A operação visa interiorizar os migrantes, direcionar essas pessoas a outros estados ou outros países da América do Sul.

A operação resulta da atuação em conjunto das Forças Armadas, estado, município, e agências internacionais como Organização Internacional para as Migrações (OIM), a ACNUR, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). O objetivo dos postos é o atendimento inicial desses imigrantes e tentar ao máximo facilitar o acesso aos seus direitos dentro da cidade de Manaus. O atendimento consiste em preencher formulários e fotografar os migrantes para cadastrá-los num banco de dados e dar o apoio que precisam.

Por fim, a dissertação ficou estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo definimos conceitos de lugar enquanto identidade e migração, fazendo uma relação entre esses conceitos na abordagem da geografia humanista. Falamos da importância e contribuições do estudo das representações e da fenomenologia na geografia. Definimos os tipos de deslocamentos populacionais que existem no mundo, no Brasil e na cidade de Manaus. No segundo capítulo mostramos as representações gráficas de seus trajetos construídos em mapas mentais, os trajetos (locais por onde passaram), mostrando a Geografia sob o olhar do migrante. Dissertamos sobre a chegada dos imigrantes venezuelanos a cidade de Manaus, a percepção desses sobre a cidade. No terceiro capítulo descrevemos a percepção da cidade em relação a chegada dos migrantes. Os principais desafios para a integração destes imigrantes no território brasileiro, possibilidades e dificuldades no processo de apropriação simbólica do espaço vivido neste novo território.

## 1. MIGRAÇÃO E IDENTIDADE: O LUGAR E SEU (RE) SIGNIFICADO

A Uma pessoa é um organismo biológico, um ser social e um indivíduo único; percepção, atitude e valor refletem os três níveis do ser. Os seres humanos estão biologicamente bem equipados para registrar uma grande variedade de estímulos ambientais. A maioria das pessoas durante suas vidas fazem pouco uso de seus poderes perceptivos. A cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados. [...] O indivíduo transcende a influência penetrante da cultura. Todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira é fútil (TUAN, 1980, p. 284-285).

Neste primeiro capítulo mostraremos as contribuições de alguns geógrafos que elaboraram trabalhos na perspectiva fenomenológica para formação da Geografia humanista-cultural. Estes trabalhos buscam entender o comportamento humano e conhecer o mundo vivido dos sujeitos, também definiremos os conceitos de identidade, migração e lugar, que nortearão a reflexão sobre como os migrantes constroem uma identidade com o lugar. Sabemos que a identidade é revelada na interação do eu com o outro, a relação dos migrantes com os habitantes do lugar pode gerar uma identificação, ou não, que conduz a ideia de pertencimento.

### 1.1. A Geografia humanista-cultural

Ciência que estuda a sociedade e tudo que nos cerca a Geografia antes mesmo de ser considerada com ciência já estava presente em relatos de viajantes, naturalistas, filósofos e homens comuns. Segundo Sauer (2012) as sagas e mitos contadas por estes homens evidenciaram o sentido do lugar e a luta do homem contra a natureza, eram descrições que mais tarde deram origem aos mapas. Estas descrições e mapas serviram de base para formação das visões, corológica e cosmológica da geografia, observadas respectivamente nos trabalhos de Humboldt e Ritter.

Essa dualidade entre as visões corológica e cosmológica acentuou-se porque os geógrafos cada vez mais alinhavam-se às correntes racionalistas e positivistas em seus trabalhos para buscar o reconhecimento da disciplina enquanto ciência Gomes (1996). Alguns até observavam a dimensão humana, porém sem separar-se das correntes de pensamento dominantes, destacam mais os aspectos físicos em seus trabalhos. Um exemplo, conforme Claval (2007) foi Sauer que apesar das importantes contribuições de seu estudo da morfologia da paisagem considerava o homem apenas um agente portador da cultura e modelador da paisagem. Outra contribuição

importante foram as análises dos gêneros de vida de Vidal, o qual concluiu que as paisagens refletem a organização social do trabalho.

Em contrapartida surgiu um outro grupo de geógrafos influenciados pelo romantismo que questionaram essa posição de “única” verdade científica atribuída a objetividade conforme Gomes (1996). Segundo Holzer (2016) os geógrafos de países de língua inglesa, principalmente Estados Unidos, propuseram uma busca por alternativas epistemológicas, outros caminhos metodológicos subjetivos, filosóficos, argumentativos que buscam o sentido do ser, fazendo surgir a Geografia humanista, movimento de renovação da disciplina que apontou um outro caminho para geografia cultural.

Sobre este período Claval (2007) aponta que o progresso tecnológico contribuiu para uma uniformização de hábitos que tornou o conceito de gêneros de vida de Vidal inadapável à sociedade urbana industrial, heterogênea e generalizada. Esse contexto obrigou os geógrafos culturais a interessar-se pelos significados da paisagem, aderindo uma abordagem mais interpretativa do que morfológica, considerando o estudo das representações. Nesta nova geografia humanista-cultural, os geógrafos buscam os significados e reconhecem o papel da imaginação humana.

### **1.1.1. Estudo das Representações**

A geografia cultural pós-70 passou por um processo de renovação que culmina com a reformulação da teoria cultural. As críticas ao determinismo cultural de Sauer e sua não consideração dos fatores psicológicos individuais e organização social em seus estudos, levaram os geógrafos a elaborar uma nova teoria na qual a cultura poderá ser resultado da consciência e práticas humanas bem como ser causadora delas (DUNCAN, 2002). Essa nova proposta impulsionou os geógrafos a estudar questões relacionadas à dimensão imaterial e subjetiva do espaço.

Conforme Corrêa e Rosendhal (2012) o conceito de cultura passa a referir-se aos significados criados e recriados por grupos sociais nas diferentes esferas de vida em suas particularidades espaciais. Logo, os geógrafos buscaram interpretar os significados analisando os espaços e ações dos sujeitos, na dimensão simbólica, por meio das representações. O estudo das representações permite compreender a criação de significados atribuídos à natureza e as construções humanas. Os

geógrafos lançam-se aos estudos dos monumentos, formas simbólicas, a religião, festas e outros simbolismos.

Alguns geógrafos se propuseram a estudar as representações materiais e sua referência, um deles foi David Harvey em estudo sobre os significados políticos por trás da construção de um templo em Paris, eles entenderam que os sistemas de representação têm uma função e marcam um determinado tempo (CORRÊA, 2013). Outros geógrafos recorreram à teoria literária, linguística e hermenêutica, associado ao método fenomenológico, a fim de entender a relação afetiva entre homem e terra, e as memórias do lugar Gomes (1996, p. 334) aponta que:

A via alternativa proposta por estes autores é o reencontro da ciência com a arte. Deste reencontro surge um novo horizonte de interpretação que apela para os sentimentos, para as projeções e representações individuais, temas que não podem ser aceitos sem problemas pela fenomenologia clássica. Além disso, a despeito do rótulo fenomenológico, os partidários destas novas tendências procuram suas fontes nos domínios mais variados: poetas, escritores antropólogos e filósofos de orientações diversas.

Compreender a percepção de mundo dos sujeitos tornou-se o objetivo da geografia humanista. Conforme Claval (2008) essa nova geografia busca compreender o modo como as pessoas vivem, experienciam os lugares que ocupam ou percorrem, encontram outros sujeitos e grupos, conferem um sentido a esses contatos e esforçam-se para modificar as realidades nas quais vivem. A análise das representações é fundamental, pois permite compreender como as coisas são construídas e quais os significados que elas têm na vida dos homens, diz o autor. Assim,

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2000, p. 17).

Os sistemas simbólicos geram uma memória, uma carga emotiva que dá sentido à nossa experiência. Woodward (2000) acrescenta que a representação, entendida como um processo cultural, auxilia no processo de construção identitária individual e coletiva e os sistemas simbólicos nos quais se baseia, possibilita entender a percepção e representação do vivido nos lugares pelos sujeitos da pesquisa, observando a relação determinada no e com o lugar, acentuando os fatores mais expressivos nesse processo.

Esta nova perspectiva interdisciplinar cultural, vai além da definição de cultura como sistema de criação de signos e passa a considerar os textos que permitem múltiplas leituras (DUNCAN, 2004). Segundo o autor, os discursos expressam as visões de mundo e podem ser importantes aliados para decifrar os significados das representações, a construção dos lugares e descrição de paisagens. Todavia, não devemos esquecer que todo discurso tem uma ideologia inscrita nele e pode representar grupos de pessoas politicamente distintas que revelarão em seus discursos seus interesses.

Por este motivo, utilizamos neste trabalho a metodologia da história oral e narrativas pessoais, pois permitiu aos imigrantes, descreverem os lugares por onde percorreram retratando as paisagens, acontecimentos, obstáculos e suas motivações. Buscamos conhecer as descrições dos lugares que os migrantes venezuelanos percorreram em seus trajetos, o conhecimento concreto deles, adotando suas representações espaciais e seus discursos. Para assim, interpretamos as informações da forma como eles as demonstraram, partindo de alguns caminhos fenomenológicos que ajudaram nesse processo, pois nos permitiu descrever diretamente a experiência tal como ela aconteceu.

As narrativas de viagens podem ser contadas tanto do ponto de vista de quem viajou quanto daquele que nunca saiu do lugar. Benjamin (1994) em suas considerações referente a obra de Nicolai Leskov, afirma que as melhores narrativas escritas se originam de histórias orais<sup>1</sup> contadas por anônimos que se distinguem em dois grupos. Dos que viajam, o viajante, e dos que nunca saíram de seu lugar e conhecem suas histórias e tradições. Cada modo de vida conservou suas características próprias e a narrativa histórica completa é a fusão desses dois tipos de narrativas.

As narrativas reproduzem a marca do narrador. “Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Porquanto, as viagens enriquecem a experiência do mundo, fornecem informações detalhadas sobre os

---

<sup>1</sup> A utilização do termo história oral nesta pesquisa refere-se ao trabalho de pesquisa que faz uso de fontes orais, coletadas através de entrevista oral gravada, temos consciência de que há um debate entre historiadores a respeito deste termo, mas não entramos nessa discussão.

locais por onde passa, sobre a cultura, paisagens, política, economia, o modo como funcionam as sociedades, tornará suas narrativas mais ricas.

Ademais, as informações contidas nas narrativas ajudaram a confeccionar os mapas mentais, como representações espaciais dos trajetos. Sobre estes, Nogueira (2014) define que são mapas gerados a partir de imagens que temos dos lugares que vivenciamos. São imagens produzidas pelo homem gradualmente, fundamentadas na sua visão de mundo, seus valores, formando-se uma noção espacial através da percepção. Sugerimos que os venezuelanos construíssem os mapas mentais das formas mais exatas possíveis, mesmo sendo construídas sem uma precisão técnica. Essas representações espaciais nos ajudaram a conhecer os lugares frequentados por estes sujeitos, delinear seus itinerários e entender sua condição sócio-histórica-cultural.

Optamos pelos mapas mentais porque neles o espaço não se limita a orientação, contudo é visto como a representação do lugar de vida, base para existência humana e cada sujeito escolhe seus referenciais para organizar suas representações. Os "Mapas Mentais" têm, além do significado individual, afetivo, um significado sociocultural e geográfico a ser contemplado. Não nos importa, apenas, o visível a ser representado, mas também os símbolos que aparecem assinalados" (NOGUEIRA, 2014, p. 108). Na elaboração dos mapas mentais os migrantes expressaram suas percepções próprias do sentido do lugar, suas lembranças, de coisas conscientes ou inconscientes, seu pertencimento a um grupo social e uma cultura.

Entendemos que muito do que os migrantes descreveram refletiram características específicas dos lugares, tanto naturais quanto culturais. Alguns destacaram mais as paisagens urbanas, enquanto outros as paisagens rurais. Os homens representam os lugares conforme experienciam estes, tanto de forma individual quanto coletiva, também a partir das relações socioculturais construídas ali. Sobre as representações, sua

A análise passa facilmente à imaginação: as narrativas e as imagens nem sempre descrevem o mundo que existe. Elas falam de mundo criados pela mente: são contos [...] utopias e falam de um futuro impreciso. As pessoas tem a capacidade de construir, para além do que os seus sentidos lhes revelam, lugares que sejam mais de acordo com suas inclinações íntimas, seus sonhos e suas aspirações (CLAVAL, 2008, p. 17).

Contudo, o estudo das representações na Geografia Humanista-Cultural procura compreender tudo o que existe observando as relações estabelecidas entre os sujeitos, entre sua consciência e o mundo e em relação aos objetos. As representações não somente falam da realidade, mas também mostram o que é a imaginação, o ser e agir das pessoas, retratando-os de modo individual e coletivo. Os discursos são formas de representação das pessoas que revelam hábitos, crenças, visões de mundo, gênero, classe social a que pertence, orientação política e várias outras características. As representações carregam imagens e significados que podem estar relacionadas ao poder. Com a pesquisa pudemos compreender a representação das imagens do mundo vivido na perspectiva fenomenológica, a partir da realidade vivida por cada sujeito.

### **1.1.2. A Fenomenologia na Geografia: outros caminhos**

Na tentativa de trilhar outro caminho alternativo as perspectivas crítica e teórica quantitativa, predominantes nos estudos geográficos na década de 1950, os geógrafos recorreram aos pressupostos fenomenológicos como uma tentativa de trazer reflexões filosóficas a disciplina (NOGUEIRA, 2014). Estes geógrafos retornaram à primeira forma de se fazer geografia, utilizando a fenomenologia que foi definida por Merleau Ponty, como uma:

Ambição de uma filosofia que seja uma 'ciência exata', mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo 'vivididos'. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1).

Observar a experiência do mundo vivido tornou-se o objetivo desta abordagem da Geografia. Conforme Holzer (2016) e Nogueira (2014) a obra de Eric Dardel, O Homem e a Terra, abriu caminhos para estas reflexões e tornou-se uma das bases fenomenológicas da geografia. Uma vez que discute a geograficidade, sentimentos e conhecimentos que o homem tem dos ambientes em todas as suas formas e sua relação com os lugares. Nessa obra é possível identificar princípios fenomenológicos recuperados pela Geografia como a descrição, intersubjetividade, intencionalidade e redução fenomenológica, que a partir de então nortearam as pesquisas que buscam estudar as subjetividades do ser.

A obra de Dardel embora tenha sido publicada na década de 50, só começa a suscitar interesse a partir da década de 1980. Sua abordagem se interessa pelos saberes do cotidiano, o autor manteve uma postura diferente da ciência positivista, considerando os sujeitos não como meros objetos da pesquisa, mas como pessoas que possuem um conhecimento do mundo adquirido em suas vivências, e que são fonte de conhecimento da realidade para o pesquisador. Estes princípios fenomenológicos são importantes para a pesquisa no sentido de organizar o trabalho, recolher o máximo de informações de forma detalhada e colocar-se no lugar do sujeito a ser pesquisado para assim compreender e interpretar seus discursos.

Conforme Holzer (2016) Dardel (1950) interessa-se por uma geografia produzida pelo senso comum e mostra a importância das descrições das experiências geográficas adquiridas no cotidiano. As descrições são baseadas nas percepções de mundo dos sujeitos, logo são pessoais e emotivas. Nogueira (2014) afirma que essa percepção do homem diante das experiências da vida é a redução fenomenológica, ela toma como base a definição de Husserl na qual a redução é perceber a realidade como existindo em si, e de Merleau-Ponty que a define como uma admiração diante do mundo. Estas definições sugerem que a redução fenomenológica é um retorno a forma como o mundo era estudado antes das representações científicas, o próprio homem comum buscando conhecer a realidade existente.

As pessoas manifestam as relações que têm com os lugares, o corpo vivencia os fenômenos, cria lembranças afetivas ou não e imaginárias, fazendo surgir uma linguagem geográfica que exprime as sensações agradáveis ou não Relph (1979). A percepção sobre as oportunidades de trabalho que cada região do país apresenta é descrita na fala de um dos migrantes:

*O Brasil a sido una puerta abierta y generosa para nosotros los venezolanos, lo puedo decir con mucha experiencia. Cuando yo salí de Venezuela solo me vine con mi esposo, dos años después mi hijo se vino el estaba en Perú, se vino el con su esposa y sus dos hijos se vino para acá para Manaus, después de dos años mi hijo viajo con su familia para Santa Catarina, gracias a Dios allá le fue bien a los tres días consiguió trabajo ya tiene más de cinco meses allá, Brasil es un país de muchas oportunidades pero mi esposo y yo nos gusta Manaus nosotros pensamos que la parte sur del país es para las personas que le gusta ser dependiente pero el norte es más para los que quieren ser independientes , para los que quieren tener su propio negocio, para los pequeños, medianos y grandes empresarios es Manaus porque hacia el sur las situaciones son más difíciles si tal vez haya más oportunidades de trabajo pero por ejemplo mi esposo quiere ser independiente (MIGRANTE 04).*

O Brasil tem sido uma porta aberta e generosa para nós venezuelanos, posso dizer com muita de experiência. Quando eu saí da Venezuela eu só vim Com meu marido, dois anos depois veio meu filho ele estava no Peru, ele veio com sua esposa e seus dois filhos ele veio aqui para Manaus, depois de dois anos meu filho viajou com sua família para Santa Catarina, graças a Deus Lá ele se deu bem depois três dias ele conseguiu um emprego ele já está lá há mais de cinco meses, o Brasil é um país de muitas oportunidades, mas meu marido e eu gostamos de Manaus achamos que o sul do país é para pessoas que gostam de ser dependentes Mas o norte é mais para quem quer ser independente, para quem quer ter negócio próprio, para pequeno, médio e grande empreendedor é Manaus porque para o sul as situações são mais difíceis se talvez haja mais oportunidades de trabalho mas por exemplo meu marido quer ser independente (tradução nossa).

Conforme Relph (1979) o mundo vivido são os espaços, paisagens e lugares, aos quais as pessoas vivem suas vidas diárias. Para o autor estas três categorias estão entrelaçadas quanto aos fenômenos experienciados, as experiências transformam as paisagens, dão sentido aos espaços e constroem o lugar. Por este motivo, culturalmente, o lugar pode conter maior relevância entre as três categorias pois evidencia espaço e paisagem em volta das intenções e experiências humanas. As intenções indicam o outro princípio fenomenológico, a intencionalidade.

A intencionalidade insinua que cada sujeito é o foco de seu próprio mundo, conforme nos indicou Buttimer (1982). Cada indivíduo possui intenções objetivas e comunicáveis, o sujeito terá “consciência de alguma coisa” quando se dirige a um objeto (sentido de *intentio*) segundo Husserl *apud* Dartigues (2005, p. 22). Isso significa que as coisas só têm um significado se existir uma consciência que percebe a sua existência. A partir deste princípio a fenomenologia deixa de contemplar um universo estático de essências e passa analisar o movimento do espírito que atribui aos objetos do mundo seu sentido, diz o autor.

Por meio deste princípio, buscamos compreender os significados determinantes do comportamento humano, o sentido das relações em cada indivíduo, nas mais diversas situações espaço-temporais, a escolha entre permanecer em um determinado lugar ou migrar. Qual a motivação que leva as pessoas a partirem? A migração seria um fenômeno que termina quando o sujeito encontra o lugar, ou este sujeito estará sempre em busca de outro lugar? Por que na mente dessa pessoa, predomina a ideia de que há sempre um lugar melhor para se estabelecer? Estas são perguntas que ajudarão a entender a intenção por trás das ações dos sujeitos da pesquisa.

Todavia o homem não vive sozinho suas ações também consideram sua vivência em comunidade, dessa forma faz-se necessário verificar o princípio que transpõe a experiência individual, a intersubjetividade, ou seja, o descobrimento do outro. Relph (1979) a define como o mundo vivido social, onde acontecem as relações entre as pessoas e destas com o meio. Sokolowki (2004) destaca duas abordagens para descrever estes contatos, uma é a relação direta entre nós mesmos (parte subjetiva) e os outros (parte objetiva), e a outra é a relação que ambos ou todos dispomos para com o mundo e as coisas que portamos em comum. Nogueira (2014) aponta que este princípio oportuniza pensar o homem não só como construtor de si mesmo, mas sendo construído também nas relações com os outros e com seus lugares de vida.

A intencionalidade e intersubjetividade estão inter-relacionadas se pensarmos que nós estabelecemos relações no mundo social com base em nossas intenções ou perspectivas pessoais. Sobre esse entrelaçamento de princípios, Relph (1979 p. 7) explica que "o mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações entre o homem e suas vizinhanças, como focos de seu interesse". Apesar de sermos seres dotados de individualidade nascemos em um mundo intersubjetivo, como afirma Buttimer *apud* Nogueira (2014) em que aprendemos a linguagem e comportamento que nos habilita adentrar no mundo diário, assim, o homem se constrói nas relações.

Todos estes princípios nos ajudarão a verificar a percepção do migrante venezuelano sobre a cidade de Manaus bem como a percepção do habitante da cidade sobre esse migrante. Acreditamos que a interpretação das representações do vivido consequente, integradas nas narrativas e mapas mentais conduzirão a uma reflexão sobre a relação de identidade definida no e com o lugar. Atribuindo-lhe ao mesmo tempo aspectos que se destacam em sua própria identidade. Decifrar suas percepções, motivações, expectativas, a convivência no outro lugar faz parte do processo de entender como os migrantes constroem uma identidade com o lugar e como este lugar se reconstrói constantemente, um exemplo disso, Manaus vai ficando mais cosmopolita, com característica de grandes centros urbanos. Contudo, para uma melhor compreensão das relações de identidade que são reconstruídas, e que transformam locais estranhos em lugares habituais, dos quais os significados diversificam de acordo com o que cada sujeito vivencia e percebe e do grupo que

habita, faz-se necessário falarmos dos conceitos base para esta discussão: identidade, migração e lugar.

## **1.2. Migração: um desterritorializar-se para encontrar o lugar**

Na idade moderna, a reprodução do capitalismo no espaço é uma das principais motivações para os deslocamentos populacionais. Nas últimas décadas, o processo de globalização da economia fez com que as migrações crescessem. Segundo dados da OIM, existe em torno de um bilhão de migrantes no mundo, cerca de 280,6 milhões vivendo fora dos seus países de origem (migrantes internacionais), um pouco mais que a população brasileira em 2021 (213.548.359 de habitantes, em 03 de setembro de 2021 (IBGE, 2021).

Neste item fizemos uma discussão sobre como os sujeitos manifestam sua posição identitária nos lugares, apropriando-se afetivamente do espaço e construindo uma relação de pertencimento. A identidade é o conceito-chave para nos direcionar a reflexão sobre as relações que os sujeitos migrantes estabelecem com o lugar. Nosso intuito não é apresentar uma definição essencialista sobre identidade, mas focar nas diferenças e nos aspectos comuns ou compartilhados, entre os migrantes venezuelanos e os habitantes da cidade de Manaus.

A pretensão de fazer uma reflexão sobre identidade nesta pesquisa, deveu-se pelo fato de que o fenômeno da migração suscita o confronto entre identidades marcadas pela diferença. Cada sujeito mostrou por meio de suas narrativas e mapas mentais, o vivido nos lugares e os lugares vividos em seus trajetos, as relações construídas nestes lugares e a importância destes lugares para eles. Estes fatos indicam a reconstrução de um lugar, em que se estabeleceram relações práticas, tanto sociais quanto simbólicas, no qual a identidade se reconstrói em meio a diferenças.

Sendo assim, identidade, migração e lugar são conceitos que buscamos discutir nesta pesquisa, a fim de solucionar alguns questionamentos, como: O que entendemos como identidade? Como relacionar identidade, identificação e pertencimentos e como diferenciá-los? O que é migração e quais os tipos de migração que existem? O que é ser migrante? O que é ser refugiado? Como pensar a relação migração, identidade e lugar? Para assim, discutirmos a percepção dos migrantes e como estes (re)constróem suas identidades em lugares distantes de seu lugar de origem, e a percepção dos habitantes do lugar sobre os migrantes. Cabe lembrar que

a princípio trata-se de uma migração externa, quando o imigrante deixa seu país de origem rumo a outros países.

### **1.2.1. Reconstruindo identidades no/com o lugar**

Os primeiros estudos referentes a identidade na geografia clássica são os que ressaltam as especificidades dos lugares e das pessoas, conforme Bossé (2004) estes estudos abordam a personalidade e fazem um retrato das regiões e dos povos, como os gêneros de vida de Vidal de La Blache, nos quais a identidade do lugar estava intimamente ligada ao homem-habitante, sua base histórica do grupo e sua relação com o meio. Essas análises, embora ricas em detalhes, conduziam a uma visão estereotipada, que classificava os indivíduos de um determinado grupo como portadores de um único tipo de comportamento e pensamento, não sendo considerados os fatores psicológicos individuais. Com a modernidade as correntes humanistas na ciência emergiram e aconteceu uma expansão da geografia social, na qual os geógrafos deixam de fazer um estudo taxonômico do homem e passam a considerar os fenômenos identitários.

Conforme Bossé (2004, p.166) “a identidade assume então um alcance geográfico novo, pela mediação conceitual do sentido de lugar”. O lugar integra totalmente a vida das pessoas e dos grupos, segundo o autor, o lugar influencia e até mesmo constrói, tanto de modo subjetivo quanto objetivo, identidades culturais e sociais. No lugar ocorre a realidade vivenciada pelos sujeitos, nos sentimos seguros porque já experienciamos os fenômenos que ali ocorrem. Nossos sentidos experimentam emoções, sensações e percepções, que definem os lugares e indicam a importância deles para nós, e o porquê de preferirmos fazer parte ou não de uma determinada comunidade.

Nosso objetivo neste estudo não foi fazer uma discussão aprofundada sobre identidade, nem sobre seus diferentes tipos: nacional, religiosa, étnica, etc. Nossa intenção foi entender como ocorreu essa reconstrução da identidade do lugar com a chegada dos migrantes. A princípio, faz-se necessário definir o que entendemos como identidade, fazendo uma abordagem discursiva deste conceito, depois mostraremos a identidade na geografia e as noções de identificação e pertencimentos, conceitos que são fundamentais para entender as relações estabelecidas entre os sujeitos que vivenciam o lugar, neste caso: os que chegam e os que já faziam parte do lugar.

“A identidade é aquilo que se é” Silva (2000, p. 74), aquilo que nós atribuímos a nós mesmos, uma característica, um fato autônomo. Porém, a identidade não se reduz apenas a uma autodefinição, tanto Silva quanto Woodward (2000) concordam que ela também é definida pela diferença, que para uma identidade existir dependerá de algo fora dela, a saber, aquilo que o outro é. Esse reconhecimento do outro surge da observação das diferenças, ambos autores afirmam que as representações, símbolos, linguística produzem identidades e diferenças, bem como estabelecem identidades coletivas e individuais. No entanto, a definição de identidade é algo bastante complexo e existem diversas abordagens que os cientistas sociais utilizam para uma melhor compreensão.

Uma delas nos direciona à questão central da discussão sobre identidade, quanto a sua definição nas perspectivas, essencialista e não-essencialista. Segundo Woodward (2000) a definição essencialista de identidade recomenda que existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que todos os sujeitos de uma dada nacionalidade partilham e que não varia ao longo do tempo. Já a definição não-essencialista enfoca nas diferenças, tal como as características comuns ou partilhadas, tanto entre os próprios sujeitos quanto entre os sujeitos e outros grupos étnicos, interessando-se também pela mudança do sujeito no decorrer dos tempos. Embora estas definições tenham direcionado diversas pesquisas, a busca pela compreensão da construção da identidade orientou a outros questionamentos a respeito deste conceito.

Diferente dessas definições, Hall (2000) desenvolve outro conceito de identidade, mais estratégico e posicional. Em seu entender, existe uma preocupação na teoria social de que está acontecendo uma crise na identidade, o sujeito centrado e unificado do iluminismo, ao interagir com a sociedade, está se tornando fragmentado, variável e às vezes contraditório o que leva a pensar a identidade como “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência nos momentos do nascimento” (Hall, 2006, p. 38). Seu estudo indica que a constante mobilidade dos sujeitos na globalização fez as identidades se transformarem, porque estamos a todo momento interagindo com diferentes mundos e da mesma forma que influenciemos outros com nossos costumes, também poderemos absorver ideias no contato com outros.

Mediante os argumentos do autor, entendemos que a identidade não é fixa, mas está em constante transformação. Conforme Hall (2006) as identidades estão se tornando híbridas, deixando de ser únicas. O hibridismo, argumenta o pesquisador, é a existência de múltiplas identidades em uma só. Convém observar que o hibridismo é comum em imigrantes, pois ao adentrar em outro território diferente do seu, buscam entender a dinâmica deste país, sua cultura, modo de vida, valores e acabam absorvendo parte destes costumes e (re)significando os seus, embora façam essa ressignificação, isso não indica que abandonarão sua identidade nacional, ela coexistirá com esta nova identidade.

A relação entre o sujeito nacional e o migrante, produz uma dinâmica de reconstrução do lugar, que ganhará características dessas duas visões de mundos presentes ali, mas esse mesmo lugar, reconstruirá a identidade de ambos sujeitos que o vivenciam. A realidade vivenciada pode ser entendida como uma identificação em curso que surge e conduz a uma relação de identidade entre os sujeitos e com o lugar, a partir de uma identificação.

Hall (2000) apresenta três definições sobre identificação. No senso comum a identificação é construída a partir de algo que se tem em comum, seja a origem ou as características que unem um grupo. Na abordagem discursiva a identificação é algo que está em processo, existindo a possibilidade de ganhá-la ou perdê-la, sustenta-se nas práticas simbólicas, é condicional e uma vez afirmada, não anula a diferença, e que o processo de fusão do eu e o outro é uma imaginação de incorporação, nunca existe um ajuste completo. Na abordagem psicanalítica a identificação é uma expressão de um laço emocional com o outro.

Com base nestas conceituações podemos dizer que a identificação reconstrói as identidades porque buscamos a todo momento acrescentar a nossa personalidade algo que nos agrada no outro e falta em nosso ser. A identificação é a estratégia condicional que as pessoas usam para identificar-se, ou não, com o outro, para apropriar-se, ou não, de outros lugares. Ao assimilar e reconhecer o outro, o sujeito reconstrói suas identidades individual e coletiva em situações e/com lugares.

Logo, a intensificação da migração está causando um entrelaçamento de traços culturais que produzem espaços híbridos, articuladores de novas identificações com o lugar. Neles existe o convívio e o diálogo plural com as identidades alheias, buscando-se um equilíbrio instável entre valores e identidades universais e

particulares. Nas relações criamos vínculos, ou não, com o lugar, que nos remete a ideia de pertencimento, a qual Hall (2006, p. 76) denomina de “uma forma particularista de vínculo”.

Sobre o vínculo com o lugar, Relph *apud* Marandola Jr. (2016, p. 8) discute a identidade dos lugares para entender a forma como a nossa experiência dos lugares ocorre e seus componentes, que para o autor são três: “a configuração física, as atividades e os significados”. No entanto, os sentidos podem mudar ou serem transferidos para outros objetos. Além disso, os três componentes são compostos, não monolíticos. Segundo Relph, a configuração física envolve tanto a natureza (Terra) quanto o ambiente construído, enquanto as atividades podem ser criativas ou destrutivas ou passivas, coletivas ou individuais. E os significados possuem atribuições e significantes muito distintos e mutantes”.

Convém observar que o envolvimento com o lugar se dá de forma muito pessoal e subjetiva, se considerarmos que cada sujeito possui um modo distinto de ver o mundo e vivenciar os lugares, bem como se apropriar deles, os próprios lugares apresentam uma dinamicidade particular com base em seus aspectos físicos naturais. Como os interesses dos sujeitos estão em constante mudança, os significados dos lugares também se alteram. Sobre o envolvimento do sujeito com o lugar, Relph *apud* Marandola Jr. (2016) propõe alguns tipos de relação com o lugar, baseado nos conceitos de interioridade e exterioridade, isto é, o modo de estar dentro ou estar fora dos lugares. Sobre essa sistematização,

Relph oscila assim entre a intencionalidade e a semiconsciência, a experiência direta e a indireta. A interioridade existencial é aquela que envolve um sentimento de apego ao lugar e é tão orgânica que não precisa se tornar consciente para ser efetiva. Já a interioridade comportamental se refere a um envolvimento funcional com o lugar. Busca familiarizar-se com seus objetos e atividades, mas de forma objetiva. Por fim, a interioridade empática, envolve estar aberto a um envolvimento profundo com o lugar, a partir da empatia e de um interesse sincero. Estas são as formas de interioridade diretas. Sobre as indiretas, cita a interioridade vicária se refere à experiência de lugares através de romances, novelas e outras mídias. A exterioridade incidental é quando o lugar é apenas o cenário para atividades simples, mantendo-se pouco diferenciado. A exterioridade objetiva é outra forma de relação indireta que envolve uma atitude deliberada desapaixonada de separação do lugar, como o olhar do cientista, do planejador ou de qualquer um que considere o lugar de forma estritamente objetiva sem envolvimento. Por fim, a exterioridade existencial é aquela situação em que a pessoa se sente fora do lugar. Isso pode ser por alienação, por topofobia ou pelos atributos físicos, mas o importante é que são situações não intencionais (RELPH *apud* MARANDOLA JR., 2016, p. 9-10).

Acreditamos que esta sistematização explica porque algumas pessoas desenvolvem um sentimento de pertencimento ou não aos lugares. Embora o Dicionário de Direitos Humanos defina o pertencimento como a crença subjetiva de que nos sentimos como pertencentes a tal lugar e ao mesmo tempo sentir que esse tal lugar nos pertence, Relph apud Marandola Jr. (2016) assume a identidade enquanto sentido de estar dentro e estar fora, de pertencer e de não pertencer. Os autores não compartilham do entendimento metafísico de que pertencer é pertencer à, mas pertencer é ser, logo a identidade se constrói com os lugares e se torna identidade dos lugares. O que nos leva a entender que a ausência do vínculo com o lugar fará com que os migrantes sintam o desejo de retornar, ou procurar outros lugares, que os identifiquem, assim a relação de identidade resulta do processo de identificação. Feita estas considerações, entendemos que é necessário fazer uma breve revisão sobre discussões realizadas a respeito de migração, a fim de situar o sujeito migrante colaborador desta pesquisa.

### **1.3. Imigrante: o sujeito em circulação a procura de um lugar**

O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) classifica as pessoas que se deslocam como imigrantes ou refugiados, embora essas palavras sejam utilizadas para designar pessoas que estão se deslocando, os termos não são sinônimos. De acordo com a Lei nº 9.474, de 1997, adentrando em território nacional, podem ser reconhecidas como refugiados no Brasil as pessoas que por temor de perseguição, maus tratos, assassinatos por motivos étnicos, religiosos, ideológicos, políticos ou catástrofes naturais são obrigadas a abandonar seu país. Diferente destes, de acordo com a ONU, migrante é aquele que deixa seu país de forma voluntária, essa definição pressupõe um ato de vontade. Além desses termos existem também os deslocados internos, que são aqueles que migram por motivos semelhantes ao dos refugiados, porém deslocam-se para outras localidades dentro de um mesmo país.

Definir estes termos é importante para classificar os tipos de imigração decorrente em vários locais do mundo e identificar o problema que essas pessoas enfrentam e que tipo de ajuda elas precisam no momento. Os países onde ocorrem crises econômicas, guerras civis, regimes autoritários ou ditatoriais são zonas de repulsão. Segundo a ACNUR, no mundo, em 2020, cerca de 82,4 milhões de pessoas foram forçadas a se deslocar, dentre estas: 20,7 milhões são refugiados; 48 milhões

eram deslocados internos; 5,7 milhões são deslocados palestinos; 4,1 milhões de pessoas acham-se em diversos países aguardando o reconhecimento da condição de refugiado e 3,9 milhões são venezuelanos deslocados fora do seu país.

Do total de 82,4 milhões de refugiados contabilizados em 2020, cerca de 68% são apenas de cinco países: Síria (6,7 milhões), em consequência de uma guerra civil iniciada em 2011 e ainda não terminada em 2021; Sudão do Sul (2,2 milhões); Myanmar (1,1 milhão); Afeganistão (2,6 milhões), também em decorrência de guerras e conflitos internos. Em 2021 assistimos a uma trágica cena que rodou o mundo através dos noticiários, eram afegãos pendurados do lado de fora de um avião militar cargueiro na tentativa de sair do país, fugindo da guerra civil que se instalou após a retirada das tropas norte americanas, em situação de desespero mediante a violência e retirada de direitos promovida por grupos extremistas.

Os estudos migratórios na geografia observaram ao longo dos tempos as várias formas de migrações existentes. Há uma concordância entre esses estudos de que o migrante são as pessoas que mudam de moradia. A insatisfação da pessoa com sua situação faz elas enxergarem no deslocamento uma resposta aos problemas. Algumas pessoas encaram a migração como uma missão, uma oportunidade profissional. Ainda há aquelas que migram, mas sentem o desejo de retornar à pátria e por alguma razão circunstancial não realizam o retorno. Outros não alcançam seu propósito em um determinado lugar e migram novamente para assim realizá-lo, estes fatores tornam a vida do migrante uma constante oscilação entre partir e ficar que dependerá principalmente do contexto do lugar.

Os deslocamentos populacionais acontecem desde a antiguidade, foram fundamentais para o povoamento dos continentes e são consequência de um dado contexto. George (1981) aponta três tipos de migrações decorrentes em períodos históricos: a episódica, deslocamentos impostos por decisões políticas na segunda guerra mundial; migrações econômicas temporárias, ligadas a oferta de trabalho e necessidade de mão-de obra; e as grandes migrações definitivas, quando os imigrantes temporários se fixam no país de destino quando há possibilidade jurídica e interesse econômico. Estas migrações não podem ser consideradas apenas como deslocamentos humanos, elas refletem um contexto social e econômico, são uma resposta às condições às quais as pessoas encontravam-se.

Segundo Derruau (1982) a medida em que a história avança para a Idade Moderna, a forma como os deslocamentos acontecem ganha uma característica mais temporária, construída com base no cotidiano e na prestação de trabalho. Diversos autores concordam que a expressão migração não pode ser definida apenas com base na espontaneidade dos deslocamentos, o sujeito migra para atender diversas finalidades, além do turismo. Para Vainer (1998) os deslocamentos populacionais resultam, em grande parte, de atos de violência aos direitos humanos, que vão desde guerras a formas através das quais os estados nacionais impõem ou impedem deslocamentos e localizações de populações, realidade constitutiva do processo de desenvolvimento capitalista.

A migração é uma opção para aqueles que não tem perspectiva e oportunidades de desenvolvimento profissional no mundo do trabalho em seu lugar de origem, sabemos que o sistema capitalista se estabelece no espaço de forma diferenciada e atendendo seus próprios interesses. Derruau (1982) classifica a migração temporária com base em movimentos de certa duração como: migrações ocasionais, pessoas que se direcionam para outras regiões a fim de realizar trabalhos de curta duração; migrações sazonais, são deslocamentos de pessoas para o trabalho, porém de longa duração (meses) podendo se repetir em outros anos; e migrações não definitivas, deslocamentos populacionais que duram anos, durante um tempo limitado, e que ao fim de anos de serviço se retorna ao lugar de origem.

A Venezuela está na lista de países de onde saem maior número de refugiados, contabilizando quatro milhões de pessoas. Se acrescentarmos a este número a quantidade de pessoas consideradas imigrantes a quantia aumenta para 5,4 milhões. O Brasil é um dos destinos de diversos imigrantes e refugiados venezuelanos. Estes imigrantes veem o Brasil como um país democrático, uma terra de oportunidades de trabalho e crescimento econômico, uma rota para se chegar a outros países, e esse discurso tem atraído muitos imigrantes e refugiados.

No Brasil a política migratória, conjunto de leis relativas à imigração e emigração pelo governo do país, foi elaborada com base nas Doutrinas de Segurança Nacional estabelecidas pelo país, entre os anos de 1964 e 1970, quando o governo estava sob regime ditatorial. Neste período havia uma certa desconfiança em relação aos imigrantes, a lei de imigração – o Estatuto do Estrangeiro, Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980 – vigente até 2017, cogitava o imigrante como uma provável ameaça

à segurança nacional, além de considerá-lo como uma pessoa de menor importância em relação aos brasileiros.

Com a redemocratização do Brasil em 1985, várias leis desse período foram sendo substituídas, entre elas as referentes às imigração e emigração que deixaram de ser uma questão de segurança nacional. Mesmo com este avanço o Brasil pretendia fazer uma reforma na sua legislação sobre migração. E isso aconteceu em 2017, com a Nova Lei de Migração - Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que contemplou o deslocamento populacional sob a visão dos direitos humanos, isto é, como um direito humano, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos artigo XIII inciso 2, 10 de dezembro de 1948: “Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar”. Apesar das mudanças na lei a mentalidade de grande parte da sociedade brasileira continua a mesma, veremos mais adiante nas entrevistas dos moradores das cidades de Manaus no terceiro capítulo da dissertação.

As migrações venezuelanas em direção ao Brasil são deslocamentos que transpõe a fronteira política, por isso são classificadas como imigração, porém estes imigrantes podem passar por uma segunda migração, a interna. Sobre a migração interna, Derruau (1982) afirma que poderá ser organizada ou pelo Estado ou por uma organização privada, ou poderá ser espontânea, no qual os migrantes se deslocam por conta própria para os lugares de sua escolha. No Brasil, o projeto Operação Acolhida, resposta humanitária do governo federal, tem deslocado voluntariamente alguns venezuelanos que se encontram em Boa Vista e Manaus para outras cidades do Brasil.

A ampliação dos fluxos migratórios dos países chamados periféricos em direção a outros países tem resultado na mistura de diversas culturas em um só lugar, e até mesmo em um só sujeito “hibridização” (HALL, 2006) de identidades. O processo de reconstrução do território enquanto identidade está relacionado ao processo de desenraizamento descrito por Haesbaert (2009), ao verificar citações dos estudos de Friedrich Ratzel e Eric Dardel, o autor entende que a geograficidade, processo de enraizamento de sujeitos e grupos sociais à terra natal, ou seja a territorialidade, processo que vincula os homens a terra, no final do século XX estava sendo perdida devido à crise contemporânea do meio técnico científico informacional, isto resultou

num desenraizamento de grupos e na sua reterritorialização, a construção de novos territórios.

O título deste trabalho “Do território ao lugar” sugere uma passagem de categoria na Geografia, o imigrante é o sujeito que deixa o seu território, no sentido político, e se desloca para outros locais. A partir da vivência construída nestes locais, o sujeito pode se apropriar ou não deles. Essa apropriação é a decisão de ficar num determinado lugar, assim o local passa a ser um lugar para este sujeito ou grupo social, fato que dependerá das condições que o lugar propicia a sua vivência, a esse processo damos o nome de reterritorialização.

A reterritorialização significa apropriar-se de um território, na abordagem cultural, a apropriação simbólica do território acontece quando um indivíduo ou grupo constrói uma identidade no espaço que vive Haesbaert (2009). O imigrante passará a conhecer a outra cultura em seu cotidiano, confrontar suas especificidades com outra, aprender outro idioma, conhecer as leis que regem a sociedade deste novo lugar, compreender a linguagem popular, adquirir novas práticas ao vivenciar outro modo de vida implica em ressignificar hábitos, a fim de construir simbolicamente outro território a partir de sua identidade.

Grande parte das migrações venezuelanas acontecem sem nenhum planejamento, porque não existe tempo para pensar e planejar a saída, e nem recursos suficientes para que a viagem seja confortável e acessível a toda família. Dessa forma, o ato de viajar pode ser uma experiência dolorosa, Claval (2014, p. 45) chega a declarar que “viajar é morrer um pouco” porquê de certa forma isso indica não conviver fisicamente com laços afetivos, que nos dão segurança, que confirmam nosso comportamento e fortalecem nossa identidade.

Uma forma de amenizar a saudade é viajar com alguns familiares, temos observado em relação a imigração venezuelana para cidade de Manaus que muitas pessoas vêm acompanhadas de algum parente próximo, e sempre que são questionados sobre suas expectativas revelam que gostariam de conseguir um emprego a fim de juntar dinheiro para trazer os demais familiares que ficaram na Venezuela. A saudade é um sentimento recorrente nos migrantes e é atenuada através das redes sociais, que esse indivíduo constrói no novo local e por meio eletrônico, tendo acesso à internet. A internet é uma ferramenta importante porque auxilia os imigrantes a manter contato com os parentes que ficaram:

Os usos de recursos da internet realizados no cotidiano dos migrantes podem abranger desde o contato com as pessoas mais próximas, como amigos e a família, até a orientação para conseguir documentação, trabalho ou, ainda, processos de aprendizado em torno dos idiomas e da cultura de cada local de migração. Esses usos geram e dinamizam contatos que também podem configurar redes sociais que comportam os mais variados níveis de organização e permanência (COGO e BARTH, 2009, p. 54).

Além de atenuar a saudade no caso de migrações transnacionais, as redes sociais na internet facilitam a comunicação encurtando a distância entre os migrantes e seus amigos e parentes. As redes sociais na internet são instrumentos que contribuem para o fortalecimento dos vínculos familiares. Através dela o migrante interage também com demais migrantes naquele novo local. Portanto, é uma das formas que os migrantes ressignificam sua cultura enquanto estabelecem uma relação com o novo lugar.

Se migrar significa romper com nossos hábitos, então por que partimos? Certamente existem muitos motivos para migrar, Claval (2014) aponta que o fato de se libertar das rotinas do cotidiano é o primeiro deles. Embora muitos busquem essa liberdade algumas pessoas apresentam outras motivações adicionais como: estar sob ameaça de vingança de inimigos perigosos, ser perseguido pela justiça, estar cheio de dívidas, ser perseguido por amantes possessivos. Para esses, deixar os lugares onde se viveu é aventurar-se no novo local, conservando as relações do lugar de origem, buscando uma rede social de solidariedade com pessoas que migraram antes deles para este novo lugar.

As duas grandes causas da migração venezuelana é a perseguição política e a situação de miséria a que muitos vivem, a situação que a classes menos favorecidas vivenciam nesse país, é resultado da dominação de um grupo ou classe neste espaço que tem como consequência o fortalecimento das desigualdades sociais, mas isso não implica dizer que sejam os únicos motivos. Cada caso apresenta uma motivação adicional resultante da percepção de mundo, na qual cada sujeito está inserido, portanto a história oral de cada um desses sujeitos estava repleta de informações sobre a situação de seu país de origem e dos lugares por onde passaram.

### **1.3.1. Lugar: o desejo de permanecer**

Uma das propostas deste estudo foi construir a representação do vivido nos lugares e dos lugares vivenciados por imigrantes venezuelanos, entendemos que seus trajetos migratórios indicam que estão à procura de um lugar que atenda às suas

necessidades de vida. E este lugar será reconstruído a partir das relações que se estabelecem entre os sujeitos que o vivenciam, o habitante do lugar e o migrante, estes compartilham e assimilam hábitos, costumes e convicções que ressignificam o lugar, estimulando e formando uma identidade e autenticidade.

Na geografia humanista o lugar serve para entender as relações subjetivas do homem com o espaço e o ambiente. É no que se constrói as relações subjetivas do homem no espaço, por meio de suas experiências sensoriais com o ambiente. Os pioneiros na utilização do conceito de lugar e mundo vivido foram Tuan e Buttimer, no início da década de 1970, até 1950 a Geografia Clássica considerava o conceito de lugar apenas no sentido de localização, Holzer (2016, p. 61) afirma que:

Ao final dos anos 1960 e início dos 1970 seus trabalhos (Tuan) dedicavam-se a dois campos: a pesquisa das atitudes do homem em relação ao ambiente, o que combinaria com a publicação do livro *Topofilia* em 1974; a investigação sobre conceitos espaciais que fossem mais adequados do que o de paisagem, utilizado usualmente pela geografia cultural, permitindo uma investigação com características mais subjetivas e antropocêntricas, além de adequar-se ao aporte filosófico fenomenológico, existencialista e estruturalista.

Dessas investigações o autor conclui que os sujeitos têm reações diferenciadas diante dos conceitos espaço e lugar. O espaço denota liberdade enquanto o lugar significa segurança, tratamos o espaço como uma dimensão mais abstrata e indiferenciada se comparado ao lugar, a medida em que o conhecemos mais e o valorizamos, o espaço se transforma em lugar. O lugar é onde temos estabilidade e segurança, atribuímos valor, é o espaço do cotidiano e das experiências dos sentidos humanos (TUAN, 2015).

À medida em que vivenciamos um lugar adquirimos experiências que nos habilitam a permanecer ou não nele. Segundo Merleau-ponty *apud* Nogueira (2014, p. 43) o espaço “não pode ser entendido apenas como um palco de acontecimentos, mas como: o espaço espacializado, o meu corpo em relação às coisas; o espaço espacializante, o geométrico; e a experiência do espaço, produzido na relação intersubjetiva”. Dentre estas modalidades de pensar o espaço esta pesquisa trabalhou com a ideia de espaço enquanto experiência vivida, o espaço enquanto resultado da experiência.

Os moradores da cidade são conhecedores dos lugares, das leis, possuem uma territorialidade, possuem uma relação afetiva com o lugar e tem um sentimento

de pertencimento a ele, fatores que os migrantes irão construir se ali desejarem permanecer. A população nativa enxerga a cidade como o lar, lugar de trabalho, de festas e diversas relações, o imigrante que deseja estabelecer-se no lugar também enxerga essas possibilidades, mas quais seriam as condições necessárias para que o imigrante se sinta pertencente ao lugar?

Recentemente a decisão do imigrante de permanecer no lugar está intimamente ligada às condições materiais disponíveis ali. Nesse sentido o lugar passa a ser um meio para a realização pessoal e profissional, quando segundo Oliveira (2014) o imigrante tem acesso à terra, a moradia como direito social, documentos, direitos aos serviços de saúde e educação. A casa própria, sair da situação do aluguel, é uma condição de pertencimento e construção de uma identidade com/no lugar para o imigrante. Por outro lado, o não acesso a casa própria gera nestes uma incerteza quanto à permanência num determinado local.

Este conflito entre permanecer e partir está diretamente ligado às experiências resultantes das intervenções do mercado no cotidiano das pessoas Vainer (2016). Os desequilíbrios econômicos no espaço abrem um pressuposto para deslocamentos futuros caso as expectativas dos migrantes não sejam alcançadas. Acabam por violar o direito das pessoas de permanecer em seus lugares de origem, levando-os a experimentar outros lugares, nos quais não terão nenhuma certeza quanto ao seu futuro, se deseja retornar à terra natal, permanecer no lugar, ou migrar para outro local.

Segundo Tuan (2015, p. 18) "experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é construído da experiência, uma criação de sentimento e pensamento". Conforme o autor, o lugar indica pausa, as pessoas que migram em algum momento param em seus trajetos e vivenciaram experiências enriquecedoras e adquirem conhecimentos geográficos práticos dos lugares que percorreram, sendo assim dar voz a estas pessoas é uma oportunidade de refletir sobre seu conhecimento prático a respeito dos lugares.

Um dos momentos da pesquisa levou os migrantes a representarem os lugares de sua trajetória migracional, marcada pelo deslocamento no espaço, por encontros e desencontros, pela realidade e pelos sonhos, apegos e desapegos, alegrias e tristezas. Sobre as experiências humanas, Relph (1979) destaca que, podem ser tanto

topofílicas, agradáveis (prazerosas e positivas), quanto topofóbicas, desagradáveis (tristes e negativas). Os sentimentos definem a importância e afetividade com o espaço vivido, para Holzer (2013), o lugar delimita o modo de ser no mundo. O lugar além de ser base e meio de sustentação também é memória, é o espaço que expressa as percepções, atitudes e valores humanos, afetos, o cotidiano, onde a história acontece, onde encontramos as coisas, os outros e a si próprios.

A migração para os venezuelanos é uma fuga da crise que se instalou em seus país, estes buscam outros lugares que serão as novas bases para sua existência. O viajante leva consigo as lembranças das relações e dos lugares de outrora, pretendeu-se com este trabalho revelar as visões, atitudes e valores dos migrantes, suas expectativas, frustrações e medos em relação a sua saída até a chegada à cidade de Manaus. Migrar significa recomeço, experimentar novos horizontes, descobrir novos lugares aos quais não estão familiarizados. Mas também enfrentar perigos, aventurar-se no desconhecido, experimentar os enganos e as incertezas. Além de ser uma tentativa constante de ressignificar seus costumes com o novo lugar.

Nesse ponto é possível observar que lugar e identidade possuem uma ligação, sobre esta ligação, Nogueira (2014, p. 61) explica que:

O lugar é a parte essencial de nossa identidade, enquanto sujeitos. Os homens de muitos lugares são reconhecidos pelas características que levam deles através dos componentes culturais: hábito alimentar, linguagem, vestimenta, crenças etc. Assim, o lugar circula, migra; as pessoas carregam os lugares consigo.

Como categoria na Geografia na qual são experienciadas sensações que formam a memória e costumes e tornam a identidade única, afastar-se do lugar pode ser uma experiência dolorosa, pois é no lugar onde se cria vínculos. Representar as trajetórias dos migrantes nos lugares é uma forma de relatar os encontros e desencontros, expectativas e realidades, apegos e desapegos, alegrias e tristezas. Os lugares podem trazer experiências agradáveis, topofílicas, ou desagradáveis, topofóbicas, aos sujeitos como aponta (RELPH,1979), que se revelam nos discursos.

Em suma, compreendemos que as vivências dos migrantes revelam as experiências incorporadas em seu trajeto realizado e no lugar atual, e são importantes porque é a partir dessas experiências que o lugar é reconstruído. Perante o exposto, surge a indagação como representar esses lugares? Como aproximá-los, como reproduzi-lo no momento atual, desenhando, narrando ou recontando os lugares, as

vivências e os trajetos? Tais indagações são discutidas no segundo capítulo, no qual apresentamos o percurso dos lugares vivenciados por intermédio dos mapas mentais e das narrativas dentro da perspectiva da narrativa de viagem.

## 2. IMIGRAÇÃO E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA – OS MAPAS MENTAIS E AS HISTÓRIAS

Migrar é estar disposto a enfrentar situações inesperadas. Sair do contexto em que estamos inseridos é um desafio, porque significa sair da zona de conforto, deixar pra trás as coisas e pessoas com as quais estamos habituados, os amigos, cultura, modo de vida e se lançar ao desconhecido. É estar em constante processo adaptativo, lançar-se ao incógnito. E por este motivo viajar pode ser uma sucessão de provas. Uma sucessão de desafios inesperados uma vez que os lugares apresentarão contentamentos e adversidades é necessário que a saída seja bem pensada e planejada (CLAVAL, 2014).

Dessa sucessão de desafios que os migrantes enfrentam em seus trajetos surgiu a indagação como representar o vivido nos lugares? Ao pensar em migração não poderíamos resumir este estudo a apenas um conjunto de mapas técnicos representando a trajetória dos deslocamentos de sua origem, caminhos e destino atual, ou uma análise das trajetórias, apontando os motivos e causas do deslocamento. Precisávamos ir além da racionalidade positivista e reconhecer que cada sujeito tem uma capacidade de apreender o mundo vivido de uma forma específica a partir de sua experimentação.

A subjetividade é chave para ter essa compreensão, todavia como ter acesso ao lugar como um fenômeno experienciado, repleto de significados, com situações tanto agradáveis quanto desagradáveis? A resposta que encontramos foi por meio das narrativas de viagem e mapas mentais, procedimentos metodológicos que possibilitaram ter acesso às recordações dos sujeitos nos lugares e suas experiências. As narrativas de viagem associada aos lugares que foram pontos de chegada e/ou pontos de partida estão repletas de experiências, significados e aprendizados.

Neste segundo capítulo fizemos uma breve contextualização a respeito da crise econômica da Venezuela a fim de entender a intensificação das migrações. Mostramos como ocorre a inserção dos venezuelanos na cidade de Manaus, apresentando as ações da sociedade civil e/ou do governo na admissão dos migrantes. Optamos por incluir trechos das narrativas dos migrantes entrevistados, a fim de entender como vivenciam e percebem os lugares, as mudanças políticas, econômicas e sociais que interferem por ocasião desses eventos. Apresentamos as

condições da trajetória de cada migrante e sua representação dos lugares e do vivido por meio das narrativas de viagem e mapas mentais.

Vale ressaltar, que a pesquisa estava sendo realizada, quando foi decretada que o mundo vivia uma pandemia, portanto, parte dela, durante o período da pandemia do Covid-19, por essa ocasião o contato com os entrevistados foi limitado por conta do cumprimento das normas de distanciamento social. Conseguimos fazer as entrevistas apenas quando as normas tiveram um afrouxamento, fizemos em média três visitas presenciais e o restante da comunicação aconteceu por conversas via WhatsApp. O material para elaborar os mapas mentais foi deixado na residência dos entrevistados e recolhido em outro momento, alguns migrantes entrevistados demonstraram uma certa resistência ao elaborar os mapas, alegando que não sabiam desenhar, outros elaboraram conforme suas possibilidades. Foi solicitado aos migrantes que desenhassem o trajeto desde sua saída do lugar de origem até sua chegada a cidade de Manaus, destacando os lugares que foram marcantes em suas vivências.

Os mapas mentais são resultado da associação da percepção, construção cognitiva e representação de fenômenos socioculturais. “Uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e pela intencionalidade” (Kozel, 2007, p. 121). Mediante a essa perspectiva, deixamos que os migrantes desenhassem seus trajetos de forma livre. Alguns deles relataram que como fizeram o percurso à noite, não visualizaram as paisagens naturais, mas falaram que durante o trajeto pararam em alguns lugares e tiveram experiências ali. O resultado foram mapas que não somente são formados apenas de pontos, linhas e polígonos, mas também textos, sob forma de legenda, títulos, nomes de lugares e outros atributos ao espaço (SEEMAN, 2010).

Associada aos mapas mentais, as narrativas de viagem permitem que os migrantes se expressem de uma forma mais livre, estruturando suas narrativas sobre a saída da Venezuela, a motivação para sair, a chegada ao Brasil até à cidade de Manaus. Organizamos as descrições e interpretações do mundo vivido de cada colaborador da pesquisa, montando um quadro classificando cada imigrante mostrando o lugar de origem, o trajeto e o destino atual.

Quadro 1: Trajeto dos Imigrantes venezuelanos que participaram da pesquisa

Imigrante	Origem (Venezuela)	Trajeto	Destino Atual
01	Ciudad Bolivar (Estado Bolivar)	Santa Helena (Venezuela), Pacaraima (RR), Caroebe (RR), Manaus (AM), Manacapuru (AM).	Manaus (AM)
02	Caracas	Cúcuta (Colômbia), Bogotá (Colômbia), Equador, Tumbe (Peru), Lima (Peru), Cuzco (Peru), Inãpari (Peru), Assis Brasil (Acre), Brasileia (Acre), Rio Branco (Acre), Porto Velho (Rondônia).	Manaus (AM)
03	Upata (Estado Bolivar)	Pacaraima (RR), Manaus (AM), filhos foram para Santa Catarina.	Venezuela
04	Ciudad Bolivar (Estado Bolivar)	Ciudad Bolivar, Puerto Ordaz, San Felix, Upata, Guasipati, El Callao, Tumeremo, El Dorado, Las Claritas, Santa Elena de Uairen.  Na fronteira do Brasil e Pacaraima, Boa Vista, Manaus, Barra Velha e agora Joinville.	Santa Catarina (Brasil)
05	Puerto Ordaz (Estado Bolivar)	Pacaraima (RR), Boa Vista (RR).	Manaus (AM)

Fonte: Trabalho de Campo, fevereiro/2020; dezembro/2021.

### Imigrante venezuelano 01

O migrante 01 possuía seu próprio negócio na Venezuela, como seu pai vendia lanches. Cursava engenharia civil na universidade pública e quando precisava ir a faculdade contratava uma pessoa para trabalhar no seu lugar, nesse tempo possuía uma moto. Com o agravamento da crise na Venezuela fechou o negócio e começou a trabalhar de mototáxi, no tempo de folga da faculdade, até ser assaltado e não poder quitar a moto, perdeu o negócio e a moto, mas continuou estudando. Mais tarde não

tendo mais como se sustentar, foi deixando de assistir às aulas o pai havia parado o negócio e como iniciativa para falta de recurso tiveram a ideia de trabalhar no garimpo na Venezuela.

Chegou a garimpar ouro, diamante ou qualquer outro mineral para vender e para o seu sustento. Ele conta que era um trabalho pesado e muito perigoso porque essas zonas eram controladas pelos *pranes*, pessoas ligadas ao tráfico, então a todo momento corriam o risco de ser assaltados e por este motivo decidiram viajar para Santa Helena. Quando chegaram a esta cidade fronteira com Brasil, ficaram aguardando uma oportunidade de atravessar a fronteira e souberam que as pessoas estavam tirando documentos em Pacaraima e foram para lá a fim de tirar o documento brasileiro. Com os documentos em mãos voltaram para Santa Helena e continuaram a garimpar, foi quando conheceram uma senhora brasileira (cristã) esposa de um venezuelano que trabalhava no garimpo, cujas filhas moravam no Brasil e ela pagou a passagem do migrante em direção a Caroebe, município do Estado de Roraima.

Seu primeiro trabalho no Brasil foi em uma plantação de banana. Havia a preocupação com o pai que ficou nas minas. Ele conta que em três meses de trabalho o pai lucrou uma grama de ouro equivalente a cento e poucos reais no câmbio. Condoído com a situação trouxe o pai para Caroebe pois apesar de ser trabalho exaustivo a renda cobria os gastos com alimentação e aluguel. O trabalho no bananal não era contínuo, quando o serviço acabava em uma fazenda, eles tinham que procurar outro serviço, sua diária custava entre R \$60,00 a R \$100,00. Com o período de chuvas a produção de banana caiu, o serviço ficou cada vez mais escasso, conseqüentemente atrasaram o aluguel por dois meses, não tinha como enviar dinheiro para mãe na Venezuela, então sentiram a necessidade de deixar o local e com a ajuda de conhecidos compraram passagens para Manaus. A família chegou à cidade de Manaus no dia 28 de agosto de 2019.

Figura 2: Trajeto do Migrante venezuelano 01



Fonte: Trabalho de campo, dezembro/2020.

### **Imigrante venezuelano 02**

Deixou a Venezuela após ter cursado três anos de medicina na universidade e também estudou turismo, uma das coisas boas de cursar uma graduação na Venezuela é que não era tão caro. Sua mãe pagava o aluguel na cidade onde o migrante estudava, às vezes ele viajava para a capital para comprar roupas para revender na cidade onde estudava e assim cobria as despesas da universidade. Nos

anos de 2010 a 2014 ainda era possível trabalhar e permanecer no país. Sua mãe tinha um apartamento na capital, possuía carro, uma vida de conforto, mas com o passar do tempo o dinheiro começou a desvalorizar rapidamente, dificultando assim a vida de muitos venezuelanos bem como de sua mãe. Ela administrava um clube na capital e ficou difícil sustentar o negócio.

Naquela época começaram muitas manifestações de oposição ao governo e muitos colegas universitários do migrante 02 morreram nessas manifestações devido à repressão dos militares que apoiavam o governo. Com medo do que pudesse acontecer ao migrante, sua mãe pediu para ele procurar um futuro melhor fora do país porque aquele governo perseguia muito os estudantes que exigiam seus direitos. Em 12 de outubro de 2017 o migrante abandonou seus estudos e deixou o país rumo ao Chile, no caminho passou pela Colômbia na cidade de Cúcuta que fica na fronteira com a Venezuela, passou um dia legalizando seus documentos para poder viajar de lá para Bogotá que é a capital da Colômbia. Depois ficou dois dias no Equador e partiu para o Peru chegando a uma cidade chamada Tumbes depois foi para Lima, a capital do Peru, conheceu a cidade e gostou do clima e resolveu ficar ali.

Em Lima começou a trabalhar duro, porque no Peru a jornada é de 12 a 14 horas de trabalho por dia, na Venezuela a jornada de trabalho é menor de 8 horas por dia. Chegou ao Peru no mês de outubro e no mês de dezembro conseguiu mandar dinheiro para a esposa comprar uma passagem para ir para Lima, com o passar dos dias a situação melhorou. Sua esposa chegou ao Peru em 14 de dezembro de 2017, conseguiu um emprego, uma das coisas que mais gostaram no Peru foi a economia, o salário deles dava pra fazer muitas coisas, pagar aluguel, comprar móveis e alimento. Permaneceram por três anos e meio no Peru, conseguiram um emprego e estabilidade financeira. Porém com o início da pandemia, muitos negócios fecharam e somente o esposo permaneceu trabalhando seu salário não dava pra sustentar a família, então decidiram voltar para a Venezuela em dezembro de 2020.

Na volta para a Venezuela decidiram passar pelo Brasil para visitar alguns parentes que moravam em Manaus, entraram por uma cidade chamada Assis Brasil que fica na fronteira com o Peru então viajaram para Brasília e de lá viajaram rumo à cidade de Manaus, foi uma viagem bem longa (32 horas) muito desconfortável no ônibus porque não tinha ar condicionado. Quando encontraram com os parentes pensaram em fazer uma parada de uns dois meses, porque uma tia do esposo estava



### **Imigrante Venezuelano 03**

Na Venezuela a migrante possuía dois negócios, uma cafeteria que funcionava perto de um hotel. Trabalhou durante quinze anos na cafeteria, tinha 17 pessoas trabalhando neste negócio e além disso alugava uma propriedade na qual administrava também um pequeno restaurante. Em seus empreendimentos conheceu muitos brasileiros que iam visitar a Venezuela. Após o governo intervir na economia, as coisas começaram a escassear e ficaram muito caras. A migrante não pode mais pagar o aluguel das dependências onde funcionava seu negócio, teve de reduzir a mão de obra para poder equilibrar as despesas. No momento em que o presidente editou um decreto que dizia que quem tinha negócios tinha que trabalhar para o governo, os empreendedores perderam toda autonomia, ela recusou-se a trabalhar para o governo.

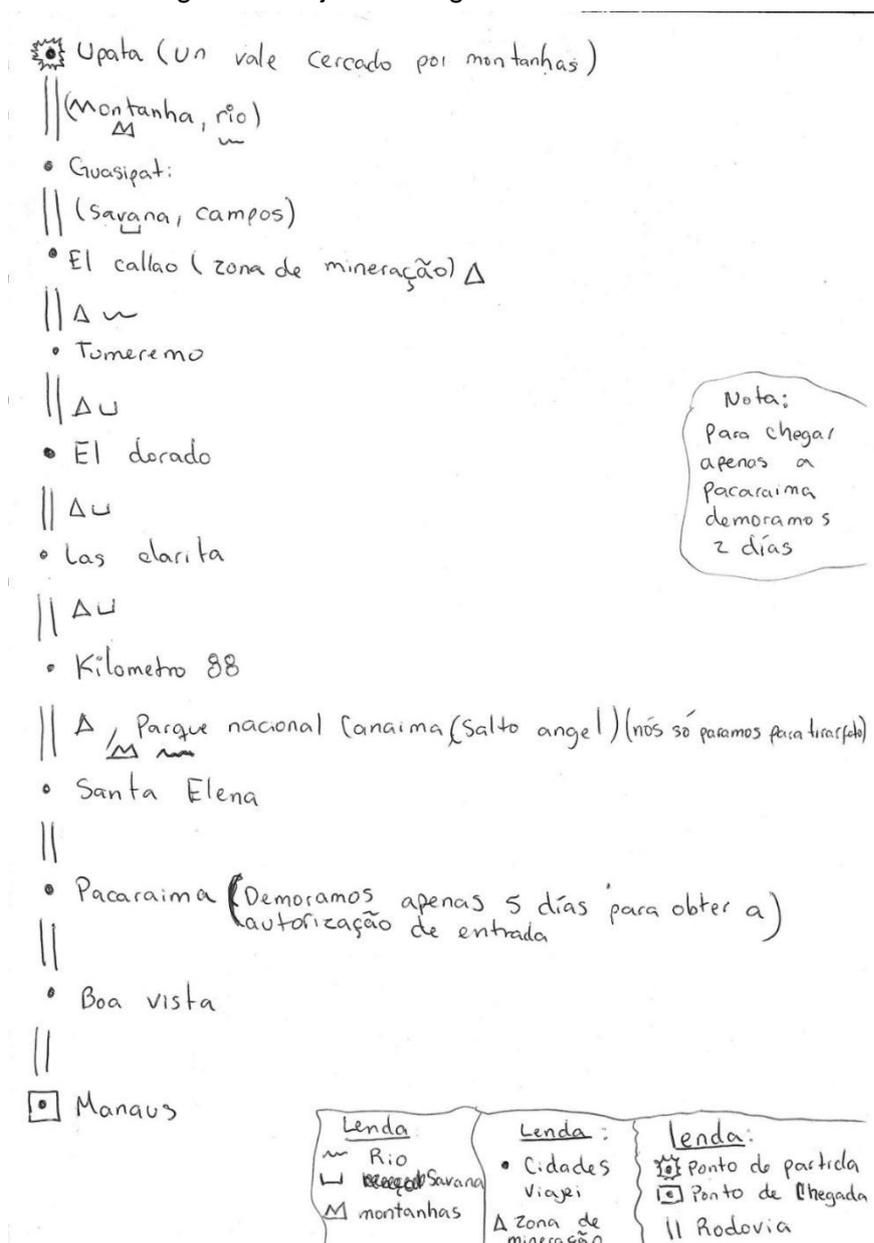
Naquela época sua filha estava cursando Estatística, a migrante esperou a filha se graduar e depois disso vendeu o negócio. A família possuía dois carros, tinha conforto e vivia muito bem, mas depois que a crise começou a assolar o país a única atividade que restou para ela sustentar a família era o trabalho de costureira, mas a renda não era suficiente para sustentar o filho que estava estudando medicina. Daí surgiu a ideia de emigrar, a migrante não queria vir para o Brasil por causa do idioma que não conhecia, mas ao longo do trajeto conheceu muitas pessoas que a ajudaram a superar as dificuldades.

Eles saíram de Upata, uma cidade que fica no interior do Estado Bolívar, seu esposo estava sofrendo de problemas cardíacos e precisava tomar remédios controlados, a migrante deixou seu país junto com sua filha, seu marido e neta de dois anos. Naquela época sua filha estava grávida, faltava apenas um mês para ela dar à luz e eles não tinham recursos para ajudá-la. Então tomaram a decisão de vender alguns dos seus pertences para comprar a passagem de saída do país, arrecadaram dinheiro apenas para as passagens, quando estavam viajando para Pacaraima foram agredidos na estrada e os salteadores levaram quase todos os recursos que tinham. Quando chegaram à fronteira, tiveram que atravessar uma longa distância a pé até entrarem no centro de refugiados que fica na cidade de Pacaraima, permaneceram ali por sete dias.

A família relata que era incômodo estar ali porque eles dormiram no chão do abrigo cedendo uma cama pequena para a filha que estava grávida, no abrigo serviam

café da manhã, almoço e jantar, aproveitaram a ocasião de sua permanência ali para conseguir toda a documentação para poder viajar para a cidade de Manaus, mesmo não tendo mais recursos. Nesse período sua neta adoeceu, ela foi atendida pelos médicos e bem cuidada no abrigo. Sua filha que estava grávida também foi atendida por uma ginecologista militar que cuidava de refugiados e eles determinaram que era urgente avançar no processo de internalização para Manaus, eles tinham um amigo que estava em Manaus que recebeu a família. A família chegou à cidade de Manaus no dia 07 de julho de 2019.

Figura 4: Trajeto do Migrante venezuelano 03



Fonte: Trabalho de campo, dezembro/2021.

#### **Imigrante venezuelano 04**

A migrante possuía na Venezuela três casas, carros, negócios, ela é advogada e seu esposo engenheiro, saíram da Venezuela e queriam migrar para Santa Catarina, mas seus recursos não eram suficientes para chegar lá e por isso ficaram em Manaus. Dois anos depois seu filho que estava no Peru junto com a esposa e os dois filhos vieram para Manaus também. Após a chegada a Manaus seu filho viajou com sua família para Santa Catarina, ele conseguiu um emprego logo que chegou no lugar. O esposo da migrante começou a trabalhar junto com um homem no ramo de energia solar, por ser um mercado em crescimento e raro, preferiram a cidade de Manaus para começarem seu próprio negócio. Ela relatou que naquele momento a sua família que estava no Peru estava vindo para o Brasil, a sobrinha, todo o resto da família tinha ido para outros países como Chile, Peru, mas depois preferiram migrar para o Brasil.

Em 2019 a migrante iria se aposentar do cargo de gerente em uma empresa, após 25 anos, mas ficou desempregada em 2018 e decidiu sair do país. Seu objetivo ao chegar ao Brasil era pagar seus estudos, começou a costurar roupas e vender, viu uma oportunidade de começar seu próprio negócio. Seus familiares começaram a deixar a Venezuela a partir de 2016. O primeiro a deixar o país foi o filho, que partiu para o Peru, em 2018 e no mês de abril sua esposa e seus dois filhos foram para junto dele. A migrante e o esposo ficaram na Venezuela e decidiram que não iam viajar para o Peru, seu esposo estava procurando um país com oportunidades e o Brasil ocupa a posição 11º na escala de espaços econômicos mundiais o que pesou em sua decisão. No mês de janeiro de 2018 a migrante viajou para o Brasil e ficou cerca de um mês e meio em Manaus com a sobrinha, depois voltou para a Venezuela e em março decidiram voltar.

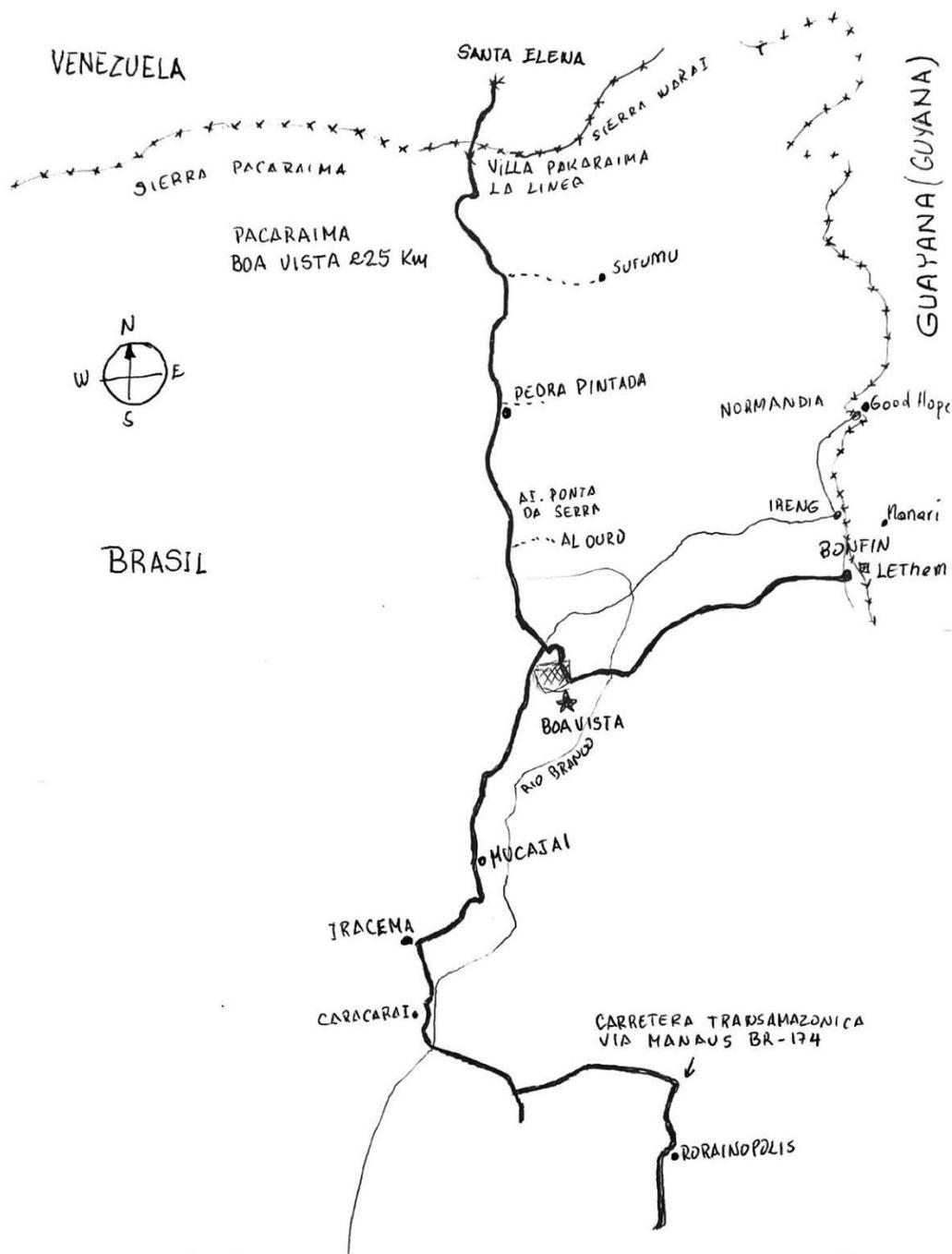
Sua decisão de retornar ao Brasil se deu por conta da desestabilização econômica da Venezuela em todas as suas áreas e porque já estavam com idade avançada. No dia 14 de março de 2018 foram para a fronteira, seu esposo estava trabalhando na alfândega e lá solicitaram a residência, no dia em que se inscreveram consultaram o sistema e viram que havia cerca de 500 venezuelanos entrando na fronteira por dia. Naquele dia tinham todos os papéis em mãos e a hora marcada, o posto de imigração atendia 10 pessoas por dia para a residência e eles foram um desses 10. No dia seguinte saiu um decreto no Brasil para não dar mais residências para qualquer estrangeiro. Após serem atendidos foram para Boa Vista, para devolver

os papéis retirados na fronteira da Alfândega e somente dois dias depois foi lhes concedida a permissão de entrada, após esse processo chegaram a Boa Vista.

Em Boa Vista esperaram aproximadamente 22 dias, pois o prazo para a entrega do CPF era de 20 dias. O CPF foi entregue, mas o cartão de residência demorou 3 meses, mas não quiseram ficar lá todo esse tempo e decidiram ir para Manaus. Eles tinham uma casa em Boa Vista, uma sobrinha que morava lá com a família todos ajudaram fazendo qualquer coisa para ganhar a vida. Nesse tempo havia muitos venezuelanos, não tantos como atualmente, a migrante frequentava uma igreja onde conheceu uma religiosa que tinha uma irmã que morava em Manaus.

Essa religiosa fez contato com seus parentes e pediu que sua família recebesse a migrante 04, juntos viajaram rumo à Manaus numa época de dia das mães, quando a religiosa foi visitar sua mãe, eles chegaram à cidade de Manaus na sexta-feira no dia 10 de maio de 2018, a irmã da religiosa deu residência ao casal de migrantes em sua casa. Concedeu uma pequena casa que ela tinha ao lado de sua residência, a religiosa entendia muito o espanhol, pois se relacionava com muitos venezuelanos em Boa Vista, mas sua irmã não.

Figura 5: Trajeto do Migrante venezuelano 04



Fonte: Trabalho de campo, dezembro/2021.

### Imigrante venezuelano 05

A migrante 05 chegou ao Brasil por via terrestre há 3 anos. Deixou na Venezuela seus pais adotivos (que são os tios), veio em um carro expresso de Puerto Ordaz, estado de Bolívar, viajou para Pacaraima na companhia de seus dois filhos, uma criança de 2 anos e outra de 4 anos. Chegou em Pacaraima onde comprou passagens para Boa Vista e em seguida para Manaus. Foi uma viagem direta e muito

cansativa com as duas crianças. Seu ex-marido estava esperando, aguardando sua chegada à Manaus. Seria uma viagem para levar as crianças para morar com o pai e ela regressaria para a Venezuela. Porém, quando ela chegou à cidade a história foi outra, o casal se reconciliou e ela ficou trabalhando e morando no Brasil.

Rapidamente a imigrante teve acesso aos documentos no posto da polícia federal no abrigo, a carteira de trabalho e o CPF, conseguiu os documentos dos filhos também. Ela visitou várias instituições, o Cáritas que a ajudou a conseguir a carteira de trabalho e uma sacola de comida, não recebeu o benefício de cartões e auxílios como os outros amigos venezuelanos. Começou a vender café da manhã na feira da Manaus Moderna e na feira da Banana no período de 13h a 17h da tarde, ela paga uma moça para cuidar das crianças. Os anos foram passando e ela se tornou conhecida e aos poucos foi conquistando seus clientes. Na ocasião da entrevista, fazia um ano e cinco meses que ela estava vendendo na frente de sua casa, bolo, pudim de chocolate, de leite, de baunilha, Arepa e café. A família chegou à cidade de Manaus no dia 29 de janeiro de 2019, a imigrante 05 não quis desenhar o mapa mental.

Optamos também por incluir ao longo do trabalho as narrativas de viagem dos imigrantes, que relatam situações referentes às mudanças políticas, econômicas e sociais que ocorreram na Venezuela e posteriormente, no Brasil concernente a sua chegada. Por fim, a partir da leitura das narrativas classificamos o envolvimento destes imigrantes com o lugar, segundo a classificação de relações com o lugar de Edward Relph, baseado nos conceitos de interioridade e exterioridade.

## **2.1. Migração venezuelana em Manaus**

*La situación en Venezuela era muy difícil no se conseguía empleo y el salario tampoco alcanzaba para nada, la comida es extremadamente cara por la devaluación económica que existe en el país (IMIGRANTE 02). A situação na Venezuela era muito difícil, não havia trabalho e o salário não era suficiente, a comida é muito cara devido à desvalorização econômica que existe no país (tradução nossa).*

As principais causas dos deslocamentos populacionais relacionam-se à crise por questões econômicas, sociais e políticas. Para entender como essa crise foi instalada precisamos considerar alguns momentos históricos que contribuíram para a formação deste cenário. Na década de 1950 a Venezuela passou por um processo de democratização marcado por conflitos e forças políticas que foram a base para

consolidar a representatividade de diferentes correntes políticas e segmentos sociais nas esferas de poder estatal (MENDES, 2010). A descoberta do petróleo em 1920, atraiu o capital estrangeiro e estabeleceu um aparato estatal que distribuiu a maior parcela de riqueza do país (BASTOS E OBREGÓN, 2018).

O alinhamento entre capital e Estado regulado pela produção e renda petrolífera ocorreu durante o processo de democratização do país. Apesar das camadas médias e populares se envolverem na política e organização de lutas de classe, não houve mudanças nas formas de adequação do regime capitalista. O grupo político da ala socialista se alia aos militares separatistas do governo central para ascender ao poder. Instaura-se a democracia representativa com as primeiras eleições diretas. O poder das oligarquias locais enfraqueceu e fortaleceu o governo central, principalmente o exército (MENDES, 2010).

A produção petrolífera sendo considerada a principal atividade econômica do país gerou uma economia que exportava produtos primários, mas dependia da importação de bens de consumo de grandes potências econômicas, principalmente dos Estados Unidos (FERNÁNDEZ, 2019). O governo tentou modificar o modelo de importação do país, com a reforma agrária e a diversificação da produção industrial, mas resultou em poucos avanços. Os financiamentos dessas iniciativas dependiam de recursos estatais e estrangeiros que eram afetados pelas variações de exigências e limitações de comercialização do petróleo na esfera internacional.

A dependência do petróleo agravou ainda mais a crise, após a nacionalização, a arrecadação foi aplicada em programas sociais, o que condicionou o bem-estar social da Venezuela às variáveis econômicas do mercado mundial. O aumento dos preços dos barris de petróleo fez os indicadores sociais dispararem, gerando a inflação. Para controlar a inflação, o país iniciou o ajuste do câmbio. Porém, observa-se que no governo Maduro a inflação aumentou, ocorreu uma queda no PIB per capita, porque o presidente adotou medidas de limitação de lucros. Isso levou os outros setores – não petrolíferos – a sabotarem a economia do país, resultando na escassez de produtos básicos de consumo. A crise agravou quando em 2014 houve uma baixa no preço do petróleo e conseqüente queda na exportação, resultando em baixas índices socioeconômicos, altas taxas de criminalidade e violência institucionalizada (BASTOS E OBREGÓN, 2018), como descrito no relato seguinte:

Luego de que el gobierno tomó cuenta de la nación se comenzaron a escasear las cosas y todo se puso muy caro y ya no tenía como pagar el alquiler del local donde funcionaba mi negocio tanto así que tuvimos que reducir personal de trabajo para poder equilibrar los gastos, en eso el presidente saca un decreto de que las personas que tenían negocio les tocaba trabajar para el gobierno, yo me puse muy triste y lloré y dije a mi misma "Yo no voy a trabajar para el gobierno" en esos tiempos mi hija estaba estudiando, ella es graduada como Licenciada en Estadísticas y yo le había dicho a ella antes de graduarse que después que ella se formara yo iba a vender el negocio y así fue, yo tenía dos carros en Venezuela, tenía todas mi comodidades y vivía muy bien y después que comenzó la crisis en el país lo único que podía hacer para defenderme era haciendo trabajos de costurera y no era lo suficiente para mantener a mi hijo que estaba estudiando medicina, fue cuando surgió la idea de emigrar y la verdad no quería venir a Brasil (IMIGRANTE 03).

Depois que o governo tomou conta da nação, as coisas começaram a escassear e tudo ficou muito caro e não pude mais pagar o aluguel das dependências onde meu negócio funcionava tanto que tivemos que reduzir mão de obra para podermos equilibrar as despesas, na medida em que o presidente edita um decreto que diz que quem tinha negócios tinha que trabalhar para o governo fiquei muito triste e chorei e disse para mim mesmo "Não vou trabalhar para o governo" naquela época minha filha estava estudando, ela é graduada em Estatística e eu tinha dito a ela antes de se formar que depois que ela se graduasse eu ia vender o negócio e foi assim, tinha dois carros na Venezuela, tinha conforto e vivia muito bem e depois que a crise começou no país a única coisa que pude fazer para me sustentar era fazer trabalho de costureira e não dava para sustentar meu filho que estava estudando medicina, foi aí que surgiu a ideia de emigrar e a verdade é que não queria vir para o Brasil (tradução nossa).

A ideia de que o socialismo não serve e que contribuiu para a ruína do país, é recorrente nos discursos dos entrevistados. É um discurso no qual o sistema socialista seria o causador dos problemas e tira o foco das verdadeiras causas da crise: as flutuações do preço do petróleo no mercado internacional; a falta de investimento do governo em mecanismos sólidos de desenvolvimento econômico e social; a dificuldade do Estado venezuelano de manter as políticas sociais; a estrutura burocrática marcada pela corrupção e a intervenção do governo norte-americano apoiando grupos políticos venezuelanos vinculados às correntes neoliberais em que as propostas não afetaram os interesses econômicos dos Estados Unidos em relação ao petróleo (FERNÁNDEZ, 2019).

Desde que começou esse governo socialista, esses governos chegam e pintam um mundo de maravilha, mas no final era uma ditadura a gente não podia sair a protestar ou reclamar seus direitos, porque a polícia agredia o povo e era difícil para os venezuelanos, então quando começou a bater a crise mais forte tive que deixar o meu negócio, vendi minhas coisas (IMIGRANTE 01).

*Ya en diciembre del año 2020 queríamos salir de Perú y volver para Venezuela debido a que la parte política del país estaba complicándose porque se escuchaba decir que en las elecciones presidenciales de marzo del año 2021 iba a ganar un presidente que apoyaba el socialismo en Perú,*

*debido a que ya en Venezuela esta establecido un gobierno socialista con el presidente Maduro y teníamos conocimiento de ese tipo de gobierno entonces buscamos la manera de salir de Perú (IMIGRANTE 2).*

Já em dezembro de 2020 queríamos sair do Peru e voltar para a Venezuela porque a parte política do país estava se complicando porque se ouviu que nas eleições presidenciais de março de 2021 um presidente que apoiava o socialismo no Peru ia ganhar, como o governo socialista já estava estabelecido na Venezuela com o presidente Maduro e tínhamos conhecimento desse tipo de governo, então procuramos uma forma de sair do Peru (tradução nossa).

Diante do cenário de crise, miséria e fome, muitos venezuelanos viram na migração uma forma de escapar da situação de crise. O Brasil nem sempre foi o destino escolhido para imigração venezuelana. O Perfil Sociodemográfico e Laboral da imigração venezuelana no Brasil apontou que 5,1% relataram possuir experiências migratórias prévias, tanto de forma interna quanto internacional. Na migração internacional, destaque para Colômbia, Estados Unidos e Argentina. A maior parte dos migrantes que foram para Roraima (estado brasileiro fronteiro) afirmam que esta é a sua primeira experiência migratória (SIMÕES, 2017).

A pesquisa também indicou que os imigrantes venezuelanos em Roraima possuem alta escolaridade e seus locais de origem se concentram em cinco Estados Venezuelanos (Bolívar, Monagas, Anzoátegui, Carobo e Distrito Federal – Caracas). Muitos possuem uma rede migratória composta em sua maioria por amigos (58% do total). Os migrantes chegaram, em sua maioria, de ônibus e levaram, em média, 1 a 2 dias para chegar em Pacaraima, no lado brasileiro da fronteira. Havia poucos venezuelanos em Roraima antes da crise venezuelana e boa parte deles chegaram em 2016 e 2017, mais de 50% eram empregados e 20,8% trabalhavam por conta própria, 13,9% informaram que estavam desempregados antes de vir para o Brasil.

Com base nos dados percebemos que a classe social a qual pertencia os venezuelanos que migraram inicialmente para o Brasil, eram as classes alta e média. Antes da crise, o destino escolhido por estas classes era Miami, nos Estados Unidos. Atualmente a esse perfil foi acrescentado os migrantes de classe baixa que vem para o Brasil em busca de emprego ou oportunidade de trabalho. O objetivo de muitos imigrantes venezuelanos é obter uma renda e enviar parte dessa renda para seus familiares que ficaram na Venezuela ou até mesmo custear a viagem dos familiares para o Brasil. Para alguns o Brasil não foi o primeiro destino, segue o relato de um dos migrantes que antes de vir para Manaus passou por outras cidades:

Em el año 2017 tuve que abandonar mis estudios y salir del país pues mi madre con mucho temor me decía que buscara un mejor futuro fuera del país porque en ese entonces el gobierno perseguía mucho a los estudiantes que reclamaban sus derechos, fue entonces cuando decidí salir del país y viajar hasta Chile, en mi recorrido pasé por Colombia en la ciudad de cúcuta que se encuentra frontera con Venezuela estuve un día legalizando mis documento para poder viajar de allí viaje a bogota que es la capital de Colombia, después pasé por Ecuador allí estuve dos días luego viaje a Perú llegué a una ciudad llamada tumbé y de allí viaje a Lima que es la capital de Perú, estando en lima comencé a conocer la ciudad y me gustó mucho el clima y comencé a adaptarme a la ciudad (IMIGRANTE 02).

Em 2017 tive que abandonar meus estudos e deixar o país porque minha mãe tinha muito medo de me dizer para procurar um futuro melhor fora do país porque naquele Aí o governo perseguiu muito os estudantes que exigiam seus direitos, foi então quando decidi sair do país e viajar para o Chile, no caminho passei pela Colômbia na cidade de Cúcuta que fica na fronteira com a Venezuela fui um dia legalizando meus documentos para poder viajar de lá viajar para Bogotá que é a capital da Colômbia, depois fui pelo Equador lá estive dois dias depois viajei para o Peru cheguei a uma cidade chamada Tumbé e de lá viajei para Lima onde é a capital do Peru, sendo em Lima comecei a conhecer a cidade e gostei muito do clima e comecei a me adaptar à cidade (tradução nossa).

A migração venezuelana para a cidade de Manaus na maioria dos casos envolve grande esforço e situações difíceis na viagem, em evento<sup>2</sup> a coordenadora do projeto Resposta Emergência<sup>3</sup>, Janaina Paiva, afirmou que as migrações venezuelanas acontecem de duas formas, por demanda espontânea e por processo de interiorização, em sua fala a coordenadora explicou que:

A demanda espontânea são as pessoas que vêm caminhando, diferente da interiorização dos que vem de avião pago pelo governo federal. Esses vêm caminhando, de carona, ou de ônibus, por isso acredita-se que Manaus não deveria ser cidade de interiorização e sim ponto de partida, porque a chegada de pessoas é grande, mesmo com a fronteira fechada os migrantes entram normalmente, vinham por caminhos alternativos. Inicialmente essas pessoas não possuem nada, muitos vêm com a roupa do corpo e apenas alguma mochila.

No relato, observa-se que muitos migrantes venezuelanos enfrentam situações difíceis para atravessar a fronteira. Segundo a coordenadora, ao fazerem seus trajetos pegam carona com desconhecidos, alguns andam muitos quilômetros, chegando a ficar com a aparência desfigurada. Ao chegar à fronteira, podem passar dias esperando para entrar de forma legalizada no Brasil. Quando a fronteira está aberta, os migrantes podem solicitar a *permission*, documento que possibilita sua entrada no

<sup>2</sup> Palestras e Mesa redonda sobre Migrações e Políticas Públicas: repostas institucionais e limites de acesso a direitos em 18/06/2019 promovida pelo Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia – GEMA.

<sup>3</sup> Resposta emergência – Atendimento à solicitação de refúgio e refugiados venezuelanos em Manaus, resultado de uma parceria entre a Cáritas Arquidiocesana de Manaus, Acnur e Embaixada Francesa.

Brasil, quando a fronteira está fechada eles entram por *trochas*, vias ilegais, e desse modo não possuem nenhum documento. Se os venezuelanos decidem ficar em Pacaraima, lá mesmo se faz uma triagem de documentação, caso eles decidam vir para Manaus, eles podem procurar o Posto de Interiorização e Triagem (PTRIG). Neste órgão poderão ter acesso aos documentos migratórios, que são protocolo de refúgio ou residência e o Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) e após um ou dois anos, o residente passa a ter uma carteira de identificação contendo foto expedida pela polícia federal.

Conforme Simões (2017) entram como solicitantes de refúgio, são poucos os que optam pela solicitação de residência. A solicitação de refúgio concede ao imigrante um tempo de permanência no país de um ano, ao final deste prazo o solicitante deverá pedir renovação. A solicitação de residência concede um tempo de permanência de dois anos para quem pretende trabalhar ou residir, pode ser temporária ou definitiva, é um processo mais criterioso e detalhado, portanto sendo mais difícil de ser concedido por isso os migrantes recorrem mais ao refúgio do que a residência. Ao optar por qualquer uma das solicitações os migrantes estarão protegidos, a diferença entre o refugiado e o residente é que o primeiro requer a assistência do país, enquanto o segundo poderá permanecer sob sua responsabilidade.

Segundo informações de uma das coordenadoras da UNICEF no PTRIG, o país tem uma responsabilidade para com os refugiados por serem uma população mais vulnerável, diferente dos migrantes que vêm residir por conta própria, estes adquirem a proteção e os direitos e deveres de um cidadão brasileiro e é de sua total responsabilidade sua permanência. Em 2019 percebeu-se que os venezuelanos chegaram bem mais debilitados em Manaus, mesmo tendo passado nos postos de atendimento em Roraima, em Pacaraima e Boa Vista, por causa do fechamento da fronteira. Além destas situações, algumas famílias relatam outras experiências topofóbicas que aconteceram em seus trajetos:

Cuando íbamos viajando para Pacaraima fuimos asaltados en la vía y nos quitaron casi todo lo que traíamos, cuando llegamos a la frontera nos tocó atravesar a pie una gran distancia y llegar a un centro de refugiados que se encuentra en la ciudad de Pacaraima (IMIGRANTE 03). Quando estávamos viajando para Pacaraima fomos agredidos na estrada e eles levaram quase tudo o que tínhamos conosco, quando chegamos à fronteira, tivemos que atravessar uma longa distância a pé e chegar a um centro de refugiados que fica na cidade de Pacaraima (tradução nossa).

Convém observar, que muitos migrantes aproveitaram o movimento de migrações em massa para entrar no Brasil. Chegam à cidade de Manaus em situação de extrema vulnerabilidade, são atendidos em postos criados pela SEJUSC por meio da Operação Acolhida, o objetivo é o acolhimento inicial dessas pessoas e tentar ao máximo facilitar seu acesso aos seus direitos dentro da cidade. A polícia federal também é outro órgão bastante procurado por imigrantes para fazer a solicitação de refúgio ou solicitação de residência. Alguns chegam com a documentação organizada do estado de Roraima, outros portando apenas o documento de identificação - a cédula venezuelana - que contém foto, data de nascimento, emissão do documento e a validade, porém não contém dados de filiação.

Em uma conversa com a coordenadora da UNICEF que atua no PTRIG, soubemos de algumas situações que dificultaram o processo de aquisição dos documentos legais pelos imigrantes. Conforme a coordenadora, a ausência dos dados de filiação na cédula venezuelana dificulta a comprovação do grau de parentesco entre os venezuelanos. Por conta disso, existem muitos casos de crianças que migram separadas dos pais. Famílias que não tem condições de atravessar delegam a responsabilidade de seus filhos (adolescente ou criança) para uma pessoa (amigo ou parente) levar para o Brasil, para estudar. Existem diversas situações em que a criança está separada de seus responsáveis legais, são acompanhados por tios, primos, amigos. Há casos, em menor número, de crianças e adolescentes desacompanhados que migram sozinhos sem ninguém, ambos os casos configuram um grande problema ao acesso ao documento migratório.

A coordenadora da UNICEF argumenta que para uma criança conseguir ter acesso ao documento migratório é necessário que a família ingresse junto a Defensoria Pública do Estado (DPE) para conseguir uma guarda provisória. É um processo que dura aproximadamente um ano para essa criança ficar documentada, as agências em conjunto com a DPE estão verificando uma forma de agilizar esses processos, fazer um mutirão ou alguma ação, visto que a demanda por esse procedimento é muito grande. Os agendamentos para solicitar o processo requerem um longo período de espera. Algumas famílias necessitam desse documento para fazer o processo de interiorização e só poderão viajar para outra cidade se possuírem a documentação de guarda provisória da criança.

Outra situação está relacionada à falta de acesso do migrante à certidão de nascimento. Muitas mulheres chegam ao país no último mês de gravidez, em certos casos adentram à cidade de Manaus em um dia e concebem no dia seguinte e não conseguem registrar seus filhos porque o cartório da maternidade exige o CPF ou documento migratório, documento que requer em média três meses ou mais aguardando na fila para um agendamento. Existem casos em que o migrante até possui o documento, mas por estar vencido, o registro do filho é negado. A maioria dos que se encontram nessa situação procuram o PTRIG apresentando apenas a Declaração de Nascido Vivo (DNV), a coordenadora relatou que existem casos que até mesmo a DNV foi negada, o que se configura em um caso de violação muito grave, colocando a vida da criança em risco.

A falta de documentação também foi um fator limitante ao acesso do migrante à educação. Em 2020, algumas escolas da rede pública não estavam permitindo que as crianças migrantes estudassem por causa da falta de documento. A coordenadora relata outro caso de experiência topofóbica que alguns imigrantes enfrentaram “casos bem xenofóbicos” de algumas gestões de escola, que informaram para os responsáveis venezuelanos que iriam realizar a matrícula primeiro das crianças brasileiras e se sobrasse vagas eles iriam matricular as demais, no entanto esse quadro já foi mudado.

Em resposta a demanda por professores qualificados para garantir o direito à educação de crianças e adolescentes refugiados e imigrantes, a UNICEF, a Aldeias Infantis, a Secretaria do Estado de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC-AM), a Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) em parceria com o Repórter Brasil por meio do programa educacional Escravo, nem pensar! criaram o Projeto EDUMIGRA lançado em 20 de outubro de 2021. O objetivo dessa ação é promover o acolhimento de crianças e adolescentes e de famílias de imigrantes nas escolas da rede municipal de Manaus e estadual do Amazonas.

O projeto EDUMIGRA visa assegurar alguns direitos que são importantes para a população que está chegando, como o direito à educação. Conforme Mateus Rangel, oficial de projeto do Fundo das Nações Unidas para Infância – UNICEF, em live exibida no canal Escravo, nem pensar! (2021) a escola é um lugar de troca de saberes e por isso deve acolher o que vem de fora, entendendo que o imigrante traz muita riqueza de sabedorias e de costumes. Os ambientes educacionais e os

educadores precisam ter cada vez mais subsídios e vontade de adaptar seu conteúdo de aula, projeto político pedagógico e plano de aula para a criança. Essa criança que vem de um processo migratório carrega traumas, por abandonar seu contexto migrando para outro lugar diferente.

A princípio os migrantes, não tendo onde ficar na cidade, montavam acampamento nos arredores da rodoviária de Manaus, bairro Flores. Em sua maioria indígenas da etnia Warao, instalavam-se em acampamentos improvisados, ocupando áreas embaixo de viadutos, jardins e canteiros próximos. O fenômeno migratório se intensificou e isto obrigou a acolhida institucionalizada a mudar o formato da operação. A princípio os postos de atendimento recebiam o migrante e depois direcionava para abrigos. O relato a seguir mostra as condições que viviam os imigrantes próximo a rodoviária:

Saímos com dinheiro e começamos a pagar o hotel, comer na rua, passar a noite no hotel, não sabíamos como era o sistema ali da rodoviária e como tínhamos dinheiro pensamos que íamos arrumar um emprego. Rapidamente, passamos uma vida de rico nos hospedando em um hotel. Quando passamos pela rodoviária vimos gente lá, chegamos aqui no dia 28 de agosto de 2019, ainda não tinha as capas brancas (barracas do ACNUR) a gente passava e víamos gente dormindo em carpas pequenas, no chão, improvisando carpas com lonas azuis (IMIGRANTE 01).

O aumento das solicitações de refúgio demandou mais recursos, induzindo a necessidade de repensar o formato da Operação Acolhida. Assim, com intuito de organizar o acampamento e melhorar esteticamente a paisagem da rodoviária foi construída uma estrutura de albergado. À medida que o projeto foi se adaptando a demanda migratória a paisagem da rodoviária foi sendo alterada. O que inicialmente era composto de barracas e lonas, após a intervenção militar o lugar ficou com um aspecto mais ordenado. Foi construída uma estrutura de albergamento, que consiste em tendas e overlays (contêineres) para receber e abrigar inicialmente os refugiados até interiorizá-los (Figura 6 e 7).

Figura 6: Ocupação na rodoviária pela etnia Warao



Fonte: Jander da Silva Sousa/Seas, 2019.

Figura 7: Barracas outlaser como abrigos para os migrantes venezuelanos



Fonte: Jander da Silva Sousa/Seas, 2019.

Segundo o coronel do exército Marriton Dias, comandante da base Operação Acolhida esse espaço funciona como um local de pernoite:

Ao virem para cá, eles recebem uma barraca iglu ou uma barraca família, dependendo dá composição do grupo. A partir das 17 horas, começa a entregar esse material e eles têm esse local, destinado ao pernoite. A partir

das 5 horas, eles devem entregar esse material e partir para o seu local de trabalho" (PORTAL A CRÍTICA, 2019).

O coronel explicou que o tempo de duração dessa rotina depende do fluxo migratório e que naquele momento as forças armadas dispunham de 250 barracas tipo iglu e 30 barracas com capacidade para até quatro pessoas. A estrutura de albergado foi construída para que famílias migrantes que chegam debilitadas e sem recursos sejam acolhidas de imediato e tenham um lugar de acesso a acomodações, alimentação, assistência médica, instalações sanitárias, coleta de lixo, lavanderia, área de convivência.

No Albergado são preenchidos formulários para armazenar em um banco de dados as fotos e informações sobre os que irão permanecer no ali, esse banco de dados contém informações das pessoas que passaram por ali. A equipe de atendimento promove ações de cidadania, saúde, porque alguns estão bem debilitados fisicamente, não existe um local para abrigar todas essas pessoas, mas se tenta minimizar ao máximo a situação de vulnerabilidade através dessas ações. A vida do migrante muda dentro do albergue porque a pessoa passa a viver sob regras.

Segundo Vasconcelos (2021) a forças armadas administram estes lugares cumprindo dois propósitos, por um lado, acolher de caráter humanitário aos solicitantes de refúgios e, por outro lado, produzir segurança e ordem para os cidadãos brasileiros. A política de abrigo desses locais baseia-se em três obrigações: dar, receber e retribuir. Na qual dar é um compromisso do país hospiteiro; receber é a presunção de que nada do que é oferecido no abrigo pode ser pior do que a situação enfrentada no país de origem; e retribuir é a reação esperada dos refugiados, uma postura submissa e grata.

Em Manaus o comando da Operação Acolhida se alterna entre as Forças Armadas (marinha, aeronáutica, exército) a cada 3 meses. A política de abrigo dos militares não possibilita espaço para questionamentos a respeito daquilo que é ofertado. Em conversa com a coordenadora de um posto da UNICEF, ficamos sabendo que nos albergues da rodoviária moram grupos de famílias com intenção de trabalhar, mas também existem pessoas mal intencionadas que estão envolvidas ou que acabam entrando para o tráfico de drogas. Por este motivo a vida nos albergues pode ser desafiadora para as famílias e de difícil controle para os órgãos responsáveis por administrar o espaço.

Segundo a coordenadora da UNICEF a situação das pessoas que vivem no albergue pode piorar pois a administração do lugar passará a ser responsabilidade do governo, referindo-se às situações de má gestão pública. O prazo para que o governo assumira a responsabilidade do posto da rodoviária foi até o final do ano de 2021. O processo de transição da administração para o governo vai ser feito de forma gradual, iniciando pela rodoviária e depois os demais locais. Até o momento os militares continuarão administrando os demais locais, as pessoas que trabalham nesses lugares temem que os recursos fiquem cada vez mais escassos.

A UNICEF atua com o intuito de aliviar o sofrimento de crianças junto às famílias de migrantes venezuelanas. Tem trabalhado vários temas principalmente o abuso infantil e ensinado a educação não-formal as crianças. Após essas famílias serem recebidas na rodoviária são encaminhadas ao PETRIG, para dar entrada na documentação. Apesar da estrutura do Albergado ser um lugar de passagem dos imigrantes venezuelanos e estes não serem obrigados a sair em busca de emprego, existem famílias que permanecem morando nas barracas. Famílias que estão há quatro anos vivendo do assistencialismo e não tem uma previsão de quando deixar o lugar, nem perspectiva de sair dali, moram no albergue desde que chegaram à cidade de Manaus.

Com a situação da pandemia do Covid-19 a fronteira permaneceu fechada e muitos venezuelanos entraram de forma ilegal, quase 80% das pessoas que moram nas barracas permanecem de forma ilegal no país. Ao indagarmos se passaram pelo Albergue ou como era a vida ali, alguns migrantes venezuelanos responderam que embora fosse um lugar para descansar eles ficavam ansiosos para conseguir um emprego e sair deste lugar o mais rápido possível. O relato a seguir mostra uma parte das dificuldades que os migrantes passam a ocupar um espaço na estrutura de albergado montada na rodoviária:

Quando ficamos sem dinheiro, fomos para a rodoviária quando chegamos lá, aquelas grandes carpas brancas já estavam lá, já estavam erguidas. Lá eles doaram pequenas carpas e esteiras. Dentro das carpas grandes montavam as carpas pequenas, a gente recolhia à tarde e devolvia pela manhã, eles assinavam tudo, tinha um controle ali e dormíamos ali todos os dias. Saíamos cedo todos os dias caminhando de lá da rodoviária para o centro, foi assim que conheci Manaus, caminhávamos muito em busca de trabalho e as pessoas falavam, deixa o currículo, deixa o número, e eles não ligaram. Lá no abrigo tem uma parte onde você pode lavar a roupa. Uma lavanderia. A coisa ruim desse sistema é que para lavar a roupa, as pessoas que lavavam a roupa tinham que ficar cuidando da roupa para que ela não se perder,

porque isso acontecia muito. Então naquele dia decidimos sair para lavar nossas roupas fora do abrigo (IMIGRANTE 01).

Como observado, o migrante procurou a estrutura como última opção de abrigo na cidade e mesmo assim não fez questão de permanecer por muito tempo no lugar, devido à presença de pessoas mal intencionadas que se aproveitavam da situação para furtar os objetos pessoais das famílias presentes no abrigo. O primeiro fluxo de migrantes a chegar no Brasil foi ano de 2017, parte desses venezuelanos encontra-se atualmente residindo em Manaus, outra parte foi direcionada para outros estados brasileiros e existem aqueles que foram para outros países da América Latina por meio do processo de interiorização.

Segundo a ACNUR a Operação Acolhida e a interiorização são apoiadas pela plataforma R4V – Resposta a Venezuelanos e Venezuelanas, composta por 48 organizações da sociedade civil e da ONU. Existem quatro modalidades de interiorização: a) institucional; b) reunificação familiar; c) reunificação social; d) por emprego (em que o selecionado para um cargo é realocado), esta última modalidade é a mais procurada. Para fazer parte do processo de interiorização o migrante venezuelano deve cumprir alguns requisitos, estar regularizado no país (obtendo a solicitação de refúgio ou visto de residência temporária) e portando os documentos nacionais (como Carteira de Trabalho ou CPF), estar com a vacinação atualizada e passar por um exame médico anterior ao embarque. Dos entrevistados nesta pesquisa, alguns falaram do processo de interiorização de seus familiares:

*Brasil há sido como u a puerta abierta y si tu te pones a ver las noticias por ejemplo mi familia se está viniendo toda para acá, mi familia que estaba en Perú se vino para acá, los que se vinieron fue mi sobrina y yo que me vine con mi esposo todos los demás de mi familia se fueron para otros países como Chile, Perú y ahora todos están aquí en Brasil pero están hacia el sur, so gente jóvenes y cuando uno llega aquí llega sin dinero por lo tanto necesitas trabajar para otro por eso tienes que ser dependiente pero el que logra superar esa etapa aquí en Manaus para luego ser independiente es duro porque aquí hay mucha competencia hay muchos extranjeros no solo los venezolanos aquí hay muchos haitianos, hay muchos africanos colombianos peruanos y muchos venezolanos, entonces es una ciudad o un estado donde ofrece muchas oportunidades está es la segunda puerta a la frontera por lo tanto se ve inundada de muchos extranjeros. Nosotros sabemos que hay varios tipos de interiorización, una de ellas es por empleo, cuando estas cadastrado en el sistema y te sale una oportunidad de empleo aquí en Brasil ellos te interiorizan a cualquier estado del país y te ofrecen algunos beneficios como pasaje, cesta tique por tres meses de aproximadamente novecientos reais, te pagan el alquiler donde vas a vivir válido por tres meses para que las personas puedan quedar libre de gastos por tres meses. Solo que tendrás que trabajar lo que salga y lo bueno que es con cartera asignada, ya después de tres meses la persona tiene que correr con los gastos por su cuenta ya que el beneficio de interiorización te ayuda*

*solo por tres meses, ese es un beneficio muy bueno que se le ha ofrecido a los extranjeros aquí en Brasil. Otro tipo de interiorización es cuando la persona tiene algún familiar en otro estado del país por ejemplo si to me encuentro aquí en Manaus y tengo algún familiar en el sur del país es cuando ese familiar puede hacer una solicitud al PTRIG entonces el esa organización a través de la policía federal hacen la interiorización es decir lo que hacen es trasladarte hasta ese familiar, eso lo llaman encuentro familiar. También existen otras organizaciones religiosas y está la ONG que es una organización no gubernamental, ellos también hacen interiorización, unas por empleo y otras por encuentro familiar y también te dan la oportunidad de facilitarte el viaje hacia otro estado pagando solo los gasto del pasaje, ya en ese caso la persona tiene que tener los recursos suficientes para poder alquilar y mantenerse en la ciudad donde se valla a quedar (IMIGRANTE 04).*

O Brasil tem sido uma porta aberta e se você assistir ao noticiário, por exemplo minha família está toda vindo pra cá, minha família que estava no Peru veio pra cá, minha sobrinha e eu e meu marido. Todo o resto da minha família que tinha ido para outros países como Chile, Peru agora estão todos aqui no Brasil, mas estão no Sul, são jovens e quando você chega aqui chega sem dinheiro, então você precisa trabalhar para os outros, para isso você tem que ser dependente, mas aquele que consegue superar essa etapa aqui em Manaus e depois ser independente. É difícil porque aqui há muita competição, há muitos estrangeiros, não só venezuelanos aqui há muitos haitianos, há muitos peruanos, afro-colombianos então é uma cidade ou um estado onde oferece muitas oportunidades, é a segunda porta para a fronteira, portanto está inundada com muitos estrangeiros. Sabemos que existem vários tipos de internalização, um deles é por emprego, quando você está cadastrado no sistema e consegue uma oportunidade de trabalho aqui no Brasil eles internalizam você para qualquer estado do país e oferecem alguns benefícios como passagem, cesta básica por três meses de aproximadamente novecentos reais, pagam o aluguel onde você vai morar por três meses para que as pessoas fiquem livres de despesas. Só que você vai ter que trabalhar de carteira assinada, depois de três meses a pessoa tem que arcar com as despesas por conta própria já que o benefício de internalização te ajuda apenas por três meses, que é um benefício muito bom que tem sido oferecido para estrangeiros aqui no Brasil. Outro tipo de internalização é quando a pessoa tem parente em outro estado, por exemplo, se eu estou aqui em Manaus e tenho parente no sul do país, é quando esse familiar pode fazer um pedido à PTRIG aí a organização através da Polícia Federal faz a internalização, ou seja, o que eles fazem é transferir você para aquele familiar, eles chamam de encontro de família. Existem também organizações religiosas e ONG's, que também fazem internalização, dando a oportunidade de facilitar a viagem para outro estado pagando apenas o custo da passagem, nesse caso a pessoa deve ter recursos para manter-se na cidade que quer ficar (tradução nossa).

O Brasil é visto como uma terra de oportunidades para os migrantes, mas que também recebe um grande fluxo de imigrantes de outros países. Esse aumento populacional colabora para uma maior disputa por vagas no mercado de trabalho. Conseguir emprego é uma das dificuldades enfrentadas pelos jovens migrantes. Descobrimos no discurso do Migrante 04 uma classificação das cidades que recebem migrantes com base nas oportunidades que esses lugares dispõem. Em seu entender Manaus é uma cidade para empreendedores, pessoas que optam em trabalhar por conta própria e indica que o público que se enquadra nessa perspectiva seriam as

peessoas mais velhas. A cidade de Santa Catarina, no sul do país, segundo o migrante, seria o destino para as pessoas mais jovens, que buscam por um emprego fixo. Ao entrevistar outra família percebemos que esse fenômeno se repete:

*En ese tiempo llegó mi hijo que se había quedado en Venezuela, él se vino con su esposa y sus dos hijos pequeños, él alquiló una habitación para él y su familia pero en esos días yo quedé sin empleo y como yo había alquilado una habitación para mí, ya no tenía como pagarla y mi hijo me pidió que fuera a vivir con él ya que mi estado de salud estaba mal, mi hijo es mecánico y consiguió trabajo en un taller de carros allí él conoció muchas personas y decían para él que en Santa Catarina podía conseguir un mejor empleo y por medio de esos contactos él viajó para allá y está trabajando gracias a Dios, allí quedé sola nuevamente y me fui a vivir con mi hija (IMIGRANTE 03).*

Naquela época chegou meu filho que tinha ficado na Venezuela, ele veio com sua esposa e dois filhos pequenos, ele alugou um quarto para ele e sua família, mas naquela época eu estava desempregada e não tinha como pagar o aluguel então pedi a meu filho para ir morar com ele pois minha saúde estava ruim, meu filho é mecânico e conseguiu emprego em uma oficina de automóveis aí conheceu muita gente e falaram para ele que em Santa Catarina poderia conseguir um emprego melhor e através desses contatos ele viajou para lá e está trabalhando, graças a Deus, então fiquei sozinha de novo e fui morar com minha filha (tradução nossa).

Até o momento verificamos que entrar no mundo do trabalho é um fator determinante para que os migrantes se estabeleçam em determinado lugar. Apesar do aumento populacional, a cidade apresenta muitas oportunidades de trabalho, além de ser uma ampla rede de serviços, como educação e saúde, e todas essas condições contribuem para a construção de uma identidade com o lugar. O envolvimento que os migrantes constroem com o lugar se baseiam em alguns fatores, nesta pesquisa escolhemos três deles: rede familiar e amizade; a religião e o trabalho.

Priorizamos esses fatores pois ao observar o fenômeno da migração percebemos que grande parte dos migrantes que se deslocam para Manaus possui uma rede social, pessoa (familiar ou conhecido) que irá auxiliá-lo na acolhida. Quando o migrante não possui parentes e amigos em Manaus, muitos deles procuram igrejas, buscando hospitalidade ou alguma forma de ajuda para permanecer na cidade. Após conseguir estabelecer-se na cidade o trabalho passa a ser um dos fatores determinantes para fixação no lugar, nele também se constroem vínculos com o lugar, a relação entre rede familiar, religião e trabalho estão presentes em grande parte dos relatos como este:

*Cuando llegamos a Brasil fuimos bien recibidos ya que no teníamos como comunicarnos con nuestro familiares porque andábamos sin celular y para poder entrar en contacto con ellos le pedíamos a las personas que nos*

*ayudaran prestando sus celulares para así poder hablar con nuestra familia, fue un viaje muy largo y más cuando viajamos de Porto Velho a Manaus que fueron 32 horas de viaje muy incómodo en el autobús porque no tenía aire acondicionado pero a pesar de todo llegamos bien gracias a Dios y los primeros días que estuvimos aquí buscamos la manera de buscar algún empleo pero era difícil porque no teníamos documentos brasileiros, mi esposo Felipe logró trabajar unos días en una fábrica de hielo y con lo que ganaba podíamos comprar comida o algunas cosas que nos hacían falta y era muy difícil nuestra situación porque no teníamos como pagar el alquiler de la habitación donde estábamos viviendo y casi nos desalojaban porque ya teníamos dos meses que no teníamos como pagarlos fue en esos días que una iglesia cristiana nos ayudó a pagar un mes de alquiler, era difícil conseguir empleo en esos días ya que por causa de la pandemia habían muchos comercios cerrados fue una situación difícil para todos, hasta intentamos conseguir ayudas en los órganos de la ciudad pero era difícil conseguir ayuda ya que no teníamos documentos (IMIGRANTE 02).*

Quando chegamos ao Brasil fomos bem recebidos, pois não tínhamos como nos comunicar com nossos parentes porque estávamos sem celular e para entrarmos em contato com eles pedimos que nos ajudassem emprestando seus celulares para que pudéssemos conversar. Para a nossa família foi uma viagem muito longa e ainda mais quando saíamos de Porto Velho a Manaus, que era uma viagem de 32 horas, muito desconfortável no ônibus porque não tinha ar condicionado, mas apesar de tudo chegamos bem, graças a Deus e nos primeiros dias que estivemos aqui procuramos um meio de conseguir algum emprego mas foi difícil porque não tínhamos documentos brasileiros, meu marido conseguiu trabalhar alguns dias em uma fábrica de gelo e com o que ganhava podíamos comprar comida ou alguma coisa que a gente precisava e a nossa situação estava muito difícil porque não tínhamos como pagar o aluguel do quarto onde morávamos e quase nos despejaram porque já tínhamos dois meses que não tínhamos como pagar era nesses dias que uma igreja cristã nos ajudava a pagar o aluguel de um mês, naquela época era difícil conseguir trabalho porque muitos negócios fechavam por conta da pandemia, era uma situação difícil para todos, até procuramos ajuda dos órgãos da cidade mas foi difícil conseguir ajuda porque não tínhamos documentos (tradução nossa).

Existem alguns tipos de envolvimento com o lugar Edward Relph classificou alguns tipos, apoiado nos conceitos de interioridade e exterioridade. Utilizamos essa classificação para determinar que tipo de relação os imigrantes venezuelanos possuem com a cidade. Estas relações são pautadas tanto no sentimento que se constrói com o lugar quanto nos interesses que as pessoas têm com o lugar, as possibilidades que o lugar pode oferecer, e fatores que influenciam na permanência dos migrantes.

## **2.2. Manaus sob a perspectiva dos migrantes venezuelanos**

O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização da socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (LEFEBRE, 2001, p. 134).

Por conter a Zona Franca ou Polo Industrial a cidade de Manaus tornou-se um pólo de atração para os migrantes que buscam melhores condições de vida e trabalho. Assim como migrar, habitar a cidade é um direito humano. Permanecer na cidade, apropriar-se dela é um direito de todos. Todavia sabemos que tal apropriação não ocorre de forma igualitária, uma vez que o mercado de trabalho exige uma qualificação profissional que em certos casos a pessoa não possui. A qualificação profissional define que atividade será exercida, a remuneração e o valor social. Logo, a experiência que os migrantes têm no mercado de trabalho na cidade Manaus é um dos elementos para entender a percepção destes sobre a cidade.

Ao chegar à cidade o IMIGRANTE 01 não tinham onde ficar, possuíam apenas o contato de um amigo, mas como o apartamento era muito pequeno eles não puderam ficar lá. Como o dinheiro que conseguiram arrecadar na compra das passagens para a cidade de Manaus conseguiram se manter por um tempo, pagando aluguel e gastos como alimentação, todos os dias saíam à procura de emprego, sobre essa experiência a família relata que:

No tempo que caminhamos saíamos todos os dias procurando trabalho, o meu pai tinha um sapato que acabou o sapato de tanto caminhar passou a caminhar de sandália, o meu sapato ficou todo acabado. Nesse tempo a gente conheceu um restaurante, o Prato Cidadão e a gente almoçava ali pra economizar dinheiro, todo dia saímos procurando trabalho, nesse tempo quando o dinheiro já estava acabando a gente procurou uma igreja, o dinheiro já havia acabado a gente foi procurar uma pessoa na igreja, somos cristãos. Saímos de lá da Venezuela só que era outra doutrina diferente aí a gente procurou as igrejas e os irmãos falavam que estavam procurando emprego, perguntamos se eles podiam nos ajudar contávamos a situação que estava passando se podiam ajudar com alguma coisa para gente comer que estamos sem dinheiro três dias caminhando procurando um trabalho e ainda não conseguiu nada, aí os irmãos ajudaram (IMIGRANTE 01).

*Cuando llegamos aquí a Manaus todos los días mi esposo salía a las 5 de la mañana y regresaba a las 6 de la tarde, en sus manos llevaba aproximadamente unos 30 currículos, yo creo que el conoció toda Manaus caminando, no tenía recursos para estar pagando pasajes en los autobuses y como estaba buscando empleo tenía que caminar, el entregó muchos currículos en muchas partes de acuerdo a lo que el estaba aspirando trabajar, entonces los currículos los modificó varias veces porque el vino con un propósito y las cosas iban cambiando, y fue curioso porque un día el estaba en una empresa china introduciendo un currículum y un señor brasileiro lo estaba escuchando hablar cuando el estaba dejando el currículum y después hablo con el y le dijo que porque estaba buscando empleo y le comentó a mi esposo que el empleo era el mismo, que tenía la capacidad de el ser su propia empresa, su propio negocio, y allí ellos se hicieron amigos, el señor era cristiano y es dueño de una finca, el tenía siembra de pasto y el señor quería que le hiciera un tendido eléctrico de alta y baja tensión y le dijo a mi esposo que si estaba dispuesto a hacer el trabajo y por la necesidad que teníamos el le dijo que sí, que no había ningún problema en hacerle el trabajo y mi esposo le hizo todo el trabajo y resulta que el señor no le pagó, algo que mi esposo*

*entendió en esos días era que aquí en Brasil funcionaba todo por recomendaciones, cuando alguien te recomienda eso es lo que funciona más allá de un currículo, y como el señor no le había pagado a mi esposo el decidió continuar trabajando con él, ya le había hecho todo el trabajo, era como un trabajo de 50 mil reais y mi esposo apenas le estaba cobrando 3mil y el señor solo le pago 400 reais y entonces el señor le dijo a mi esposo que continuara trabajando con él y mi esposo no acepto porque ya había combinado otro trabajo de energía solar con un señor que ya había hablado (IMIGRANTE 04).*

Quando chegamos em Manaus, todos os dias meu marido saía às 5:00 da manhã e voltava às 6:00 da tarde, com outros irmãos para distribuir cerca de 30 currículos, acho que ele conheceu toda Manaus no caminho, não tinha recursos para pagar as passagens de ônibus como isso tinha que caminhar, ele distribuiu muitos currículos de acordo com o que ele aspirava trabalhar, modificou os currículos várias vezes porque ele veio com um propósito, mas as coisas estavam mudando. Um dia ele estava em uma empresa chinesa apresentando um currículo e um brasileiro o ouviu falar e quando ele estava saindo, ele falou pro meu marido que o emprego era ele mesmo, que ele tinha a capacidade de ser sua própria empresa, seu próprio negócio, e lá eles se tornaram amigos, o homem era cristão e dono de uma fazenda, ele tinha uma plantação de grama e queria que meu esposo fizesse uma ligação elétrica de alta e baixa voltagem, ele disse ao meu marido que se ele estivesse disposto a fazer o trabalho, por causa da necessidade que tínhamos meu marido aceitou e fez todo o trabalho. Acontece que o homem não pagava o valor real do serviço, meu marido entendeu que para arranjar um emprego no Brasil se necessita de recomendação, quando alguém te recomenda isso é o que funciona além de um currículo, e já que o homem não pagou meu marido ele resolveu continuar trabalhando com ele, já tinha feito todo o trabalho para ele, era como um trabalho de 50 mil reais e meu marido estava cobrando só 3 mil, mas o homem só pagava 400 reais e aí o homem falou pro meu marido para continuar trabalhando com ele, mas meu marido não aceitou porque ele já tinha combinamos outro trabalho de energia solar com outro homem (tradução nossa).

A dificuldade de entrar no mundo do trabalho no lugar de destino é uma problemática recorrente na vida do migrante que ainda reflete antigas relações coloniais. Segundo Sayad (1998), do ponto de vista pós-colonial, as antigas relações coloniais continuam se manifestando na forma como estes migrantes foram, e continuam sendo requisitados, determinados e absorvidos pelas sociedades de destino. As dinâmicas refletem as relações hierárquicas entre as nações, como exemplo a dominação Norte-Sul e seus discursos científicos etnocentros, que impõem sobre o imigrante e a imigração toda uma problemática e constrói uma imagem na qual são percebidos e tratados como um problema social. Essa estigmatização do imigrante influencia na distribuição das vagas no mercado de trabalho.

Ao observar a tendência nos países que recebem migrantes, Sayad (1998) afirma que existe uma desigualdade resultante do efeito migratório que divide o mercado de trabalho em dois extremos: um mercado de trabalho de qualidade para

nacionais e um mercado de trabalho de menor qualificação técnica e social para os imigrantes. Sendo assim, grande parte das vagas de trabalho que sobram para os migrantes são no trabalho informal, como vendedores ambulantes e no segmento de serviços, como hotelaria, lazer (bares e restaurantes) e turismo. Os relatos das histórias dos migrantes apontam para essa tendência no mercado de trabalho:

Uma senhora dona de três restaurantes vendo a necessidade que estávamos passando, se emocionou e nos ofereceu trabalho. Na verdade, não faz muito tempo que nos mudamos para a casa dos irmãos que nos acolheram quando meu pai e eu começamos a trabalhar no restaurante da senhora, foi o nosso primeiro emprego aqui em Manaus eu trabalhei como garçom servindo pessoas e meu pai trabalhava preparando sucos naturais para os clientes, graças a Deus nossa situação começou a melhorar muito, já tínhamos um emprego e uma casa para dormir, e aos poucos compramos as coisas que precisávamos (IMIGRANTE 01).

Além de sobrarem apenas as vagas de menor qualificação técnica e social para os migrantes, ainda existem os casos de exploração de sua mão de obra. Na mente de alguns empreendedores se forma uma ideia de que por serem imigrantes que estão fugindo da situação de miséria no seu país, eles irão aceitar qualquer jornada de trabalho e salário estabelecidos pelo empregador. Estabelece-se jornada de trabalho extenuantes em troca de um salário mínimo, como é possível observar no relato do migrante:

*Después de un año que llegamos aquí a Manaus mi yerno consiguió empleo en una empresa pero antes de eso le toco trabajar de muchas cosas como por ejemplo: vendiendo din-din, de casa de familia, limpiando las calles y muchas veces era explotado, mi hija quedaba en casa cuidando a las niñas mientras yo y mi hijo salíamos a trabajar y así fue como sobrevivimos. Cuando mi yerno comenzó a trabajar en la empresa le tocaba ir de domingo a domingo y lo que ganaba no era lo suficiente, en esa empresa hay muchos extranjeros trabajando y ellos se aprovechaban de ellos. Y a mi también me tocaba trabajar aveces por 15 R\$ al día planchando ropa y era muy fuerte pasar por todo eso (IMIGRANTE 03).*

Depois de um ano que chegamos aqui em Manaus, meu genro conseguiu emprego em uma empresa, mas antes tinha que trabalhar em muitas coisas como: vender din-din, em casa de família, limpar ruas e muitas vezes foi explorado, minha filha ficava em casa cuidando das meninas enquanto eu e meu filho saíamos para trabalhar e foi assim que sobrevivemos. Quando meu genro começou a trabalhar na empresa, ele tinha que ir de domingo a domingo e o que ganhava não dava para, naquela empresa tem muitos estrangeiros trabalhando e eles aproveitavam. E eu também tinha que trabalhar às vezes por R\$ 15 o dia passando roupa e era muito difícil passar por tudo isso (tradução nossa).

Observando as narrativas das entrevistas identificamos a existência de alguns tipos de relação com o lugar classificados como interioridades diretas segundo Relph apud Marandola Jr. (2016). A princípio alguns migrantes apresentam as

características da interioridade comportamental que se trata de um envolvimento funcional com o lugar, no qual buscam familiarizar-se com os objetos e atividades do lugar, mas de forma objetiva. A cidade de Manaus para muitos deles é a cidade de oportunidades de trabalho e esse objetivo se expande quando envolve a família. Parte da renda adquirida com o trabalho é enviada aos familiares que estão passando pela crise na Venezuela, aqueles que estão doentes e precisam fazer tratamento, ou até mesmo trazê-los para fazer o tratamento em Manaus.

Com o passar do tempo pode ser que essa relação com o lugar evolui para uma interioridade existencial, fazendo surgir no migrante (os que permanecerem em Manaus) um sentimento de apego ao lugar tão natural, que não precisa se tornar consciente para ser efetivo. A família, isto é, os parentes que vieram nos primeiros fluxos migratórios e permaneceram na cidade, os amigos migrantes, as amizades e vínculos com os nacionais criam uma rede de relações que acolhe e fortalece os laços com o lugar. A família é o segundo maior fator que contribui para a permanência no lugar.

Verificamos a importância da família na trajetória do Migrante 03 e Migrante 04. A família de Migrantes 03 desejava trazer o pai para fazer o tratamento de câncer na cidade de Manaus, mas o senhor veio a falecer no final do ano de 2021, o que mudou os planos da família que acabou retornando à Venezuela. A família de Migrantes 04 (esposa e esposo) que estavam bem estabelecidos na cidade de Manaus, teve suas perspectivas mudadas quando o esposo (provedor da família) sofreu um grave acidente que o levou a óbito no início do ano de 2022, alterando totalmente a vida da esposa que decidiu não mais ficar em Manaus, mas seguiu para Santa Catarina para junto dos seus filhos. A família de Migrantes 02 também retornou para a Venezuela em maio de 2022.

Diante do exposto podemos notar que ainda é cedo para saber se os migrantes que vieram para Manaus pertencem realmente ao lugar. Nota-se que a ideia de pertencimento que surge a partir da construção de uma identidade com o lugar não aconteceu para estas famílias de migrantes, em sua passagem por Manaus não dispuseram de tempo suficiente para o pertencimento, assim a cidade acabou sendo apenas um local de passagem.

As igrejas cristãs, tanto católica quanto protestantes, também têm efetivado ações para o acolhimento dos imigrantes venezuelanos. A ajuda das igrejas é vista

como uma experiência topofílica para os imigrantes. Em todas as narrativas verificamos que alguma igreja proveu meios para que os migrantes se estabelecessem na cidade. A obra de caridade e acolhimento ao próximo atrai os imigrantes venezuelanos que precisam desses recursos que a igreja oferece, para se manter na cidade. É comum encontrar imigrantes venezuelanos nas igrejas evangélicas, não sabemos a influência que as igrejas exercem sobre estes. Porém é possível perceber que algumas igrejas evangélicas apoiam o discurso político do atual presidente do Brasil e disseminam essas ideias em seus cultos. No geral, as igrejas servem de abrigo para aqueles sem recursos e que precisam de um lugar pra ficar, como é possível notar em alguns trechos de suas narrativas de viagem:

Quando a gente entrava nas igrejas procurando trabalho ajuda, nós juntamos dinheiro eu falei para o meu pai, aqui em Manaus nós não estamos fazendo nada temos que sair daqui, passamos um mês ou pouco 2 meses, juntamos dinheiro e fomos para Manacapuru. Chegamos lá, não conhecíamos ninguém, viajamos no final de setembro ou começo de outubro não me lembro bem chegamos lá e já fomos visitar uma igreja evangélica. Falei com o pastor e contamos a situação que estávamos passando, que saímos de Manaus, que caminhamos por muito tempo e pensamos chegar lá atrás de emprego alguma coisa para fazer. O pastor da igreja abraçou a gente é muito boa pessoa ele nos deixou dormir na igreja, passamos a vigiar a igreja, ele trazia comida e no outro dia a gente acordou cedo saiu fomos procurar trabalho. Fiz amizade com meu conterrâneo, que conhecia uma irmã brasileira de uma igreja também que ajudava ele no sentido de comida, ou algum serviço para ele fazer e por meio dele conhecemos essa irmã graças. Caímos em graça com a irmã e ela nos recomendou a igreja que ela assistia, que fôssemos lá com o pastor procurar trabalho. A gente foi lá conversou com o pastor e ele disse para gente dormir lá também, era uma igreja maior, porque na verdade a primeira igreja que a gente ficou, nós dormia no chão porque não tinha onde colocar rede e lá nessa outra igreja tinha como armar a rede. A gente falou para o pastor da primeira igreja que esse pastor deixou a gente ficar lá e lá tinha os venezuelanos que trabalhavam de vigia também. Aí conhecemos outros venezuelanos que trabalhavam ali na igreja, mas era só amizade porque o emprego era difícil era complicado para conseguir emprego, saímos todos os dias e as pessoas diziam deixa o número do celular deixa currículo, mas não ligavam. A gente conheceu essa irmã brasileira que o rapaz apresentou nos dava almoço todo dia ela dizia não tenho vergonha pode almoçar todo dia aqui, mas quando a gente conseguir um dinheiro a gente não ia, mas mesmo assim ela dizia que a gente podia ir. Foi uma benção porque nós tínhamos onde dormir e onde comer aí a gente ficou lá 15 dias pouco tempo e não conseguimos emprego então com dinheiro que nós reunimos porque nós reunimos a gente pedia alguma ajuda nos restaurantes perdia a vergonha mesmo de pedir aí as vezes as pessoas davam R\$ 10 R\$ 5. E assim a gente foi juntando, até que a gente decidiu sair de lá, de volta falamos com o pastor ele nos ajudou falamos com o primeiro pastor ele também nos ajudou (IMIGRANTE 01).

*Siempre había una mano amiga en los momentos más difíciles, las iglesias nos ayudaron bastante como por ejemplo la iglesia del monte de las oliveiras, esa iglesia nos entendió mucho la mano allí los hermanos de las iglesia nos ayudaron bastante, una vez me pasó algo con un hermano de allí, el sin conocernos solo lo conocimos en ese momento y como nos presentaron en*

*la iglesia y conocieron nuestra situación ese hermano al final del culto me saludo y me dio la mano y colocó en mis manos 150 R\$ y yo me quedé mirándolo y él se sonrió y me dijo quédate tranquila, con ese hermano fue que consiguió el primer trabajo y fue muy fuerte porque le tocó bajar de un camión 300 sacos de arena y fue muy fuerte para mi esposo porque él no es una persona joven, ya tiene 50 años y prácticamente llegó a la casa enfermo de ese trabajo y al otro día fue que le pagaron, pero cuando uno es extranjero y en el país donde llegue nos toca hacer cualquier cosa para poder sobrevivir (IMIGRANTE 04).*

Houve uma mão amiga nos momentos mais difíceis, as igrejas ajudaram-nos muito, como é o caso da igreja do Monte das Oliveiras estendeu a mão para nós. Os irmãos da igreja ajudaram muito a gente, uma vez um irmão de lá soube da nossa situação e no final do culto cumprimentou-me e apertou a minha mão e colocou R\$ 150,00 nas minhas mãos e eu olhei para ele e ele sorriu e disse-me para ficar calma, ele arrumou o primeiro emprego para meu esposo descarregar de um caminhão 300 sacas de areia e foi um trabalho muito pesado para o meu marido porque ele não é jovem, ele já tem 50 anos e praticamente voltou doente daquele trabalho e no dia seguinte foi pago, mas quando se é estrangeiro a gente tem que fazer de tudo pra sobreviver (tradução nossa).

*Ya cuando estuvimos aquí fue como un choque al darnos cuenta que habíamos gastado alrededor de 2.300 R\$ cuando pensábamos que íbamos a gastar menos entonces nos dimos cuenta que nos quedaba poco dinero para continuar nuestro viaje a Venezuela, en esos días que llegamos conocimos algunos hermanos cristianos que fue de mucha ayuda para nosotros conocerlos luego comenzamos a asistir a la iglesia cristiana, pasado los días comencé a trabajar unos días en una fábrica de hielo en el mes de diciembre del año 2020 y mi objetivo era reunir dinero para poder viajar para Venezuela, desafortunadamente en enero del 2021 llegó la pandemia una ola más del virus y fue una temporada de confinamiento por varios meses y fue muy difícil porque para nosotros los extranjeros si no trabajábamos no teníamos como comer o pagar el alquiler y era muy preocupante esa situación nos sentíamos vulnerables. Bueno gracias a Dios recibíamos ayuda de algunas iglesias ellos nos daban cestas básicas y con eso solucionábamos por algunos días, en la casa donde vivíamos éramos 7 personas y era muy difícil mantenernos gracias a Dios que las iglesias nos ayudaron por varios meses, recuerdo que a veces con un pollo sacábamos hasta 20 porciones para poder ajustarnos y comer por varios días esa situación de la pandemia nos dificultó la vida a muchos no sólo venezolanos también muchos brasileños se vieron afectados, los vecinos que eran brasileños no tenían a veces que comer y nosotros cuando teníamos los ayudábamos con lo que podíamos y a veces ellos también compartían con nosotros de lo que ellos tenían y era así que pasamos ese periodo de la pandemia todo eso fue una experiencia muy fuerte ya que no estábamos acostumbrados a vivir ese tipo de situación pero nos sirvió de mucho porque aprendimos muchas cosas y ver la vida desde otra perspectiva desde otro punto de vista, después de eso comenzó a normalizarse. A veces hacía alguna diaria de trabajo limpiando algún patio de alguna casa o cortar el césped, ayude a una hermana a pintar su casa yo buscaba la manera de trabajar lo que sea para poder ganar algo de dinero y poder comprar algo de comida, entonces así fueron esos meses que pasamos un poco fuerte pero gracias a Dios ya ha mejorado un poco nuestra situación desde que se empezó a normalizar todo en la ciudad y desde hace un mes he conseguido trabajo y puedo sustentar a mi familia y todas las cosas que tenemos aquí en esta habitación donde vivimos son ganadas con mucho sudor y esfuerzo Dios nos ha bendecido grandemente más que todo he trabajado en la iglesia y aunque nuestra meta es irnos para Venezuela, no sabemos hasta cuándo estaremos aquí en Manaus esperamos que las cosas se vayan normalizando (IMIGRANTE 02).*

E quando estivemos aqui foi um choque quando percebemos que tínhamos gasto cerca de R\$ 2.300 quando pensamos que íamos gastar menos do que percebemos que tínhamos pouco dinheiro para continuar nossa viagem para a Venezuela, naqueles dias em que chegamos encontramos alguns irmãos cristãos que foi muito útil para nós conhecê-los, então começamos a frequentar a igreja cristã, depois de alguns dias comecei a trabalhar alguns dias em uma fábrica de gelo em dezembro de 2020 e meu objetivo era arrecadar dinheiro para viajar para a Venezuela, infelizmente em janeiro de 2021 a pandemia. Além do vírus, era uma temporada de confinamento de vários meses e era muito difícil porque para nós estrangeiros se não trabalhássemos não tínhamos como comer ou pagar o aluguel e era muito preocupante essa situação a que nos sentíamos vulneráveis. Bem, graças a Deus recebemos ajuda de algumas igrejas, nos deram cestas básicas e com isso resolvemos por alguns dias, na casa onde morávamos havia 7 pessoas e era muito difícil nos sustentarmos, graças a Deus que as igrejas nos ajudou por vários meses, lembro que às vezes com um frango chegávamos a 20 porções para podermos ajustar e comer por vários dias aquela situação de pandemia dificultava a vida de muitos, não só dos venezuelanos, mas de muitos brasileiros foram afetados, os vizinhos que eram brasileiros às vezes não precisavam comer e nós quando tínhamos ajudávamos no que dava e às vezes também dividiam com a gente o que tinham e foi assim que passamos aquele período de pandemia, tudo isso foi uma experiência muito forte porque não estávamos habituados a viver aquele tipo de situação mas serviu-nos muito bem, porque aprendemos muitas coisas e vemos a vida de outra perspectiva de outro ponto de vista, depois disso começou a normalizar. Então às vezes fazíamos alguns trabalhos diários limpando o quintal de uma casa ou cortando a grama, ajudei uma irmã a pintar a casa dela, eu estava procurando um jeito de trabalhar seja o que for para poder ganhar algum dinheiro e poder comprar um pouco de comida, então foram aqueles meses que passamos por um pouco de dificuldade, mas graças a Deus nossa situação melhorou um pouco desde que tudo na cidade começou a se normalizar e por um mês eu encontrei um trabalho e posso sustentar minha família e todas as coisas que temos aqui nesta sala onde vivemos somos conquistados com muito suor e esforço Deus tem nos abençoado muito, mais do que tudo que tenho trabalhado na igreja e embora nosso objetivo seja ir para a Venezuela, não sabemos até Quando estivermos aqui em Manaus esperamos que as coisas se normalizem (tradução nossa).

Neste relato observamos que o período da pandemia do covid-19 foi muito crítico para os migrantes, devido à quarentena, o comércio fechado as empresas sem contratar as pessoas, muitos ficaram sem uma fonte de renda e passaram necessidade. A ajuda das igrejas e instituições públicas e privadas disponibilizando alimentos, estruturas, atendimento, máscara foi fundamental para que os imigrantes venezuelanos superassem esse período. Abriu caminhos para uma relação com o lugar que se classifica, Relph apud Marandola Jr. (2016) como interioridade empática, um envolvimento profundo com o lugar, porém ainda é muito cedo para dizer se algumas dessas famílias de migrantes ficarão de fato na cidade de Manaus.

Nos discursos dos migrantes é possível perceber que ainda é cedo para identificar a interioridade empática. Pois o acesso a casa própria e o trabalho são fatores determinantes para que se estabeleçam no lugar. Observamos que muitos por

motivos de perda de um familiar no período pandêmico, tiveram que alterar seus planos deslocando-se de volta ao seu país ou migrando para outros estados. Dos imigrantes entrevistados, apenas duas famílias permanecem na cidade Manaus, ambos não possuem casa própria. Ainda há aqueles que por não conseguir um emprego na cidade de Manaus, encontram-se em processo de interiorização e deverão construir uma nova identidade com o lugar para onde serão destinados.

Sendo assim, percebemos que a chegada dos Venezuelanos na cidade de Manaus é repleta de desafios em sua recepção e permanência na cidade, tanto por parte da sociedade quanto instituições civis. Ainda há um certo descaso com os imigrantes e até mesmo situações de xenofobia e aporofobia. Abordaremos no próximo capítulo questões a respeito da permanência dos imigrantes venezuelanos na cidade de Manaus, bem como os desafios para a construção da identidade com o lugar e verificaremos quais as políticas públicas estão sendo pensadas para promover uma reterritorialização destes com a cidade de Manaus.

### **3. PERCEPÇÃO DA CIDADE E PELA CIDADE: A CHEGADA “DOS VENEZUELANOS”**

Propomos neste capítulo mostrar a percepção em relação a presença dos imigrantes venezuelanos na cidade de Manaus coletadas por meio de entrevistas. Falaremos também a respeito da questão da territorialidade e reterritorialização do imigrante na cidade de Manaus. A categoria território na abordagem simbólico-cultural é vista como segundo Haesbaert (2009) um produto da apropriação-valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Dessa forma, procuramos entender como este grupo de imigrantes se apropria simbolicamente dos lugares e se reterritorializa nesses espaços de vivência.

A maior parte dos cientistas sociais concordam que a modernidade e a globalização apresentam uma tendência à desterritorialização, que segundo Haesbaert (2009) significa simplificada abandonar o território, optando por uma rota de fuga. Convém observar então que toda imigração é um processo de desterritorialização, saída do território seja por expropriação, perda do território ou mudança na organização socioespacial por influência de outros. Em sentido contrário, a reterritorialização é o movimento de construção do território. Até o momento acompanhamos o processo de desterritorialização de alguns imigrantes venezuelanos, neste capítulo dissertamos a respeito do processo de reterritorialização, no sentido de enfatizar como ocorre a construção da identidade cultural com o outro território.

Chegar a um novo lugar significa estar disposto a reconstruir a vida, conviver com outras identidades, se reterritorializar. Processo que acontece através da apropriação simbólica do espaço vivido formando as identidades territoriais. A interpretação naturalista prioriza a dimensão simbólica do território definindo-o como lugar em que cada grupo social ou indivíduo está profundamente enraizado e afirmam sua identidade. Para a geografia humanista-cultural, os lugares vividos são considerados territórios quando determinado grupo, com o tempo, constrói uma identidade com estes territórios, que passam a ser chamados de lugares. Esclarecidos esses conceitos refletimos sobre a inserção dos imigrantes venezuelanos no sentido topofílico na intenção de uma construção de uma identidade com o lugar e a percepção daqueles que já habitavam o lugar, como os outros os veem.

#### **3.1. Paisagens dos venezuelanos em Manaus e estratégias de inserção**

É comum encontrarmos imigrantes venezuelanos em diversos pontos da cidade, estão inseridos no mercado de trabalho, integram o comércio informal, compartilham casas por meio de aluguéis comunitários, ocupam esquinas onde o fluxo de carros nas ruas é intenso. Integram a paisagem de Manaus de uma forma que altera a dinâmica dos lugares, dando novo sentido ao lugar. Um dos lugares onde podemos enxergar a mistura étnica é o centro de Manaus, mais precisamente na feira da rua Eduardo Ribeiro aos domingos.

Na feira circulam consumidores e comerciantes e o que impressiona é a coexistência das línguas portuguesa e espanhola num território que outrora era dominado apenas pela língua portuguesa. Ao observar com maior atenção, percebe-se a existência de outras línguas, o francês e o dialeto crioulo falado pelos haitianos. São venezuelanos, colombianos, peruanos e outras nacionalidades vizinhas que vêm para Manaus para inserir-se no mundo do trabalho e ter a chance de começar uma vida diferente do seu lugar de origem.

Tais migrantes aprendem na prática a organização social, cultura, leis, valores, língua e ressignificam seus costumes do novo lugar. A cidade é vista pelos mesmos como um lugar de oportunidades e os manauaras têm percebido a presença destes nas ruas e praças que ocupam. Os imigrantes modificam a paisagem, um dos bairros que mais recebeu venezuelanos foi o centro de Manaus. O bairro centro de Manaus é um lugar de moradia e trabalho para muitos deles. Famílias alugam apartamentos em antigos prédios, que muitas das vezes estavam abandonados. Os aluguéis desses apartamentos são acessíveis a sua renda, por estarem localizados em áreas comerciais que apresentam um grande fluxo de carga e descarga de mercadorias que chegam do porto de Manaus.

No período da noite as ruas do centro próximo ao Porto de Manaus apresentam pouco movimento de pessoas e são ocupadas por usuários de drogas, que para sustentar o vício cometem assaltos deixando o lugar perigoso e violento. Esses lugares podem ser classificados como paisagens do medo que de acordo com Tuan (2005) são paisagens onde acontece a personificação da desgraça, de uma força hostil no lugar. A ocupação desses lugares por imigrantes venezuelanos modificou a dinâmica dessas paisagens. Tornou esses lugares menos amedrontadores. As ruas e praças que outrora eram dominadas por usuários de drogas agora são ocupadas também por imigrantes. Venezuelanos e brasileiros dividem os mesmos espaços

públicos, os locais próximos ao Porto de Manaus a noite passaram a ser lugares de grande movimento, mais familiar, de festa e de encontro entre amigos e familiares de imigrantes venezuelanos.

Um dos lugares que mais caracterizam essa dinamização situa-se ao redor da Rua Quintino Bocaiúva (Figura 8) bairro Centro, a rua apresenta intenso movimento de imigrantes venezuelanos porque ali está situado a sede da organização não-governamental Hermanitos (Figura 9), que atua junto aos imigrantes no sentido de acolher e integrá-los ao mercado de trabalho. Existe uma praça nesta rua que foi denominada de Praça dos venezuelanos, por causa da presença deste neste lugar (Figura 8). A noite o lugar é bastante movimentado, para o IMIGRANTE 01 essa praça é um dos lugares que mais representa a presença venezuelana na cidade de Manaus.

Figura 8: Rua Quintino Bocaiúva



Fonte: Trabalho de campo dezembro/2021.

Figura 9: Sede da Hermanitos



Fonte: Trabalho de campo dezembro/2021.

O IMIGRANTE 04 nos informou que pessoas realizava na praça eventos que incluem danças típicas da Venezuela e entrou em contato com o IMIGRANTE 05, pessoa responsável por estes eventos, fizemos a entrevista e ela nos contou sobre a iniciativa de perpetuar a sua cultura neste novo lugar:

*Luego comenzamos con un grupo de danzas llamado daylismar donde participaban niños y niñas venezolanos participando en fiestas venezolanas, actos. A medida que la organizadora se le complicaba y quedamos sin coreografo conseguimos a un profesor de danzas y formamos un grupo llamado danzas venezuela, practicamos lunes miercoles y viernes. Hicimos nuestra primera prese tacion el 4 de diciembre con auto gestion de los.mismos niños y represe tantes para la elaboracion de los trajes y los tocados. Hasta la fecha de hoy no hemos comenzado por la inestabilidad economica de la mayoría de los representantes y por la pandemia. Siemprw queriendo rescatar la cultura de nuestro país y fomentando la integracion de todas las culturas. Para dejar en alto nuestra amada Venezuela (IMIGRANTE 05).*

Então começamos com um grupo de dança chamado Daylismar, no qual meninos e meninas venezuelanos participavam de festas, eventos venezuelanos. Ficou complicado para o continuar com a gente e ficamos sem coreógrafo, mas encontramos um professor de dança e formamos um grupo chamado danças venezuelanas, praticamos segunda, quarta e sexta. Fizemos nossa primeira apresentação no dia 4 de dezembro com a autogestão das próprias crianças e representantes para a elaboração das fantasias e cocares. Até o momento, não iniciamos devido à instabilidade econômica da maioria dos representantes e a pandemia. Sempre querendo

resgatar a cultura do nosso país e promovendo a integração de todas as culturas. Para deixar em alta nossa amada Venezuela (tradução nossa).

Neste relato observamos a apropriação do território por um grupo para se preservar enquanto grupo e estabelecer uma relação culturalmente vivida com o lugar. O geógrafo Francês Jöel Bonnemaïson mostrou em seu trabalho a importância do território enquanto alicerce da identidade cultural de um grupo formado por migrantes. Na perspectiva cultural, o território é o espaço vivido. Conforme Teixeira (2008) por esse motivo oportuniza uma convivialidade, que contribui para o processo de elaboração identitária de um grupo, mesmo que os grupos sejam afetados por processos desenraizadores (migrações, diásporas) sempre haverá a perspectiva de se viver e pertencer a um território, onde sintam-se em casa e haja trocas materiais e espirituais que promovem o exercício da vida.

O convívio com outros imigrantes venezuelanos, a afetividade, a subjetividade, a religiosidade, o compartilhar experiências tende a construir uma rede de fortalecimento e expressão da cultura em outro território. Sejam esses grupos sociais excluídos ou não da sociedade, eles resistem ao se apropriar de territórios para se reterritorializarem – construam seus próprios territórios – criando em torno de si um lugar de segurança conveniente às suas relações cotidianas, espirituais e afetivas.

Alguns dessas paisagens são consideradas representações da presença venezuelana em Manaus, para o IMIGRANTE 02 a rua Quintino Bocaiúva é a paisagem que representa a ocupação dos imigrantes venezuelanos, pois a noite a paisagem fica bastante movimentada, com música do ritmo caribenho e o idioma espanhol predomina na rua. Diferente das demais paisagens, o IMIGRANTE 03 indicou como paisagem que representa a presença venezuelana na cidade de Manaus a Praça do Conjunto Nova República (Figura 11), bairro de mesmo nome que fica próximo ao Distrito Industrial. Esse bairro recebe muitos imigrantes venezuelanos por conta de sua proximidade com as fábricas do Distrito Industrial, os imigrantes optam por morar próximo do lugar onde trabalham, para economizar com transporte e alimentação.

Figura 10: Praça dos venezuelanos



Fonte: Trabalho de campo janeiro/2022.

Figura 11: Praça do Conjunto Nova República

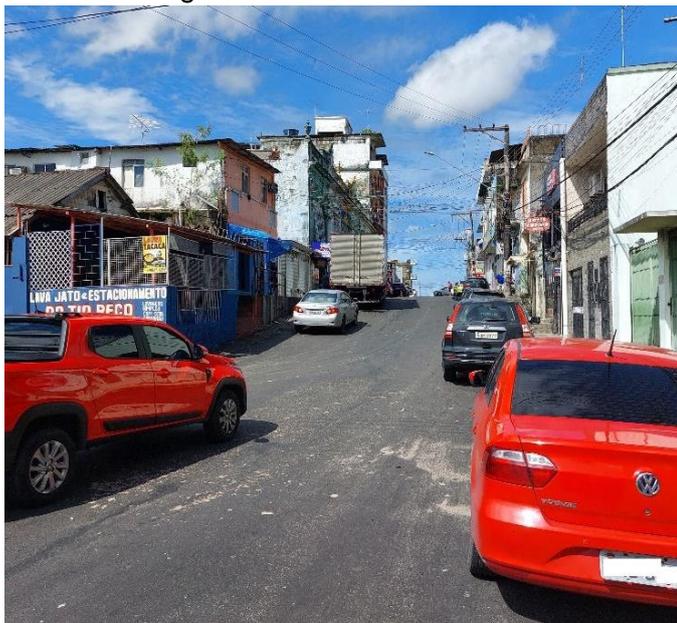


Fonte: Trabalho de campo dezembro/2021.

IMIGRANTE 04 definiu como paisagem que melhor representa a presença venezuelana na cidade de Manaus, a Rua Pedro Botelho (Figura 12), mais precisamente um prédio de número 124-A (Figura 13), ocupado por diversas famílias venezuelanas. Verificamos também outra paisagem que retrata a presença dos imigrantes a rua Joaquim Nabuco (Figura 14), de dia é uma rua com bastante movimento comercial, a noite a rua fica repleta de imigrantes, que colocam música alta (som caribenho), montam barracas e comercializam iguarias da culinária venezuelana, bebidas alcoólicas, criam um ponto de encontro festivo entre eles. Outra paisagem onde é possível notar a presença de venezuelanos é o Centro de Apoio e Referência a Refugiados e Migrantes - CARE (Figura 15) criado em dezembro de 2018, com o objetivo de acolher e acompanhar os migrantes refugiados que chegam ao município de Manaus.

É comum observar todos os dias uma fila de imigrantes venezuelanos em frente ao portão do CARE, a organização auxilia o beneficiário no processo de obtenção e regularização migratória e parceria com o Sistema do Comitê Nacional para os Refugiados (SISCONARE). Viabiliza o acesso das famílias beneficiárias a projetos sociais do Governo Brasileiro: Bolsa Família, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Mesa Brasil e outros. Identificam situações de vulnerabilidade e encaminham a projetos especiais do Governo Brasileiro, oferecem cursos profissionalizantes em parceria com o Centro de Educação Tecnológico do Amazonas (CETAM). Além de distribuir kits de higiene e limpeza, cestas básicas, kit enxoval e outros.

Figura 12: Rua Pedro Botelho



Fonte: Trabalho de campo janeiro/2022.

Figura 13: Prédio moradia dos venezuelanos



Fonte: Trabalho de campo janeiro/2022.

Figura 14: Rua Joaquim Nabuco no período da noite



Fonte: Trabalho de campo janeiro/2022.

Figura 15: CARE



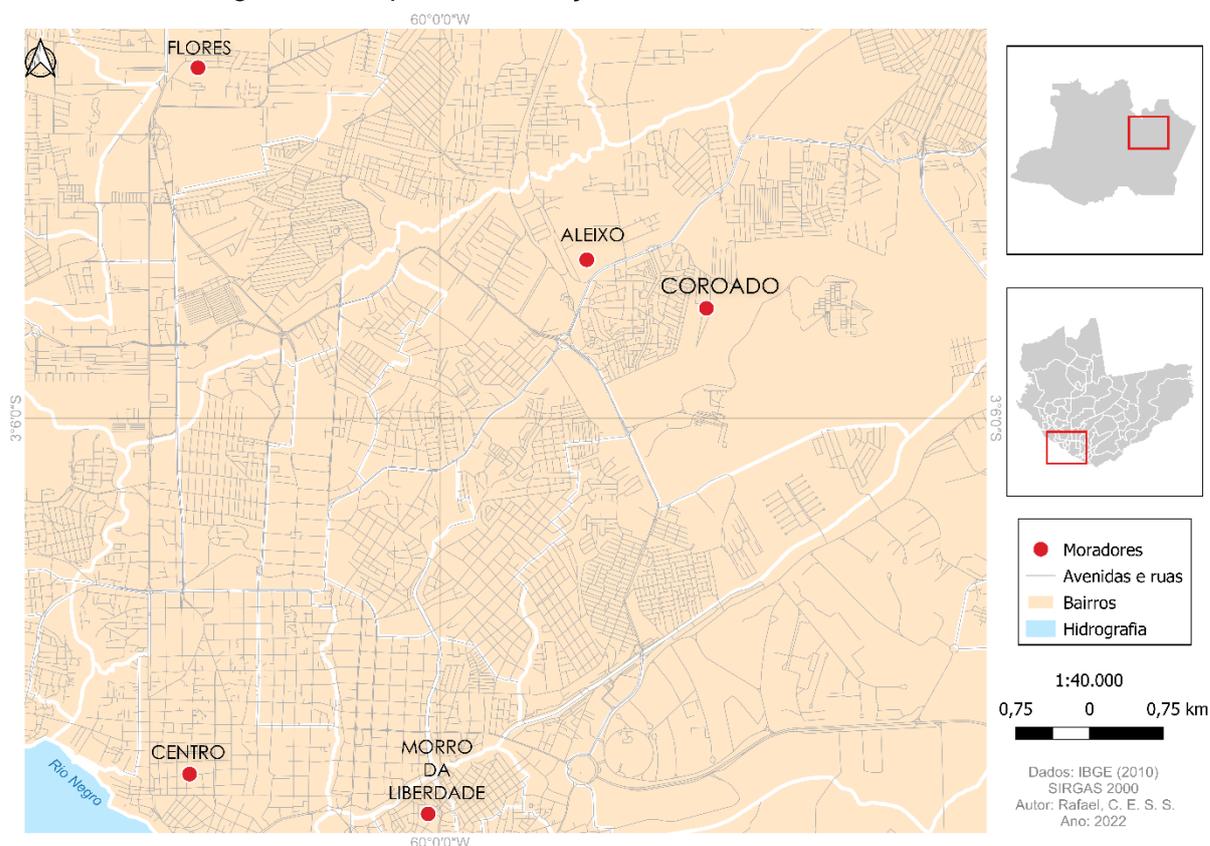
Fonte: Trabalho de campo janeiro/2022.

### **3.2. A percepção dos habitantes de Manaus sobre a inserção dos migrantes venezuelanos**

De fato, a presença dos venezuelanos nestes lugares, seja por motivação de lazer ou econômica, nos ajuda a entender a construção topofílica destes com o lugar.

Bem como, verificar quais discursos estão sendo reproduzidos na sociedade a respeito dos imigrantes. Nas entrevistas com os habitantes da cidade Manaus foi possível identificar diversos pontos de ocupação venezuelana e diversas situações que estes perceberam ao contatar com os migrantes, conforme o mapa da figura a seguir:

Figura 16: Mapa de localização dos moradores entrevistados



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração: RAFAEL, C. E. S. S. (2022).

O Colaborador 01 foi um fiscal de comércio informal da Secretaria Municipal de Coordenação e Administração nos Bairros (SEMAC), que apontou umas das paisagens onde se mais percebe a presença venezuelana:

Aqui na Eduardo Ribeiro, se tu parar em cada esquina dessa pouco tu ouve alguém conversar em português, é mais no idioma deles, eles são muitos aqui. Devido essa migração, devido o problema social que acarreta a vinda deles pra cá, com relação ao desemprego, com relação a falta de oportunidade de trabalho, principalmente na minha área de trabalho, eu trabalho diretamente com esse público né! A maioria dos vendedores aqui, hoje, se eu colocar a partir de cem por cento, nós já temos uma base de sessenta por cento de venezuelanos e outros países como haitianos, bolivianos, chineses, a gente acompanha dia a dia.

Antes da chegada dos venezuelanos a prefeitura retirou várias bancas de vendedores ambulantes, denominadas camelôs, da Avenida Eduardo Ribeiro e diversas outras calçadas e ruas do Centro. Esses comerciantes foram direcionados para galerias comerciais que funcionam em prédios antigos revitalizados em vários locais do centro. A operação tinha o objetivo de melhorar a circulação de pessoas e a estética da paisagem, e para manter os camelôs nas galerias, fiscais foram contratados para evitar o retorno dos comerciantes ambulantes para as calçadas e ruas.

No entanto, com a chegada dos venezuelanos o trabalho dos fiscais tem aumentado porque muitos migrantes recorrem ao comércio informal para sobreviver na cidade. Ocupam os lugares que dantes eram ocupados pelos camelôs, calçadas e ruas em toda a cidade, e disputam estes locais com a população que já vivia do comércio informal. Por este motivo, não são vistos com bons olhos, nem pelos fiscais e nem pelos vendedores ambulantes naturais da cidade, que enxergam a ocupação venezuelana como um problema social.

O fiscal relatou ainda sobre a escassez de vagas no mercado de trabalho, também a impossibilidade de os venezuelanos atuarem em sua área de formação, porque seus diplomas estão em processo de revalidação, processo burocrático e que demanda um longo período efetivado pelas universidades públicas brasileiras. Dessa forma, muitos veem no comércio informal a saída para não passarem fome e tentarem manter-se até conseguirem melhorar sua condição, o colaborador cita alguns exemplos comuns que percebe no dia a dia:

São muitos e a gente conhece e conversa com vários, tem advogado aí vendendo água tem engenheiro vendendo água, muito deles com bastante preparação para trabalhar na sua área, mas é oportunidade que aqui não tem, e a gente vê a situação deles e até se comove né porque as vezes eles batalham pra ganhar num dia 10, 15 e 20 reais, que é que isso, pra comer, pra vestir, pra morar, é uma situação bem difícil.

Quando indagado sobre como se sentia em relação a presença venezuelana em sua cidade, o Colaborador 01 respondeu à pergunta baseando-se na ótica da profissão que exerce. Por experienciar diversas situações no bairro Centro, mais precisamente na Avenida Eduardo Ribeiro localizada na zonal centro-sul de Manaus, ele relata alguns episódios, que em sua visão classifica como problemas e outros casos de violência, como mostra os relatos:

O problema dessa migração é que tanto vem gente boa como vem gente ruim. Então a gente percebe aqui no dia a dia vários deles já se envolvendo com o que não presta. Muitas mulheres e a mulheres venezuelanas são belas, são muito bonitas, por não ter trabalho estão na prostituição. A ameaça e o perigo que a gente vê é que como eles não tem as vezes trabalho como as vezes não conseguem ganhar muito dinheiro. A gente já sabe de muito casos de roubo, de assalto, não é que todos sejam assim, mas existe uma parcela deles que já está enveredando pra esse lado.

Nesse discurso é possível observar que a falta de oportunidades leva alguns migrantes a optar por caminhos que envolvem o crime, tráfico de drogas e furto. Os habitantes de Manaus estão começando a associar aos venezuelanos uma imagem que representa o medo, a ameaça, bem como o lugar que ocupam uma paisagem do medo. A sociedade aprendeu a tolerar e ignorar as minorias considerando-as como elementos marginais, mas teme a subversão ou desrespeito aos códigos e leis (TUAN, 2005).

A sociedade acaba criando suas próprias mazelas, quando ao invés de incluir os que vivem na pobreza ofertando alguma oportunidade, abandona-os à própria sorte esperando que alcancem por si próprios melhores condições de vida. Órgãos públicos e privados têm se unido para proporcionar a acolhida institucionalizada, mas falta ainda muito a ser feito. Segundo o entrevistado alguns venezuelanos tentam ingressar no comércio informal, sem conhecer a lei o que acaba gerando conflitos com os fiscais, como mostra em sua fala:

Agora falando da minha área de atuação do comércio informal. Um problema muito grande que a gente enfrenta é que eles não entendem das nossas leis e nem procuram saber, então eles acham que aqui é chegar, eu vou botar uma banca, eu vou botar uma venda e acha que pode ficar e ficam com raiva da gente, mas existe a lei orgânica do município que nós trabalhamos em cima dessa lei. Eles não aceitam ser nem instruídos nem aceitam ser corrigidos pela gente, quando a gente vai corrigir é um problema sério, é uma dificuldade, mas eu sempre procuro tratar com muito respeito, com muita cordialidade. Sabendo do problema social que eles enfrentam. E o pior de tudo é que todo dia chega mais!

Observa-se neste relato que o entrevistado atribui a não atuação dos migrantes no mercado informal à falta de informação sobre a lei, mas existem outros motivos pelos quais não podem atuar que podem estar relacionados a permanência deles na cidade. O projeto Acolhida encara Manaus como cidade de passagem e não de interiorização, conforme o projeto muitos venezuelanos deverão ser direcionados para outros estados ou até mesmo países, todavia muitos preferem fixar-se em Manaus devido à proximidade com seu país, e a oportunidade de fixar-se é ter uma renda.

Sobre paisagens que representam os venezuelanos, o Colaborador 01 indicou a Praça da Saudade, localizada em frente ao Atlético Rio Negro Clube, no bairro Centro da cidade de Manaus, Zona Centro-Sul:

Se você passa lá e vê o monte deles que ficam lá, naquela praça deitado no chão e usando droga e roubando pessoas pro vício. Outra coisa vai nos sinais, é só tu vê a situação que eles passam no sinais, eles com criança, é pedindo, é uma coisa assim, muito absurda né, como te falei é um problema social, isso me remete a eles, é as praças e os sinais, aonde eles pedem muito.

Nota-se que sua fala foi um pouco confusa, pois antes dos venezuelanos já existem moradores de rua que ocupavam a praça, logo não é possível saber se de fato os ocupantes que fazem tais ações são venezuelanos. É possível observar que em quase todos os discursos a xenofobia, aversão aos estrangeiros, entendemos em seus discursos que a vinda dos venezuelanos para a cidade de Manaus é um problema e que a solução seria o fechamento das fronteiras. A circulação dos venezuelanos na cidade cria paisagens da pobreza e do medo.

A segunda entrevista aconteceu nas proximidades da rodoviária de Manaus, na avenida Djalma Batista, bairro Flores, zona centro-sul, onde está montada a estrutura de albergamento da Operação Acolhida. O Colaborador 02 foi uma atendente de farmácia que está diariamente em contato com os migrantes, por causa da proximidade da farmácia ao posto de acolhida institucionalizada. A atendente presenciou mudanças nesta paisagem em dois momentos, inicialmente com a ocupação dos venezuelanos em barracas e depois com a ordenação do acampamento. Em seu discurso ela nos conta um pouco dessa transição:

Quando eu vim trabalhar aqui, o maior público aqui na farmácia são eles, eles vêm comprar. O que eu percebo assim, que eles falam que são carentes, eles andam pedindo né, mas as coisas que eles levam, eles não querem levar coisa simples. Levam coisas caras, aí eu percebo e digo: poxa! Mas será que estão mesmo passando necessidade? E outra coisa, também tem uns que vieram já estão trabalhando, gostam de trabalhar, mas tem outros não, que só ficam bebendo, vão ali pro outro lado e bebem e depois no outro dia vão pedir dinheiro na rua. Um rapaz aqui do lado disse que ele pagava duzentos reais pra um venezuelano lavar o ônibus e ele não quis, porque o funcionário dele que lava tinha faltado nesse dia. A maioria gosta de estar pedindo e gosta de dinheiro, não gosta de ganhar bolacha ou rancho.

A atendente afirma que vários venezuelanos possuem formação superior, muitos entregaram currículos com formação na área de saúde no estabelecimento. Outras pessoas possuem negócios próprios, mas tiveram que abandonar. Quando

indagada sobre como se sentia em relação a presença e circulação dos migrantes em sua cidade, a entrevistada respondeu que os migrantes não são uma ameaça.

É importante lembrar que pessoas de escolaridade superior, geralmente são pessoas com um estilo de vida estável, mas no caso dos venezuelanos em algum momento da crise perderam esse estilo, isso explica o porquê de optarem por consumir produtos de qualidade e não aceitarem exercer qualquer atividade laboral, muitos querem uma chance de atuar em sua área, mas são impossibilitados por não terem seus diplomas reconhecidos por universidades públicas nacionais.

Em dado momento fomos interrompidos por um venezuelano que entrou na farmácia para vender roupas a atendente não comprou, mas encomendou uma peça. Ela parecia confortável com a presença dele e até o elogiou dizendo que aquele era trabalhador, embora tenha relatado que se sentia insegura em relação aos que consomem bebida alcoólica, como demonstra em sua fala:

Pra mim é tranquilo, não me desconforta a presença deles, não tenho nada contra, só os beberões que não é muito legal, que dá medo. Até porque eles nem ficam muito dentro da rodoviária, que depois que chegou o pessoal do exército eles ficam monitorando, eles não podem sentar na rodoviária, quando dá cinco horas eles já tem que pegar a cabana, já tem que jantar, já pra dormir, quem for dormir vai, quem não for vai ficar fora a noite toda. Então o pessoal do exército fica rondando toda área da rodoviária, antigamente quando não tinha o pessoal do exército eles roubavam celular dentro da rodoviária, mala, quando era no tempo das barracas. Agora melhorou muito depois que o pessoal do exército meio que botou em ordem pra eles. Ai eles não ficam mais dentro da rodoviária. No tempo das barracas essa rodoviária era lotada de gente e muito suja, muito lixo, tudo eles comiam e deixavam lá mesmo, tudo espalhado.

A paisagem simbólica dos Albergamentos representa a paisagem da cultura dominante, a paisagem que ordena o que esteticamente era visto como desregular ou feio. Ao discursar sobre a ordem mantida pelo exército naquela área nota-se o poder. Segundo Crosgove (2012) a paisagens podem denotar poder, que vai organizar, determinar valores, alocar o excedente social, que se mantém e reproduz e que reflete uma ideologia.

Desde a retirada das barracas da padronização por meio do albergamento, as forças armadas passaram a fiscalizar os migrantes neste espaço. Exercendo um controle de circulação dos imigrantes dentro da rodoviária, estipulou-se toques que sinalizam os horários para alimentação, recolhida para os dormitórios. Tais ações refletem a atuação de um poder disciplinador e estão de acordo com uma ideologia

centralizadora dominante que não considera as questões culturais, como consequência deste tratamento o acolhimento é feito de forma desumana principalmente no Albergue próximo a rodoviária de Manaus, sendo percebido pelos migrantes como um local que causa medo e como última opção de abrigo para eles na cidade, por causa da forma como são tratados neste local e porque ali convivem pessoas de boas e más intenções.

O Colaborador 03 foi um funcionário de um posto de gasolina localizado no bairro Coroado, entre a avenida das Torres e a avenida Cosme Ferreira, zona leste de Manaus. Escolhemos esse ponto da cidade porque na Avenida das Torres existe um canteiro central que os venezuelanos ocupam para vender água, bombons e outras mercadorias. O entrevistado falou que os migrantes procuram essa área por causa da movimentação de carros que é intensa e se concentram nessa área todos os dias. Sobre se sentir confortável com a presença deles, o funcionário relata que:

Não muito confortável porque existe certa... não é desconfiança né! Mas é em relação a higiene pessoal né! Porque muitas das vezes, como eles ficam na rua, não tem muito acesso a água, essas coisas. Aí como a gente tem uma água aqui que a gente toma, praticamente é do pessoal daqui do posto, dos funcionários no caso, a gente não sabe qual a higiene deles lá. Não é que seja um medo, não! Uma desconfiança, mas é questão higiênica.

Como paisagens que representam os venezuelanos, o terceiro entrevistado apontou as praças, os sinais, e especificamente a rodoviária. Em sua fala notamos um certo tipo de preconceito que foi instaurado na cidade, por conta de doenças que estavam extintas voltarem a ameaçar a saúde, como se o culpado desse retorno fossem os imigrantes venezuelanos. Até o momento não existe um estudo que comprove isso, mas sabe-se que muitos pais têm negligenciado a vacinação de seus filhos por conta de histórias que circulam nas redes sociais.

O Colaborador 04 administra uma ótica no centro de Manaus, foi escolhida por ter contato direto com uma venezuelana que exerce a função de atendente na loja. Residente no bairro Morro da Liberdade, zona sul, a entrevistada afirma que muitos entram nas lojas para pedir emprego. De acordo com sua fala, algumas óticas contratam venezuelanos para preencher a vaga de atendente ou entregador, no caso dos laboratórios. A entrevistada notou que muitos se adaptam rápido quanto a comunicação interna e no atendimento ao público:

No começo eles tem uma certa dificuldade, mas depois a gente percebe que eles são bem esforçados pra aprender. É mais fácil eles falarem o português

do que a gente entender a língua deles, tinham coisas da língua deles que eu não entendia e ela ia me ajudando a entender.

Sobre o sentimento em relação a presença venezuelana em sua cidade, a administradora da ótica afirma que não se sente muito confortável com os venezuelanos. Algumas paisagens a deixam triste, cita o exemplo das crianças no chão das calçadas das ruas, mães com bebês pedindo no sinal, o acúmulo de gente em alguns lugares, como cita em sua fala:

A gente está vendo um quadro de muita pobreza. Muitos deles eram empresários, eu conheço um que vende bolo no pote e essa semana ele esteve lá comigo, era empresário tinha muitos bens, muita casa e agora está morando num quatinho com uma rede e um colchão no chão e um fogão que deram pra ele. Ele tem estudo, mostrou o certificado dele.

Além da rodoviária ser citada como paisagem que representa os venezuelanos, a entrevistada apontou também a Rua Quintino Bocaiúva, no bairro Centro, como lugar de concentração deles. Como observado em seu relato na entrevista “ali de manhã cedo quando tu passa é uma multidão, aqueles hotéis que foram abandonados, desocupados, todos estão ocupados por venezuelanos”.

Neste relato observa-se que a paisagem se ressignifica conforme a transformação do contexto histórico a ambiental. Conforme Gandy (2004) a interpretação do que está inscrito na paisagem dependerá do momento histórico e ambiental que contribuíram para suas mudanças, e podem ser os alicerces econômicos e a organização social. Uma paisagem constituída por prédios abandonados tornou-se a morada de diversos venezuelanos, seja por meio de aluguel social ou por conta deles próprios, a paisagem que antes parecia abandonada na qual área do centro voltou a ter pessoas circulando.

O Colaborador 05 é uma professora da SEDUC-AM e reside no bairro Coroadó, Zona Leste de Manaus. Segundo a entrevistada é possível perceber a presença venezuelana em vários pontos da cidade, bem como nas escolas da rede pública. Quando questionada se conhecia algum venezuelano, ela respondeu: “Sim. Era meu aluno. Era um rapaz muito quieto e inteligente, prestava bastante atenção na aula e tinha muita facilidade de compreender os assuntos e cumprir as atividades propostas”.

As crianças têm uma grande facilidade de aprender um novo idioma e adaptar-se a novas culturas, observando estes fenômenos migratórios compreendemos que o sujeito da pós-modernidade, como relata Hall (2006) tem uma identidade que é uma

mistura de variadas identidades culturais que os rodeiam, identidades contraditórias, mas que são unificadas ao redor do “eu” coerente.

Sobre seus sentimentos em relação a presença venezuelana na cidade, a professora afirmou:

Acredito que o desconforto não é pela presença deles, mas pelas condições e privações que estão vivendo. A gente faz uma reflexão sobre todo esse processo de migração dos venezuelanos e se entristece com o sofrimento dos indígenas, mulheres, crianças e idosos. E percebe o quanto é necessário políticas mais eficazes para atender essa população.

Para finalizar sua fala a quinta entrevistada apontou como paisagem marca dos venezuelanos a Avenida Rodrigo Otávio, no bairro Coroadó, zona leste de Manaus, pois no canteiro central encontram-se, próximos aos sinais, muitas mães com bebês no colo pedindo ajuda ou emprego, ao olhar essa imagem ela diz: “É uma imagem que causa mal estar e impotência”.

Em seu discurso a entrevistada faz um chamado a pensar no que estamos fazendo para ajudar incluir essas pessoas e amenizar seu sofrimento. Indagamos sobre as políticas públicas que estão sendo efetivadas, se são realmente inclusivas, se são suficientes para atender os migrantes, o que a sociedade tem feito para ajudar nessa inclusão? Analisando os discursos nota-se que ainda existem muitos casos de preconceito e xenofobia em relação aos venezuelanos, sobre sua permanência na cidade, mas que também existe a solidariedade, a compressão e o acolhimento.

Em suma, observa-se que ainda há muito a ser feito para agilizar o processo de integração dos refugiados. A informação e a educação têm um papel fundamental nesse processo. Uma sociedade informada e humanizada poderá desenvolver políticas públicas para um melhor acolhimento dos migrantes. A população também tem esse compromisso quando age com compreensão, cooperação e respeito, a situação pede urgência pois são milhares que migram buscando a vivência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos observados ao longo do trabalho, concluímos que os mapas mentais e as narrativas de experiências dos trajetos e de vivências dos migrantes nos lugares, possibilitaram o acesso ao mundo de vivido de cada sujeito. Partimos da ideia de que a inserção do migrante num território desconhecido demanda uma percepção e a construção de uma identidade territorial com o novo lugar. Nesta perspectiva trabalhamos o conceito de IDENTIDADE enquanto pertencimento, que será possível a partir de uma identificação no/com o lugar. Entendemos a IMIGRAÇÃO como um fenômeno que altera a dinâmica do lugar, por meio da inserção de outras manifestações culturais, ressignificando-o. O conceito de LUGAR enquanto (re) construção dinâmica em decorrência das relações estipuladas entre os sujeitos e destes com os elementos físicos que o formam.

Os mapas mentais associados às narrativas de viagem permitiram verificar os fenômenos vivenciados pelos imigrantes, num tempo passado, mas que está presente na consciência geográfica imediata de cada um. Tais procedimentos apresentaram tanto as vivências como o trajeto e os eventos mais significativos. Tomamos como eventos significativos a relação que as pessoas têm com os lugares de acordo com Relph (1979), nos quais exprimem sensações agradáveis (topofilia) ou desagradáveis (topofobia). As narrativas e mapas relatam esses eventos e se aproximam da abordagem fenomenológica porque mostram o que há na imaginação, o ser e agir das pessoas, mostrando-os de forma individual e coletiva. As narrativas revelam hábitos, crenças, vivências, classe social, orientação política e outras características.

Contextualizamos a situação da crise na Venezuela a fim de mostrar a motivação da saída em massa dos imigrantes venezuelanos. Os imigrantes venezuelanos mostram ter aversão a política do governo recente. Em seus discursos a ideia recorrente é de que o socialismo contribuiu para a ruína do país. Convém observar que para os migrantes o sistema socialista é o causador dos problemas do país, discurso que tira o foco dos verdadeiros problemas: flutuações no preço do petróleo a nível internacional, embargos econômicos estabelecidos pelos Estados Unidos, a falta de investimento por parte do governo em mecanismos sólidos de desenvolvimento econômico e social; a dificuldade de manter as políticas sociais; a estrutura burocrática marcada pela corrupção.

O trabalho foi concluído por amostragem, possivelmente não demonstra a visão de todos os venezuelanos nem dos moradores da cidade de Manaus. O perfil socioeconômico dos migrantes indica que a classe social a qual pertenciam inicialmente, eram as classes alta e média. O destino dos migrantes venezuelanos antes da crise era Miami, nos Estados Unidos. À medida que a crise se acentuou a esse perfil foi acrescentado os migrantes de classe baixa que vieram para o Brasil em busca de oportunidade de integrar o mercado de trabalho. O principal objetivo deles é obter uma renda e enviar parte dessa renda para seus familiares na Venezuela ou até mesmo custear a viagem dos familiares para o Brasil. Após entender o que motivou os migrantes a se deslocarem, pesquisamos como tem ocorrido a inserção dos imigrantes venezuelanos na cidade de Manaus.

Descobrimos que os imigrantes enfrentam situações muito difíceis e burocráticas, porém eles criam estratégias para entrar e se manter no Brasil. Mostramos os projetos, iniciativas que surgiram da sociedade civil em parceria com instituições privadas e poder público para acolher o migrante que chega em situação de extrema vulnerabilidade. A Operação Acolhida tem como objetivo de acolher os migrantes de forma humanitária, apesar dos esforços é possível observar em visita a alguns abrigos que essa acolhida é desumana.

Outro projeto criado recentemente é o EDUMIGRA que visa o acolhimento das crianças e adolescentes nas escolas públicas. O grande desafio deste projeto é despertar nos professores o interesse de expor os conteúdos de suas disciplinas em espanhol para que o discente venezuelano não se sinta excluído do processo de ensino aprendizagem. Outra proposta é ajudar o aluno no processo de aprendizado do idioma português, não de forma impositiva, mas compreendendo que o discente é um sujeito sócio-histórico-cultural que carrega conhecimentos de outra cultura e que a troca de conhecimentos entre discente e docente poderá enriquecer a aprendizagem. Conhecemos o projeto Hermanitos que atua junto aos imigrantes no sentido de acolher e integrá-los ao mercado de trabalho e o CARE cujo objetivo é acolher, acompanhar os migrantes refugiados que chegam ao município de Manaus.

Observamos que a situação da pandemia do Covid-19 agravou a situação dos migrantes porque a fronteira ficou fechada e muitos entraram de forma ilegal, chegando a Manaus de forma muito vulnerável. A cidade de Manaus é vista por muitos imigrantes venezuelanos como uma terra de oportunidades, embora eles tenham

relatado as dificuldades de se inserir no mercado de trabalho, como a exploração da mão de obra. Por estar numa situação de necessidade, os empregadores pagam baixos salários e estipulam jornadas exaustivas de trabalho, que ferem as leis trabalhistas. O processo de interiorização reúne as famílias, é uma oportunidade de ir para um outro lugar e tentar inserir-se no mercado de trabalho, mas não garante essa inserção, talvez por conta da crise e inflação que o país está passando, o que resulta na redução das vagas no mercado de trabalho.

Por conta disso, percebemos que a sua relação com o lugar se baseia numa interioridade comportamental no qual existe apenas um envolvimento funcional com o lugar segundo Relph apud Marandola Jr. (2016). Podendo evoluir para uma interioridade existencial, sentimento de apego ao lugar tão natural, ou não, como no caso daqueles que perderam familiares e/ou tiveram que retornar para Venezuela ou prosseguir no processo de interiorização. A ajuda das igrejas e instituições públicas e privadas contribuiu para que alguns migrantes desenvolvessem com a cidade uma relação de interioridade empática, abrindo-se para um envolvimento profundo com o lugar.

Na última parte do trabalho verificamos as estratégias de inserção dos migrantes venezuelanos na cidade no sentido de uma reterritorialização. Que conforme Haesbaert (2009) é a apropriação simbólica do espaço vivido formando as identidades territoriais. Percebemos que os migrantes estão inseridos no comércio informal, compartilham aluguéis comunitários no bairro centro da cidade ou em bairros próximos ao Distrito Industrial, ocupam esquinas onde o fluxo de carros nas ruas é intenso. Sua presença é marcante e altera a dinâmica dos lugares, por meio do idioma, cultura presente nas ruas, na ocupação de lugares outrora dominados pela marginalidade, agora ocupados por famílias de imigrantes venezuelanos que dão novo sentido ao lugar.

Outra indagação que propomos responder foi como os moradores da cidade percebem a presença desse migrante e como estes, por sua vez, sentem essa percepção? Uma das hipóteses que tínhamos levantado era de que em seus trajetos e ao adentrar as cidades brasileiras os migrantes enfrentam situações de hostilidade como preconceito racial, xenofobia, aporofobia. O resultado das entrevistas mostrou que as opiniões dos entrevistados foram bem subjetivas e que algumas estão repletas de hostilidades, desconfiança ou rejeição. Observamos tais hostilidades nos discursos

dos entrevistados que a sociedade e muitos meios de comunicação reproduzem, essa aversão ao estrangeiro, ao desconhecido é o resultado de uma política ultranacionalista e herança do extinto Estatuto do Estrangeiro.

Alguns por temerem que os imigrantes com poucos recursos econômicos causem desordens econômicas em seu país, retirem suas vagas de trabalho ou vagas nas escolas públicas. Olham para os imigrantes com uma certa desconfiança, contribuindo para o processo de marginalização do migrante. Quase todos os discursos reproduziram que a presença dos migrantes na cidade aumentou a violência, a disseminação de doenças e acentuou a deformidade da paisagem. Embora os participantes da pesquisa tenham trilhado por esse caminho, alguns reconhecem a urgência de se pensar em políticas públicas de inclusão dos imigrantes por parte do poder público, não somente implementar as políticas de interiorização. Existe um reconhecimento de que o poder público precisa desenvolver mais políticas mais inclusivas.

Diante do exposto, percebemos que houveram algumas conquistas quanto aos direitos dos imigrantes. É preciso considerar que as políticas migratórias têm sido efetivadas à medida que surgem os desafios migratórios, a fim de dar uma resposta. A mobilização da sociedade civil, de órgãos internacionais, atuando em conjunto com o poder das esferas estadual e municipal contribuiu para que houvesse grandes avanços no sentido de integrar os imigrantes. Uma dessas conquistas foi em relação a revalidação dos diplomas dos imigrantes, o primeiro diploma a ser revalidado no Amazonas foi de uma refugiada venezuelana em janeiro de 2020, dois anos após sua chegada ao Brasil. A revalidação do diploma nas universidades brasileiras ainda é um processo bastante burocrático, mas foi uma conquista fundamental para o processo de integração do imigrante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, J. P. B. OBREGÓN, M. F. Q. Venezuela em crise: o que mudou com Maduro? **Derecho y Cambio Social**, v. 15, n. 52, p. 1-16, 2018.
- BENJAMIN, W. O narrador Considerações a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197 – 205.
- BERQUE, A. O. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 239 – 243.
- BOSSÉ, M. L. As questões de identidade na Geografia Cultural – Algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 156-179.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 165 – 193.
- CHECK, E. R. O quanto já foi construído do muro de Trump? **BBC News**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46770210>> Consulta dia: 03/11/19
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Terra dos Homens: a Geografia**. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. Introdução: Uma, ou algumas, abordagem(ns) cultural(is) na geografia humana. In: SERPA, A. **Espaços culturais: Vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 13-29.
- \_\_\_\_\_. A paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 13-74.
- COGO, D; BARTH, D. L. Redes Sociais e usos da internet por migrantes brasileiros na Espanha. **Revista O público e o privado: Dossiê Política, Comunicação e Cidadania**, v. 07, n. 14, p. 51-66, 2009. Disponível em [http: < https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2614/2087 >](http://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/2614/2087) Acesso: 05/06/2021.

CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Introdução a geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. Geografia cultural: apresentando uma antologia. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 07 – 14.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 105 – 118.

DAMIANI, A. L. **População e geografia**. São Paulo: Contexto, 2014.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfico**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** São Paulo: Centauro, 2005.

DERRUAU, Max. **Geografia Humana 1**. Portugal: Presença, 1982.

DUNCAN, J. S. O supraorgânico na geografia cultural americana. **Espaço e Cultura**, n. 13, p. 7-33, jan./jun. 2002.

\_\_\_\_\_. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 91-132.

FERNÁNDEZ, A. J. Padilla. Venezuela entre la hegemonía y la contra-hegemonía (una lectura contextual para comprender una complejidad socio-histórica). **Textos & Debates**, Boa Vista, n.32, p. 175-198, jan./jun. 2019

FRIERA, S. Aporofobia: termo para "aversão aos pobres" é eleito palavra do ano na Espanha. **Carta Maior**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Direitos-Humanos/Aporofobia-termo-paraaversao-aos-pobres-e-eleito-palavra-do-ano-na-Espanha/5/39047>>. Acesso em: 3 de nov. de 2019.

GANDY, M. Paisagem, estética e ideologias. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.75 - 90.

GEORGE, Pierre. **Geografia da População**. São Paulo: DIFEL, 1981.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 169-190.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. HALL, S. WOODWARD, K. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 103-133.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HOLZER, W. **Paisagem e lugar**: um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI. 1994. 233f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea. **Geographia**, ano V, n. 10, p.113-123, 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre territórios e lugaridades. **Revista Cidades**, v. 10, n. 17, p. 18-29, 2013. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/3232> Acesso em: 18/12/2019

\_\_\_\_\_. **A geografia humanista**: sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.

KENICKE, P. H. G.; LORENZETTO, B. M. O estatuto do estrangeiro e a mudança da fundamentação da política migratória brasileira. **Direito e Desenvolvimento**, v. 8, n. 2, p. 195-209, 2017.

KOZEL, S. T. Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S. T. GIL FILHO, S. F. (Org.). **Da percepção e cognição à representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem - EDUFRO, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MARDAROLA JR., E. Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and placelessness, de Edward Helph. **Geografia**, v. 41, n. 1, p. 5-15, jan./abr. 2016.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENDES, F. S. **Do consenso ao dissenso**: o Movimento Bolivariano e o ressurgimento da política na Venezuela. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ciências do homem e Fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973.

NOGUEIRA, A. R. B. **Percepção e representação gráfica**: a geograficidade nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus: Edua, 2014.

OLIVEIRA, M. M. **Dinâmicas migratórias na Amazônia contemporânea**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

PERTENCIMENTO. In: **Dicionário de Diretos Humanos**. São Paulo: ESMPU, 2019. Disponível em: <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento#:~:text=Pertencimento%2C%20ou%20o%20sesenti men%20de,destacar%20caracter%C3%ADsticas%20culturais%20e%20racraci>> Acesso em: 12 de ago. de 2020.

RANGEL, M. **EDUMIGRA**: Lançamento do projeto. Evento virtual (Canal do Escravo, nem pensar! no Youtube), 20 de outubro de 2021. 1 vídeo (34:29) [Live], disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8q2VpnMyHqQ>. Acesso em: 10 de mai. 2022.

RODOVIÁRIA de Manaus será local de pernoite para venezuelanos. **Portal a crítica**, Manaus, 2019. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/rodoviaria-de-manaus-sera-local-de-pernoite-para-venezuelanos>> Acesso em: 14 de out. 2021.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 181-215.

SAYAD, A. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SEEMANN, J. Cartografia e cultura: abordagens para a geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. RODENDAHL, Z. (Org.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 115-156.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. HALL, S. WOODWARD, K. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

SIMÕES, G. F. **Perfil Sociodemográfico e Laboral da imigração venezuelana no Brasil**. Curitiba: CRV, 2017.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2004.

TEIXEIRA, I. M. R. Os fazedores de territórios: migração e ruralidades no contexto urbano. **REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v.1, n.1, p. 1-12, jul./dez. 2008.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2015. <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/download/559/437/>.

\_\_\_\_\_. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

VASCONCELOS, I. S. "**Desejáveis**" e "**Indesejáveis**": diferencialidades e paradoxos no acolhimento de venezuelanos em Roraima e no Amazonas. Tese (Doutorando em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

VAINER, C. B. Deslocamentos Compulsórios, restrições à Livre Circulação. In: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 1998, Caxambu. **Anais do XI Encontro**

**Nacional de Estudos Populacionais.** São Paulo: ABEP, 1998. p. 819-835. <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/download/559/437/>

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. HALL, S. WOODWARD, K. (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-72.